

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“SE MOSTRAM DE NOVO OS BUGRES”
Abordagens da Imprensa Catarinense sobre o Indígena
(1900-1914)

ROSILENE MARIA ALVES

Orientador: Prof. Dr. João Klug

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito parcial à obtenção do
grau de Mestre em História.

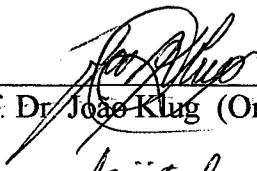
Florianópolis, novembro de 2000.

SE MOSTRAM DE NOVO OS BUGRES
ABORDAGENS DA IMPRENSA CATARINENSE SOBRE O INDÍGENA
(1900 – 1914)

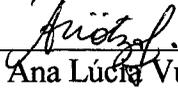
ROSILENE MARIA ALVES

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do
título de MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

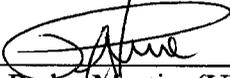
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Klug (Orientador/UFSC)

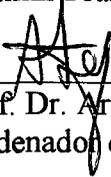


Prof.ª Dr. Ana Lúcia Vulfe Nötzold (UFSC)



Prof. Dr. Pedro Martins (UDESC)

Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro (UFSC)



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 06 de novembro de 2000.

**"Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda" (Fernando Pessoa)**

Agradecimentos

Aos meus pais que sempre, sempre estiveram do meu lado e me permitiram também estar do seu.

Ao professor João Klug, meu orientador, pelo estímulo e contribuições.

Às amigas Rita, Virginia, Suzana, Juçara e Priscila companheiras de vida e de fé, que me ouviram, incentivaram e me socorreram em alguns daqueles momentos enlouquecidos.

Ao Pedro, pelo estímulo, desprendimento, pelas correções e contribuição no trabalho e junto com Tânia tem me “avizinhado” com uma amizade especial.

Às amigas Josiane e Karen, pelo incentivo e companheirismo.

A todas as pessoas amigas e queridas que, ao nomear temo omitir, ao me ouvirem falar sobre o trabalho não me negaram palavras de apoio, ouvir sincero, ou me ofereceram alternativas.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de estudo.

A Deus, presença marcante e plena.

RESUMO

Este trabalho pretende, através do uso do jornal, enquanto fonte documental de pesquisa, evidenciar as falas proferidas em relação ao indígena, durante os anos de 1900-1914 em alguns jornais de Florianópolis, Blumenau, e Joinville e Itajaí. Tais jornais apresentam-se revelando o seu tempo presente, interagindo na construção da realidade social vivida por homens e mulheres naquele momento histórico. Eles são instrumentos sociais, constituindo-se como formadores de opinião pública. As aparições de notícias, sobre os indígenas nos jornais, traz para o território escrito a presença de vários sujeitos sócias que empreendem falas sobre a relação com estes, que caracterizam os discursos próprios de seus lugares na sociedade: religioso, oficial, intelectual. Sendo assim, os jornais movimentaram o imaginário do período, onde o indígena presente em suas páginas é envolto em discursos que promoviam seu apagamento enquanto pertencentes a grupos distintos com culturas próprias, sendo-lhe negada a relação pela diferença, justificando, por exemplo, o ideal colonizador que empreendia discursos voltados prioritariamente para os modos de tomar posse. Os jornais da época revelam um contexto histórico onde as teorias raciais se imbricavam com o ideal de sociedade civilizada e os indígenas eram tomados enquanto objeto de estudos científicos e como contraponto do ser civilizado.

ABSTRACT

This work intends to show the discourse concerning indigenous people, using the newspaper as a documentary source of research during the 1900-1914 period in some papers from Florianópolis, Joinville and Itajaí. The newspaper is presented in the present, revealing its present time, when it used to interact in the construction of the social reality experienced by men and women in that historical moment. As a social instrument the newspaper constructs the public opinion. The appearance of news about the indigenous in the newspaper brings to the written domain the presence of several social subjects who develop talks about their relation with the indigenous. These talks show their characteristic places in society: religious, official, intellectual. Therefore, the newspaper moved the imaginary of the period in which the indigenous character present in those pages is surrounded by discourses which promote their erasure as members of distinct groups with their own cultures. Their relation of difference has been denied, as for example, in the colonizing ideal of discourses primarily directed to the ways of taking hold of. The newspapers at that time reveal a historical context in which racial theories were blended with the civilized social ideal and the indigenous were taken as object of scientific studies and opposed to the civilized being.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I – OS JORNAIS E O INDÍGENA EM EVIDÊNCIA	21
A Imprensa.....	22
A Imprensa nas Colônias	23
A Imprensa da Capital	30
Os Leitores	32
As Manchetes	33
Notícias: temas e textos	37
CAPÍTULO II – CIVILIZADO	42
Incivilizado	52
CAPÍTULO III – RELAÇÕES PLANEJADAS	56
Festival de Batismos	61
Uma Ação Patriótica	65
SPI.....	70
Posto de Atração	81
CAPÍTULO IV – O INDÍGENA: CONSTRUÇÃO DO SUJEITO	88
Identificando o Indígena	92
Bandido, Ladrão e Assassino	98
“O Theatro do Crime”	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
FONTES	110
BIBLIOGRAFIA	123

INTRODUÇÃO

Faz algum tempo que ler e ouvir na mídia sobre acontecimentos envolvendo indígenas chama-me a atenção. Ciente que, noticiar é também construir um conhecimento sobre o sujeito da notícia, me deixa alerta para as entrelinhas, para o silenciado, para o envolvimento de muitos desses meios de comunicação com interesses escusos e projetos e falas cercados de ambigüidades. Os jornais, em especial, são muitas vezes porta-vozes de falas oficiais ou ainda se recomendam com uma oficialidade, investidos pela canonicidade que os relatos tomam por meio do registro escrito.

Esta relação entre notícia jornalística e indígena, esteve também presente em Santa Catarina nos primeiros anos do século XX. Período onde vários jornais foram surgindo, evidenciando notável crescimento da imprensa catarinense. Portanto, as trilhas desta pesquisa vão ao encontro dos jornais como fonte documental e do indígena enquanto sujeito da notícia. Visto que, nem indígenas e nem imprensa se apresentam em contexto isolado. Neste recorte de espaço e tempo, são várias as relações que se estabelecem.

Os anos de 1900 a 1914 são o recorte histórico deste trabalho, nos quais a disponibilidade de jornais para a pesquisa é expressiva. O período é significativo pela recente mudança da ordem política, onde o Brasil tornou-se República, promovendo transformações de ordem social, inquietações e mudanças de idéias.

O advento da República não traz atrelado a si um marco no tratamento da questão indígena. Tal questão não teria sido motivo de embates para o estabelecimento do novo regime político como o foi a questão negra, com a abolição do sistema escravista, onde os

jornais tornaram-se espaço de muitas controvérsias sobre o assunto¹. No entanto, nas formulações sobre raça², civilização e progresso, neste período republicano, o indígena tornou-se tema de discussões, o que se evidencia nos jornais de forma direta ou indireta. Ainda assim, se empreendeu sobre os indígenas naquele momento, ações de ordem estadual marcadas também por projeto federal que culminou na aproximação, pacificação e aldeamento dos Xokleng.

Tratar com as notícias jornalísticas, compreende não a busca pela verdade dos fatos ali enunciados, na construção de uma seqüência de acontecimentos, mas a compreensão da trama discursiva que estabelece sentidos para os encontros e confrontos entre imigrantes, governo e indígenas, designando tanto o que diziam as pessoas como o que foi praticado. Neste contexto a imprensa se situa a partir de uma imagem de credibilidade perante a sociedade, perante seus leitores.³

Interessada na produção jornalística e reconhecendo a importância da imprensa catarinense no princípio do século XX, empreendo como objetivo deste trabalho à recuperação e o entendimento da dinâmica que se estabelece em relação à construção e manipulação de representações sobre o indígena, enquanto se intensificam os conflitos entre estes e os colonos, no momento de maior movimento imigratório para o Estado de Santa Catarina. Momento este, onde estariam em alta algumas preocupações e teorias de ordem política, social e científica, interessadas em incluir os indígenas em seus pressupostos.

¹ Vide, GRAF, Márcia. *Imprensa, Periódicos e Escravidão no Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1981; SCHWARCZ, Lillian M. *Retrato em Branco e Negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

² O termo raça passa a ser inserido na literatura mais especializada no início do século XIX. Teorias sobre a questão da raça vão ganhando fôlego nesse momento. O Brasil, que se torna observatório para certos estudiosos estrangeiros envolvidos com a teoria de miscigenação, promoveria entre os intelectuais locais escritos que respondessem às interpretações pessimistas sobre a mestiçagem. Alguns buscariam na idéia do branqueamento a solução para tal impasse. Neste sentido nota-se o destaque para outras idéias, a exemplo de civilização e progresso, como decorrentes do debate sobre o tema racial. Elas fundamentavam argumentos acerca das diferenças sociais.

SCHWARCZ, Lillian M. *O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras 1993: 18.

³ SILVA, Telma Domingues da. "Referências de Leitura para o Leitor Brasileiro na Imprensa Escrita". In. ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *A Leitura e os Leitores*. Campinas/SP: Pontes, 1988: 172.

Foram concepções e representações formuladas pela sociedade não-indígena⁴, detentora desse meio de comunicação, onde ao indígena coube as atribuições que buscavam negar sua condição humana ou mesmo condicionar sua humanidade a pressupostos estabelecidos e discutidos pela sociedade branca. A questão indígena, problema produzido dentro de uma realidade social da época, promoveu o surgimento de ligas de defesa, deliberações oficiais, manifestações, projetos, etc. Portanto, a apropriação do jornal como fonte documental significa vê-lo não como veículo imparcial de divulgação do que classifico como “questão indígena”, mas como agente localizado e relevante da sociedade que produzia, refletia e representava percepções da época.⁵

É relevante na concepção dessa pesquisa o trabalho de Schwarcz, “Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no século XIX”, onde busca não a condição negra em si, mas o modo como brancos falavam de negros e os representavam num momento de mudança e transformação através dos jornais. Ao utilizar o jornal como fonte documental, a autora passa a tê-los enquanto “produto social”, resultante de um ofício exercido e socialmente reconhecido, apresentando-se como objeto de expectativas, posições e representações específicas⁶, fornecendo também contribuições para a temática sobre as teorias raciais discutidas no Brasil entre 1887 a 1930.⁷

Dentre os trabalhos que tomam o jornal como fonte documental, relacionados com a temática indígena em Santa Catarina, temos o trabalho de Daércio Kieser⁸, onde o bugreiro

⁴ Escolho usar o termo não-indígena para me referir à sociedade nacional, pois a referência à raça não comporta a classificação da comunidade nacional. Aliás, esta idéia de classificação já é por si só desconfortável por possibilitar noções rígidas ou estáticas em relação aos grupos em questão. Contudo, no decorrer do trabalho, por conta da conotação dada ao conceito de raça naquele momento, o termo “branco” será usado de acordo com a referência documental e também como sinônimo de civilidade. O mesmo se dará em relação ao uso do termo civilizado, que também era usado como sinônimo de membro da sociedade nacional. Em alguns momentos, por conta da documentação, populações locais poderão ser identificados como os alemães, imigrantes ou colonos.

⁵ SCHWARCZ, 1987: 17.

⁶ Idem: 15 e 16.

⁷ SCHWARCZ, 1993.

⁸ KIESER, Daércio. *Um Discurso para Justificar a Ação Bugreira*. (Trabalho de Conclusão de Curso em História) Florianópolis: UFSC, 1992.

é o sujeito do estudo. Ele aponta a imprensa como órgão que agia de acordo com um projeto colonizador e tinha no progresso sua palavra de ordem. Neste contexto tornava-se necessária uma produção ordenada de riquezas e o colono fixado no interior, no território ainda “selvagem”, seria um dos agentes desse projeto. O indígena ficava à margem desse processo, por não se submeter ou não se deixar atingir por ele. Neste sentido, o jornal para Kieser, internaliza o projeto e propaga-o. Suas reflexões sobre seu sujeito histórico são pertinentes diante da dinâmica discursiva da imprensa.

Com uma outra abordagem teórica, Fernando Scheibe ao selecionar e transcrever documentos que faziam parte da série “Ofícios dos Delegados e Sub-delegados de Polícia ao Presidente da Província de Santa Catarina (1842 –1892)”, referentes ao indígena, tece em sua introdução algumas considerações sobre a leitura de tais ofícios. Não os toma como documentos, mas como discurso, trazendo então, o que foi minha primeira leitura sobre esta abordagem teórica para tratar da questão indígena em Santa Catarina, o que ele próprio denominou “questão do índio” como campo discursivo, que se apresenta como proposta no estudo sobre a presença indígena no Estado e na historiografia catarinense.⁹

Sobre a presença indígena e questões ligadas a ela, tem destaque os inúmeros trabalhos de Sílvio Coelho dos Santos, que escreve com frequência sobre o tema. Dois de seus recorrentes trabalhos datam da década de 70. A “Nova História de Santa Catarina”, direcionada a professores e alunos, recebeu recente reedição, tratando da presença indígena no Estado com mais insistência do que outros escritos sobre a história de Santa Catarina como proposta escolar. No livro “Índios e Brancos no Sul do Brasil”,¹⁰ concentra-se na reconstituição da história das relações entre os Xokleng e a sociedade nacional, desde os

⁹ SCHEIBE, Fernando. *Ofícios dos Delegados e Sub-delegados de Polícia ao Presidente da Província de Santa Catarina (1842 –1892)*. Série Filológica do Núcleo de Estudos Portugueses. UFSC. Mimeografado, sem data.

¹⁰ SANTOS, Sílvio Coelho. *Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Porto Alegre: Movimento; Brasília: MiC/Pró-Memória/INL, 1987.

primórdios do contato até a década de 70. Santos tem acesso e utiliza-se de várias fontes documentais em sua pesquisa. Vale ressaltar que estes escritos, editados na década de 70, inserem-se no contexto de escritos historiográficos da respectiva época.¹¹

Outros escritos são produzidos por historiadores que se lançam em pesquisas sobre municípios, histórias locais, caracterizando-se como histórias tradicionais. Estes se enquadram na categoria apontada por Cristina Wolff como “abordagem local tradicional”, sendo consagrados e creditados por muitos como parte da história oficial de Santa Catarina.¹² Muito desses escritos buscam uma certa identidade local ou mesmo catarinense, constituindo alguns sujeitos como pertencentes a grupos hierarquicamente predominantes enquanto outros grupos são desviantes, desqualificados, marginalizados. Os indígenas se incluem predominantemente no segundo grupo, marcados pela omissão ou, na melhor das hipóteses, por uma visão simpática, mas que os enquadra como vítimas de poderosos processos externos à sua realidade.¹³

Ao tratar com práticas de representação, aplico esta categoria enquanto matriz de discursos e práticas diferenciadas que têm por objetivo a construção do mundo social e, como tal, à definição contraditória das identidades, tanto a dos outros como as suas. As representações do mundo social estão determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Buscar compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio é o que sugere

¹¹ A década de 70 marca os escritos historiográficos através das questões sobre a identidade catarinense, onde a integração cultural estaria se encaixando com a construção de identidade. FREITAS, Patrícia. *Margem da Palavra, Silêncio do Número: o negro na historiografia de Santa Catarina*. (Dissertação de mestrado em História) Florianópolis:UFSC, 1992:79. E ainda, os que integravam os Institutos Históricos e Geográficos, diante dos desafios de suas respectivas épocas, buscaram atribuir um significado à história das populações indígena. MONTEIRO, John M. “O Desafio da História Indígena no Brasil”. In. SILVA, Aracy L. (org). *A Temática Indígena na Escola*. MEC/MARI/UNESCO, 1995:222.

¹² WOLFF, Cristina S. “Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate”. In. *Revista Catarinense de História*. No. 2. Florianópolis:Terceiro Milênio, 1994:10.

¹³ MONTEIRO, Idem: 227.

Chartier.¹⁴ Nesta concepção, as percepções do mundo social não passam por discursos neutros pois produzem estratégias e práticas. Em relação à questão indígena elas são de ordem política, social e religiosa.

Pensando o discurso, vale fazê-lo não enquanto uma simples seqüência onde um fala e o outro decodifica, mas, perceber que estão realizando ao mesmo tempo o processo de significações, portanto, não estão separados de uma forma estanque. O discurso não fica entendido como mensagem passada, como transmissão de informações apenas. Mas sim, uma relação entre sujeitos formada por sentidos, é um processo de construção de ambos.¹⁵ Tratar com discurso é buscar vê-lo como estando longe de ser transparente e neutro naquele momento.¹⁶

Neste caminho, perceber o texto jornalístico como discurso, e entrar em contato com algumas reflexões teóricas sobre análise discursiva, veio reafirmar o papel da palavra nas relações sociais. Para esta pesquisa, a palavra escrita, de características próprias, como linguagem jornalística. Como tal, desencadeia implicações próprias como ato social, onde podemos perceber as relações de poder, os conflitos, a constituição de identidades, os preconceitos, o não dito. Onde as representações do mundo social estão determinadas. No entanto, não me aproprio da análise de discurso como fundamentação teoria nesta pesquisa, visto que, os documentos são visto como fontes documentais e não como textos discursivos.¹⁷

No princípio, foram idas a arquivos e bibliotecas públicas em busca de fontes documentais para realização de mais um trabalho de pesquisa¹⁸. O tema, no entanto, era

¹⁴CHARTIER, Rocher. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro:Bertrand/Difel,1990:17.

¹⁵ Ver ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. 3.ed. São Paulo:Cortez ; Campinas Editora da UNICAMP, 1996. ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso:princípios e procedimentos*. Campinas:Pontes, 1999.

¹⁶ FOUCALUT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996: 09.

¹⁷ Orlandi especifica o domínio da análise de discurso que estabelece um objeto-linguagem, onde procura tratar do fenômeno lingüístico e não meramente do seu produto. ORALNDI, 1999: 16 e 17.

¹⁸ Durante o período de graduação tive a oportunidade de participar de algumas pesquisas. Destaco o projeto de pesquisa integrada, financiado pelo CNPq, intitulado "A Estação do Chopp: Histórias das festas teuto-brasileiras

arquitetura enxaimel.¹⁹ Em meio aos vários documentos pelos quais passava o olhar, ia se evidenciando a presença indígena: nas cartas dos colonos, nos relatórios oficiais das colônias e em alguns jornais. A partir daí, fiquei envolvida em vários questionamentos.

Sendo o período abordado, no trabalho citado, o início da colonização alemã no Estado de Santa Catarina, não eram muitos os jornais disponíveis. No entanto, deste contato, ficou à motivação para pesquisar nos jornais posteriores a este momento inicial da colonização. Momento também significativo, no que diz respeito ao crescimento da imprensa catarinense. Portanto, o período histórico a pesquisar, 1900 a 1914, teve o seu limite inicial estabelecido pela disponibilidade documental, ao mesmo tempo em que, inserido no contexto da recém estabelecida República e o desfecho da “pacificação” dos índios Xokleng em Santa Catarina.

As primeiras perguntas se formularam: o indígena seria notícia freqüente nestes jornais locais? Sendo ele notícia e os jornais escritos pelo não-indígena, que concepções os definiam? que relações se estabeleciam? Neste caminho, o jornal torna-se fonte documental privilegiada por traduzir e preservar parcela importante da realidade e mentalidade do momento onde o indígena estava inserido em forma de texto como tema freqüente. Estas freqüentes aparições como “pedaços de significação”, revelam as várias visões a partir das quais se falou sobre esse indígena.²⁰ Os jornais instigam a olhar para esse indígena, que aparece insistentemente em suas páginas.

No início do século XX, a imprensa de Santa Catarina evidenciava notável crescimento, movido pelo espaço cada vez maior que alcançava como órgão noticiador e gerador de expectativas. Os jornais pesquisados neste trabalho: *O Dia*, *Blumenauer*

em Santa Catarina” (1994), que resultou no livro *Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do Choop*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

¹⁹Essa pesquisa resultou em um Banco de Dados para o IPHAN, em 1996.

²⁰ SCHWARCZ, 1987: 15.

Zeitung, *Gazeta de Joinville*, *Novidade* e outros, tiveram como um dos critérios de escolha, sua abrangência no período delimitado para a pesquisa.

A pesquisa nos jornais escritos em língua alemã, publicados nas colônias de Blumenau e Joinville, limita-se a artigos traduzidos por que não leio alemão. Lancei mão, também, de artigos que eram escritos em jornais de língua alemã e republicados nos jornais escritos em português. Com isso, artigos traduzidos diretamente dos jornais em língua alemão, apesar de esparsos, se tornaram significativos por interagirem tanto com aqueles que se encontravam republicados como os publicados em jornais de língua portuguesa.²¹

A relação com os jornais se estabeleceu a partir das leituras feitas primeiramente nos jornais da capital, por ser esta, o centro administrativo das decisões oficiais. A partir da leitura e das freqüentes referências a imigrantes alemães e suas colônias estabelecidas fui buscar os jornais publicados em Blumenau e Joinville, Itajaí.

Em Santa Catarina a entrada de maior número de imigrantes se fará ao final do século XIX e início do XX²². Para a abordagem da questão indígena este registro é ponto importante. A imigração em grande escala promoveu ações mais específicas de iniciativa governamental e leiga, sendo uma delas a nomeada pacificação dos indígenas, em 1914, nos arredores do Rio Plate, na região atual de Ibirama. Nesse período os artigos voltados para o sujeito indígena ganham maior espaço. Lá estavam jornalistas, redatores, editores, noticiando

²¹ Dentro do período escolhido para abordagem do tema, em Joinville foi possível pesquisar na *Gazeta de Joinville* (1893/1905-1913) e *Commercio de Joinville* (1905 a 1913) escritos em português. Já em Blumenau dois jornais circularam no período, o *Blumenauer Zeitung* (1881-1938) e *Der Urwaldesbot* (1893-1941), jornais de maior expressão, dos quais tive acesso a alguns números traduzidos.

²² A imigração tem, de meados do século XIX até inícios do século XX, seu reconhecido movimento. Em certos períodos distintos, em maior ou menor escala. João Klug distinguiu três grandes fases da imigração para o Brasil, sendo a primeira nos anos de 1815 a 1865, a segunda de 1865 a 1895 e, a terceira entre 1895 e 1914. Sendo que, na terceira fase, ocorreu a entrada de um maior número de pessoas. KLUG, João. *Imigração e Luteranismo em Santa Catarina. A comunidade Alemã de Desterro-Florianópolis*. Florianópolis: Papa Livro, 1994: 26.

o que era de interesse, com a linguagem própria do ofício, retratando os olhares daquela sociedade.

Era possível para os emigrantes que se dirigiam da Europa para o Brasil, terem informações que nas terras disponibilizadas pelo governo para colonização, habitavam também indígenas. Tais informações aconteciam tanto através de notícias das colônias publicados nos jornais na Alemanha, como pelas cartas enviadas pelos colonos a parentes deixados na Alemanha, ou mesmo, através das publicações produzidas pelas companhias colonizadoras.²³

O movimento migratório para Santa Catarina promoveu a ocupação de novas áreas, influenciando decisivamente na redistribuição espacial da população, num movimento contínuo, definindo novos fluxos sobre o território, acarretando mudanças também para populações já residentes, estabelecendo vínculos sociais.

O governo, como propiciador legal e oficial desse movimento de entrada do contingente estrangeiro, estabeleceu, mediante leis, acordos e concessões, os critérios para essa ocupação, através de leis de terras, de subsídios para recebimento de imigrantes, de contratos com empresas colonizadoras. Iniciativas privadas, que injetaram no Estado uma porcentagem maior de imigrantes. Garantia-se “oficialmente” a fixação dessas pessoas em áreas “oficialmente” ditas não ocupadas, que no entanto eram ocupadas por grupos indígenas, ainda que não sistematicamente, devido à mobilidade geográfica das populações indígenas no território em questão.

Em 1895, o governador do Estado, Hercílio Pedro da Luz, estabeleceu novo contrato com a Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo, para futuras ocupações de terras catarinenses, onde consta o compromisso do Estado em vender 600 mil hectares de

²³ Tais notícias, nem sempre apresentavam os resultados dos encontros mais desastrosos entre indígena e colono. Muitas vezes a presença e relação com o indígena era noticiada como algo controlável. Alguns defendiam que não se devia espalhar medo entre os que ainda pretendiam vir para as colônias em Santa Catarina.

terras devolutas²⁴ para o estabelecimento de novas colônias de imigrantes, nas regiões de Blumenau, Lages, Curitiba e São Bento, ficando a Sociedade autorizada a introduzir por 20 anos, um número anual de 6 mil imigrantes. Este contrato proporcionou o surgimento, em 1897, da Sociedade Colonizadora Hanseática, vinculada a grandes empresas alemãs de navegação transatlântica.²⁵ Isto mostra o empenho do governo e o interesse das empresas estrangeiras em promover a entrada de imigrantes no Estado. Os números não foram alcançados nem na aquisição de terras por parte da Sociedade, por dificuldade de capital para compra, nem na introdução de imigrantes europeus. Fora necessário, por parte da Sociedade, valer-se da introdução de colonos nacionais para cumprir em parte o contrato com o governo.

Os jornais, por sua vez, participavam aos seus leitores o movimento de imigrantes, apontando as condições desfavoráveis como também os sucessos obtidos, tanto na chegada, quanto no estabelecimento dos mesmos. São matérias que tratam da ocupação do solo, voltadas para os critérios de estabelecimento dos colonos e da ocupação das terras destinadas a eles. Notícias que contabilizavam a entrada de imigrantes no país, ou anunciavam em tom ufanista, o sucesso de certos empreendimentos coloniais. Um exemplo disso foi a publicação no jornal *O Dia*, sob o título "Excursão a Blumenau", da visita promovida pelo governador ao interior de Blumenau, em que destaca: [...] *em cada um dos núcleos que teve ocasião de visitar, pode observar a pratica de uma orientação caçada na ordem e no trabalho [...] os núcleos de energia e de vitalidade das raças que nos vem d'além atlântico abrir novos mundos, mais largos horisontes.*²⁶

²⁴ Este termo é usado frequentemente em documentos oficiais, Cabral, por exemplo, refere-se a terras devolutas numa situação onde uma colônia que não deu certo teve suas terras tomadas pelo Governo, tornando-se devoluta. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. 3.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987: 209.

²⁵ RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis: Ed. UFSC / Blumenau: Ed. FURB, 1986, pp. 18 a 20.

²⁶ O DIA. Florianópolis, 27 de junho de 1906.

No entanto, o empenho do governo e mesmo opiniões contrárias à forma de estabelecimento desses imigrantes encontradas nos jornais, inclui-se em certas correntes de discussão daquele momento. A imigração não dizia respeito somente à viabilidade de mão de obra livre para um país que abandonará a escravidão. Era também pertinente ao momento discussões empreendidas pela elite brasileira, referente às teorias raciais que norteavam os padrões científicos da época, pelas quais se intencionava promover uma regeneração dos males atribuídos ao expressivo contingente de negros, mestiços e índios na população brasileira, dando assim lugar ao branqueamento desta população.²⁷

As trilhas que me levavam ao indígena no território escrito dos jornais, trouxeram outras perguntas: como me referir a ele? Como nomeá-lo? Afinal estou me embrenhando por uma trilha onde procuro ver o indígena que foi descrito pelos não-indígenas e, estas tantas vezes nomeavam indivíduos ou grupos com termos que não identificava um grupo específico, mas generalizava-os, como por exemplo, no uso constante do termo “Bugre”. Termo que não só generalizava como apresentava teor pejorativo.

Para Santos, este termo, com teor pejorativo é usado em todo o Sul do Brasil para designar indistintamente qualquer indivíduo pertencente a qualquer grupo indígena, encerrando a noção de selvagem e inimigo.²⁸ Catharino acrescenta que o termo, além de designar índios do sul, qualifica os bravios em geral. No sentido figurado, significa o indivíduo desconfiado, arredo, rude, inculto, grosseiro.²⁹ Este termo aparece frequentemente nos jornais, muitas vezes encerrando num título toda a generalização de um artigo referente a um grupo.

²⁷ FALCÃO, Felipe. “A Guerra Interna: Integralismo, nazismo e nacionalismo”. In. BRANCHER, Ana. *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999:169.

²⁸ SANTOS. Op. Cit: 30.

²⁹ CATHARINO, José Martins. *Trabalho Índio em Terras de Vera Cruz ou Santa Cruz e do Brasil. Tentativa de resgate ergonológico*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995:17.

Se no período em estudo, a categorização dos grupos era limitada pelo não desenvolvimento da antropologia com estudos sobre as diversidades culturais, o uso freqüente de termos que generalizavam os grupos, não parece somente indicar seu uso por este desconhecimento, mas por uma escolha indicativa de que sendo Botocudo ou Coroado, eles estariam sujeitos a ser nomeados como Bugres, numa representação de ordem inferior, os jornais usavam constantemente o termo Bugre como título de artigos. Outras expressões com a função de identificar, como selvagem e semi-civilizado, serão expressas, cercadas de teor também pejorativo.

No decorrer de todo o período pesquisado, tratar com um só grupo como sendo o mais importante no território de colonização, principalmente no Vale do Itajaí, seria negar a presença e as significações deste território para outros grupos como Coroado/Kaingang e Guarani, negando a relação da ocupação dos territórios para estes grupos indígenas. Nas leituras dos jornais, os grupos estariam se apropriando deste território cada um de sua forma. Se por um lado os agentes, na ordem social e política, buscavam descaracterizar, negando importância à diversidade cultural entre os grupos indígenas circulantes, por outro a dificuldade em reconhecê-los indicava a circulação territorial permanente de outros grupos.

A categorização mais específica dos grupos em questão na etnologia é de Xokleng e Kaingang, como trata Santos em seu trabalho mais específico sobre os Xokleng, indicando ainda que estes grupos viviam nas florestas dos vales e das encostas e no planalto. Quanto à designação de Botocudo para os índios Xokleng, observa que o mesmo acontece pelo uso do adorno labial *tembetá*, usado por membros adultos do sexo masculino. Ressalta que o termo tem certa conotação negativa, mas que os índios costumam ainda usar para se autodenominarem.³⁰

³⁰ SANTOS. Op.cit: 30.

No trabalho de Paraíso, indígenas com a denominação de Botocudo teriam sido contatados desde o início da colonização do Brasil, pertencendo ao tronco lingüístico Macrô-Jê. Seu território seria as grandes faixas da Mata Atlântica e Zona da Mata, “cujos limites prováveis seriam o Vale do Saete, na Bahia, e Rio Doce no Espírito Santo”.³¹ Tal denominação caracterizou-se de forma genérica, sendo-lhes atribuído o nome pelo uso que faziam de botoques labiais e auriculares. O termo Botocudo, para a autora, também foi atribuído a outros grupos, generalizando-se assim até fins do século XIX quando, por “força” dos contatos e aldeamentos, possibilitou-se o conhecimento de vários subgrupos com suas várias autodenominações.³²

Neste trabalho, reconheço a categorização Xokleng e Kaingang como referentes respectivamente aos Botocudo e Coroado, apresentados nos jornais do período em que pesquisei, como também o uso de Guarani para o grupo que assim se identifica. Sem querer dissociar a referência de identificações dos indígenas daquele momento com a sua identificação atual, usarei mais freqüentemente os termos Botocudo e Coroado, por conta do trato com as fontes. Ao pensar nas representações estabelecidas para a questão indígena, levo em conta não apenas as referências a Botocudo/Xokleng, Coroado/Kaingang, ou aos Guarani, mas a outros grupos indígenas enquanto presente nos discursos jornalísticos, uma vez que outros grupos do Brasil, como os Bororo, os Nambiquara ou mesmo indígenas das Ilhas Melanésia Papua Nova Guiné e dos Estados Unidos, aparecem nestes jornais tomando parte nas representações referentes a “questão indígena”.

Este trabalho se dividirá em quatro capítulos. O primeiro diz respeito aos jornais enquanto fonte histórica, mapeando a singularidade de alguns deles enquanto instrumento de

³¹ PARAISO, Maria Hilda B. “Os Botocudos e sua Trajetória Histórica”. In. CUNHA, Manuela Carneiro. *História dos Índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992: 413.

³² *Ibidem*: 423 e 428.

comunicação, levando em conta seus fundadores, editores e colaboradores, considerando a influência dos mesmos na sociedade, bem como a apresentação textual do assunto indígena nos mesmos. Já no segundo capítulo, os discursos sobre civilização ganham destaque, considerando a importância das discussões sobre o assunto naquele momento, onde o indígena se incluía como contra-ponto da civilidade.

O terceiro capítulo segue as repercussões e discussões que os jornais privilegiaram diante do surgimento de instituições como a Liga Patriótica para Catequese dos Silvícolas, fundada em Florianópolis, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), ou mesmo as ações católicas que projetavam um discurso oficial, estabelecendo representações, construindo também o seu indígena através dos jornais. E finalmente, através de um olhar para o todo dos textos, destaque no quarto capítulo, certas referências e ocorrências sobre o indígena que implicavam apresentar o outro.

CAPITULO I

OS JORNAIS E O INDÍGENA EM EVIDÊNCIA

Quando entrei em contato com as notícias nos jornais abordando a questão do índio, elas evidenciavam o caráter conflituoso da presença dos colonos, que ocupavam e se expandiam sobre territórios tradicionais indígenas. Palavras como ataques, mortes, roubos, terror, pipocavam das páginas amareladas dos jornais a tanto preservados.

Isto, a princípio, poderia esboçar somente o lado trágico da relação entre indígenas e colonos naquele momento, endossando assim o que alguns escritos historiográficos, expuseram como sendo a presença indígena na história de Santa Catarina, quais sejam: o seu extermínio, as invasões que os vitimaram, ou mesmo sua presença como sendo pouco significativa diante de uma história branca.

Mas, eis ali o jornal, revelando no meu tempo presente, através de sua particularidade documental, o seu tempo presente, onde o mesmo interagiu na construção da realidade social vivida por homens e mulheres naquele momento histórico particular, homens e mulheres que construíam “seu mundo”. E neste mundo a presença indígena era fato real, sendo que, pelos jornais, esta presença indígena assumia contornos estabelecidos pelas representações dessa sociedade.

Neste sentido, parece importante mapear tanto a singularidade de alguns periódicos, levando em conta seus fundadores e colaboradores, considerando a sua influência na sociedade, enquanto testemunha de seu tempo e ainda, os compromissos textuais assumidos

frente a seus leitores, bem como o assunto indígena que aparecia em suas páginas. A localização particular do assunto no jornal como um todo e a configuração das notícias na prática jornalística, leva à busca de confirmação de que, como notícia para o jornal, o sujeito indígena “emplacava”, ou seja, era relevante como aparição jornalística para aquela sociedade. Assim, estes dois temas, jornais e indígena, são a centralidade do encaminhamento deste trabalho: os jornais enquanto fonte documental e o indígena enquanto assunto recorrente neste documento. Está claro que não estou tratando com as notícias como expressões verdadeiras por si sós, nem considero a imparcialidade daqueles que as escreviam e representavam, uma vez que refletiam e representavam percepções e valores específicos daquele momento.¹

A Imprensa

Os jornais em Santa Catarina se estabelecem tardiamente em relação a outras Províncias, como no caso de São Paulo que funda seu primeiro jornal impresso em 1829. Aqui, a imprensa tem no jornal *O Catharina* seu primeiro expoente. Ele, que data de 1831, tem existência curtíssima. Somente após a segunda metade do século XIX os jornais tomam fôlego. Em fins do século XIX e início do século XX surge uma variedade e quantidade de jornais tanto em Desterro/Florianópolis como nas colônias alemãs de Blumenau e Joinville. Eles trariam a uma certa parcela da população o acesso às informações organizadas e elaboradas dentro dos critérios pelos quais se viam comprometidos como órgãos noticiadores.

Porta vozes de falas oficiais, proclamando posições acirradas de editores, retratando oposições políticas no trato de determinados assuntos, apresentam-se para a pesquisa como

¹ SCHWARCZ, 1987: 17.

fonte refratária daquela sociedade, podendo aqui ser entendidos como “produto social”. O discurso jornalístico “tanto se comporta como uma prática social produtora de sentidos como também, direta ou indiretamente, veicula as várias vozes constitutivas daquele imaginário.”²

Os jornais são instrumentos sociais, constituindo-se como formadores de opinião pública. Veiculam questões morais, notícias e comportamentos éticos, tendo destaque especial, para muitos, as questões político-partidárias. Apresentam-se, no entanto, como instrumentos pedagógicos, divulgadores de civilidade e moralidade.³

Os jornais publicados em Desterro/ Florianópolis, bem como nas localidades onde se concentrava o processo de ocupação e estabelecimento dos colonos como Blumenau, Joinville, Itajaí, trazem em suas páginas, freqüentemente, escritos sobre os indígenas que se inscrevem de várias formas.

A Imprensa nas Colônias

A imprensa teuto-brasileira, ao cumprir sua função como instrumento social, destaca-se ainda por defender os interesses dos imigrantes nas colônias, cumprindo papel importante juntamente com outras instituições sócio-culturais como a escola e a igreja.⁴ Para a celebração do centenário de Blumenau, em texto escrito sobre a imprensa teuto-brasileira,

² MARIANI, Bethania S. Corrêa. “Os Primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória)”. In. ORLANDI, Eni Puccinelli (org). *Discurso Fundador. A formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas, SP: Pontes, 1993:33.

³ PEDRO, Joana Maria. *Nas Tramas Entre Público e Privado: A imprensa de Desterro no século XIX*. Fpolis: Ed. UFSC, 1995: 31/32.

⁴ SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: FCC, 1981: 49.

Binder atesta que naquela cidade a imprensa exerceu profunda influência na vida social e política.⁵

Nos vários jornais fundados em Joinville⁶ entre fins do Império e início da República, evidencia-se o espaço que a imprensa busca para si na sociedade joinvillense nesses momentos. Porém, muitos deles tiveram existência curta. Outros, limitaram-se a determinados momentos políticos e/ou compromissos partidários, traço comum na imprensa daquele momento. A continuidade desses jornais dependia de vitórias eleitorais.

Dessa forma, alguns desses jornais duravam de um a dois anos, conforme as campanhas eleitorais, sendo possível um indivíduo constituir um jornal para o seu partido com o fim exclusivo de defender seu ponto de vista em épocas pré-eleitorais, ou mesmo para defender sua candidatura,⁷ o que era, também, comum em outras localidades.

Ao tratar do jornalismo teuto, Seyferth chama a atenção para o fato de que a prática jornalística, de certa forma, naquele momento, se confundia com a história dos seus fundadores e redatores, bem como com suas veiculações e alianças nas práticas políticas.⁸

O *Kolonie-Zeitung*, primeiro jornal publicado em língua alemã em Santa Catarina, teve como primeiro proprietário Ottokar Doerffel, professo de idéias liberais, membro de loja maçônica, participante ativo da vida sócio-cultural e econômica da colônia. No primeiro número, em artigo de primeira página, apresenta os propósitos e compromissos do jornal, priorizando em favor do colono ao informar as disposições e medidas do governo em relação

⁵BINDER, Frei João Capistrano. *Imprensa e publicidade*. In. *Centenário de Blumenau - 1850*, 2 de setembro, 1950. Blumenau: Comissão de Festejos, 1950:315.

⁶Estes seriam alguns dos jornais fundados em Joinville: *Kolonie Zeitung* (1862 - 1917), *Gazeta de Joinville* (1877 - 1883), *O Democrata* (1880-1886), *O Globo* (1884), *A União* (1884), *Balão Correio* (1884), *Constitucional* (1885 - 1886), *Neue Kolonie Zeitung* (1885 - 1886), *Reform* (1887-1889), *Folha Livre* (1887), *Sul* (1889-1890), *Volkstaat* (1891- 1894), *Joinville Zeitung* (1895- 1916), *Commercio de Joinville* (1900/1905-1913), *Gazeta de Joinville* (1905-1913), *Jornal do Povo* (1905) e outros, conforme: HERKENHOFF, Elly. *História da Imprensa em Joinville*. Fpolis:FCC,1998.

⁷CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Imprensa e Partidos Políticos*. In . PEREIRA, Moacir. *A Imprensa em Debate*. Fpolis:Lunardelli/ Assembléia Legislativa, 1980:42

⁸SEYFERTH, 1981.op. cit.: 50.

à colonização, como também sobre *leis e disposições locais, municipais e provinciais* que diretamente se dirigissem aos colonos, salientando ainda: *o jornal se propõe a defender os interesses dos colonos [...] não deixará de promover o que for proveitoso à comunidade e a combater o que lhe for prejudicial [...].*⁹

Esses proclamados compromissos diretos com os colonos se estendem às atividades sociais: comunicando e convidando para casamentos, óbitos, danças de salão, batismos e várias festividades; expondo os produtos de casas comerciais, no limiar do progresso que tanto se desejava. Esse pretense progresso, circunscrevia prosperidade, riqueza, desenvolvimento e avolumava-se nas páginas de jornal referendando textos que noticiavam: empreendimentos do Estado ou de Companhias privadas para instalação de estradas de ferro, no ufanismo de relatórios sobre a participação do Estado em Feiras Nacionais, ou ainda por “relatórios” de cidades ou colônias tidas em desenvolvimento. Sobre alguns desses fatos lemos: [...] *organizada em Berlim, pela Sociedade Colonizadora Hansiética, a Companhia Estradas de Ferro Santa Catharina [...] que vem trazer ainda maior prosperidade para a sua zona [...] as empresas de luz electricas, telephone e finalmente a de bondes [...] mostra o querer o progresso e incentivar cada vez mais os novos empreendimentos.*¹⁰

Ao trabalhar a questão negra nos jornais de São Paulo no final do século XIX, Schwarcz salienta que tanto as transformações da cidade, de pequena vila para centro nacional do café, bem como a sua imprensa, foram essenciais na busca para entender as representações dos brancos sobre os negros, nesse período. Na mesma época a imprensa vivia um momento importante da sua trajetória histórica no Brasil, por conta das transformações que faziam os jornais de pequeno porte tornarem-se empresas estáveis, constituídas e mantidas através de

⁹ HERKENHOFF, op. cit.:33.

¹⁰ REFORMA. Florianópolis, 03 de março de 1906.

verbas de grupos formados por segmentos da sociedade envolvidos nesses debates. Segmentos esses que se organizavam, veiculando, refletindo e produzindo novas representações.¹¹

Por motivo de grave enfermidade, Ottokar Doerffel passou a direção do jornal para Carl Julius Parucker, em janeiro de 1871. Mas ao recuperar-se, Doerffel voltou para a Alemanha e vendeu o seu jornal, em 1873, para o tipógrafo Carl Wilhelm Boehm, respeitado cidadão joinvilense, que tornou a typografia um empreendimento rentável. Com seu falecimento em 1889 os negócios passavam a ser administrados por sua esposa e filho, caracterizando-o como uma empresa familiar. Sobre esta particularidade, salienta Juarez Bahia, que a imprensa das últimas décadas do século XIX vai deixando para trás uma frágil estrutura individual, passando para as mãos de uma organização familiar, sólida, solidária, convergente em seu interesse de classe.¹²

No ano de 1877 surgiu o **Gazeta de Joinville**, publicado em língua portuguesa. Apesar de não revelar seu proprietário, era editado na gráfica de Boehm, sendo provável, também, ser ele o proprietário do jornal. Essa seria a primeira publicação de um jornal com esse nome, seguindo-se de mais duas.

Do **Gazeta de Joinville**, utilizei a publicação da terceira aparição do jornal com este nome, entre 1905 e 1913, impresso na tipografia de Schwartz, sendo a princípio dirigido por Crispim Mira. Esta tipografia era de propriedade de Eduardo Schwartz, fundador do jornal *Joinvillenser Zeitung* (1895-1916), federalista e opositor político do *Kolonie Zeitung*.

Surgindo também, pela segunda vez com um nome já lançado anteriormente, o **Comércio de Joinville** foi outro jornal editado em Joinville em língua portuguesa. Teve sua primeira edição no ano de 1900, sob a direção de Adolfo Peixoto, tendo existência curtíssima

¹¹ SCHWARCZ. 1987. op. cit.:16.

¹² BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica. História da Imprensa Brasileira*. 4ª ed. Vol. I. São Paulo: Ática, 1990:81.

e extinguindo-se no mesmo ano. Voltou em 1905, comandado pelo então deputado Abdon Batista.

O jornal **Commercio de Joinville** circulou até 1913 e, no ano seguinte, fundiu-se com o **Gazeta de Joinville** dando lugar ao **Gazeta do Commercio**, dirigido por Eduardo Schwartz e comprometido nesse momento com o Partido Republicano e com seu representante eleito, Abdon Batista¹³. Destaca, exemplificando assim, a função político partidária que assumia o jornal, no seu primeiro número: *O nosso programma é o mesmo que vinha realizando os nossos predecessores. Em política seremos soldados do Partido Republicano Catharinense que neste município tem como expoente o Senador Abdon Baptista.*¹⁴

Em Blumenau, o *Blumenauer Zeitung* ocuparia o lugar do *Kolonie Zeitung*, que circulara por aproximadamente 20 anos na referida colônia, como noticiário em língua alemã. Surgiu em 1881, da iniciativa de uma comissão de moradores da colônia, que lançara ações para aquisição de uma tipografia. Com a emancipação da colônia em 1883, o jornal tornou-se órgão oficial do município, tendo como redator responsável Hermann Baumgarten. Intitulase republicano em 1890, sendo vinculado ao Partido Conservador. Com a morte de Baumgarten, em 1907, após recente comemoração de 25 anos de jornal, seu filho assumiu a responsabilidade editorial. O jornal passou a trazer um subtítulo “órgão para o progresso dos interesses agrícolas de Blumenau”. Era, na opinião de Seyferth, um jornal favorável às idéias germanistas.¹⁵ O jornal encerra sua trajetória em 1938.

¹³ Abdon Batista ocuparia a cadeira de Deputado e 1910-191, sendo eleito novamente para o mandato seguinte: 1912 a 1914. Renunciou em julho de 1912, por ter sido eleito Senador, na vaga de Lauro Muller, para um mandato de 8 anos. CABRAL. 1987.Op.cit.: 1987:396 a 398.

¹⁴ GAZETA DO COMMÉRCIO. Joinville - 1914.

¹⁵ SEYFERTH, 1981. Op. cit.:51

De embates políticos contrários ao *Blumenauer Zeitung*, surgiu em 1883 o *Imigrant*¹⁶ que fica em circulação até 1891. Sendo sua oficina tipográfica adquirida em julho do mesmo ano pelo pastor luterano Hermann Faulhaber, que deu início a um novo semanário com o nome de *Der Urwaldsbote*, também publicado em língua alemã. Este jornal teve por alguns anos uma linha jornalística voltada para os interesses religiosos da Comunidade Luterana, sem relegar as notícias locais, nacionais e internacionais.

No entanto, o pastor Faulhaber deixou o jornal para a entrada de Eugênio Fouquet, que entrou para a folha de pagamento do jornal com a função de redator, sob a indicação do Superintendente Municipal e candidato à reeleição, com a função de orientar a campanha política para as eleições de 1898. A comunidade evangélica, proprietária do jornal, não interessada nas querelas políticas municipais, vendeu o mesmo para G.A Koeler.

Fouquet tornou-se figura marcante na imprensa local e estadual. Formado em direito na Alemanha, emigrou para o Brasil em 1893 onde passou à função de diretor do jornal. Com apoio do proprietário e contando com o prestígio do jornal, fundou em 1901 a *Volksverein*, partido político exclusivamente teuto-brasileiro.¹⁷ Tornou-se figura irritante para alguns, sendo alvo de acirradas críticas de outros jornais e acusado de incentivador do pan-germanismo. Em artigo publicado no jornal *Novidade* de Itajaí, em março de 1908 e republicado pelo *Blumenauer Zeitung* no mês seguinte, o autor do escrito identificando-se como redator, faz acirrada e longa crítica a Fouquet. Salaria que Fouquet mal o conhecia mas o perseguia *com ódio ineditável*, e inclui: *O redator do Urwaldsbote, é um fanático germanófilo para o Sul do Brasil. Este senhor, nos meios sociais, reconhecido jornalista [...]*

¹⁶ Este jornal surgiu como órgão do Partido Liberal e teve como um de seus fundadores e redatores o Dr. Fritz Müller, naturalista e ateu confesso. Em março de 1893 surgiu outro jornal com este nome, sendo outro seu proprietário, foi de breve circulação.

¹⁷ SEYFERT.1981. Op. cit.: 51/52.

é um ardente defensor do pan-germanismo, onde pode alimentar seu excêntrico patriotismo [...].¹⁸

O artigo mencionado acima, que tem como título: “Os índios e seus carrascos”, tem seu teor voltado para críticas a Fouquet em relação às posições assumidas frente aos indígenas: *Várias vezes este senhor já se identificou como adepto radical do extermínio de nossos habitantes das florestas, mediante armas de grosso calibre e fogo. Já apresentou ao governo um plano de batalha, de um ataque armado, no qual morra quem quiser. O que aconteceria com os sobreviventes internados, ele nos revela no artigo de hoje - escravos.*¹⁹

Quando o assunto dizia respeito a questões relacionadas com os indígenas, não escapava também de acusações por defender a ação de bugreiros e criticar outras iniciativas que buscavam resolver as situações pertinentes aos confrontos entre colonos e indígenas.

A impossibilidade de acesso direto aos textos dos jornais escritos em alemão é fato que já lamentei anteriormente, em consequência do não domínio da leitura em alemão. Mas, é com muita frequência, que outros jornais em língua portuguesa, não só mencionam artigos publicados no *Der Urwaldsbote*, como rotineiramente editam em seus jornais os artigos na íntegra publicados por ele.

Ainda falando de Eugenio Fouquet, Frei João Binder, no seu artigo sob o título “Imprensa e Publicidade”, enaltece Fouquet como sendo, *sem dúvida, o mais competente e habil jornalista, de quantos maorejaram na imprensa teuto brasileira.*²⁰ Endossa suas palavras com uma declaração de José Boiteux que o reconhecia como um *combatente tenaz* no jornalismo.

Jornais em língua alemã como o *Kolonie Zeitung*, o *Blumenauer Zeitung* e *Der Urwaldsbote*, produziam tiragem expressiva, afirma Seyferth, atendendo não só a demanda

¹⁸ *BLUMENAUER ZEITUNG*. Blumenau, 18 de abril de 1908.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *BINDER*. *Op.cit...*: 323.

das colônias alemãs, mas chegavam também a vilas e cidades do Estado. Em discussões mais abrangentes tornavam-se conhecidos e até combatidos por jornais de Estados como o Rio de Janeiro e São Paulo.²¹ Pode-se ainda registrar a presença de jornais teuto-brasileiros no exterior, como é o caso do *Der Urwaldsbote*.

Um dos jornais onde mais apresenta textos do *Der Urwaldsbote* sobre a questão indígena é o *Novidades*, de Itajaí. Sob a direção de Tiburcio Freitas e irmãos Konder, O *Novidades*, seria um opositor do *Der Urwaldsbote*. No entanto, nas reedições de textos referindo-se às ações contra os indígenas, são raros os comentários em oposição às idéias do *Der Urwaldsbote*.

A Imprensa da Capital

Na capital Desterro/Florianópolis, centro das decisões administrativas, a presença da imprensa destacava-se também pela efervescência das constantes aparições de novas “folhas”. Diversas nos seus fins, muitas vezes expressos sob seus nomes: os humorísticos, os religiosos, os voltados para o comércio, os explicitamente partidários. Muitos circularam por pouco tempo, ficando alguns, com sua duração atrelada ao poder político vigente.

O jornal *O Dia*, representante do Partido Republicano, é o mais regular nas suas edições entre o período de 1901 a 1914. No *República*, foi possível o uso de artigos encontrados somente durante os anos de 1902 e 1903. Já com o *Reforma* as buscas se deram entre os anos de 1905 e 1907. Caracterizando-se assim também o uso de outros jornais como: *A Época*, *A Verdade*, *O Estado*.

²¹ SEYFERTH. Op. cit.: 50.

Os jornais da capital, em certos momentos, se contrapõem aos jornais da colônia ou se aliam entre si. Nos artigos que tantas vezes ocuparam as manchetes com o título “O Perigo Alemão”, uma ala jornalística promovia ataques ferrenhos contra as iniciativas de estabelecer um partido político em Blumenau, o já citado *Volkverein*, incluindo também uma certa defesa nacionalista ou definida pelos acusados de nativistas.

O Dia, em 17 de abril de 1901 manifesta-se aos *autores da propaganda pelo partido alemão*, onde reconhece que os estrangeiros poderiam ser colaboradores nacionalizando-se e adaptando-se aos partidos políticos existentes, mas não se unindo e *formando um só corpo, estabelecendo o distintivo de raça e língua*. Frente a este movimento político em Blumenau, na formação do partido político alemão, estava o já tão comentado Eugênio Fouquet.

Em 04 de outubro de 1902 a discussão corria em torno da formação do partido, trazendo à baila distintos enfoques. Na discussão onde Fouquet manifesta-se em nome do *Der Urwaldsbote* no **República** contra um artigo publicado no **O Dia**, reclamando para os seus o direito de cidadãos, que era contrário aos ataques dos nativistas, e que a exemplo de outros países, *as diversas raças, sentindo-se membros da mesma comunidade, podem viver em plena paz e harmonia, sem sacrificar suas tradições herdadas*. Esta defesa por uma convivência pacífica de diferentes raças, pode ser entendida aqui como uma postura conveniente diante das questões negativas levantadas contra os imigrantes alemães e suas aspirações. No entanto, este mesmo jornal não apresentava este mesmo argumento no trato para com o indígena, apontados como pertencente também a uma raça, mas sem nenhuma proposta de relação pacífica, ou sendo suas tradições merecedoras de respeito.

Vale lembrar também a presença de figuras ligadas a outras áreas da sociedade fazendo parte da direção de jornais: políticos como Hercílio Luz, Felipe Schmidt, ou mesmo José Boiteux. Os jornais eram bons investimentos para circulação de idéias e interesses, modelando-se, a maioria deles, a esses objetivos.

Os Leitores

A leitura dos jornais estaria restrita às pessoas alfabetizadas, que no caso de Florianópolis era uma parcela reduzida de sua população. Mas, é de se supor que o desfrute da leitura de um jornal e a apreciação de notícias não se restringiriam unicamente a um indivíduo em seu espaço privado, como na sala de sua casa. As notícias provenientes da leitura de um jornal poderiam também ganhar espaço e notoriedade nos salões, nos balcões das casas de comércio, nos cafés, nos portos, cumprindo assim o jornal naquele momento o seu itinerário sócio-cultural, que foi de suma importância.

Nos anos de 1894 a 1898, era o Sr. Hercílio Luz governador do Estado de Santa Catarina, e teve como empenho de seu governo a melhoria da instrução pública. Tal empenho se fazia necessário visto que, a porcentagem de analfabetos em 1890 era de 80,4 % do total da população. Ou seja, para uma população de aproximadamente 283.769, apenas 55.000 pessoas eram alfabetizadas.²² O número de escolas era deficitário, reclamando do governo empreendimentos. Já no ano de 1900, o senso apresentava uma diminuição no analfabetismo ficando próximo a 74,3%. Vale lembrar que o governador era Republicano e, como tal, tinha no jornal **A República** o noticiador das idéias e ideais republicanos. Hercílio Luz foi também proprietário desse jornal.

Nas colônias alemãs, a escola era uma preocupação pertinente, transcorrendo uma insistência na implantação contínua das mesmas, seja na esfera pública ou particular. Isso significava um percentual possivelmente menor de analfabetismo.

²² CABRAL. 1987. Op. cit. :253 .

Em 1900, o número de escolas chegava próximo a 100 em Blumenau, impulsionando inclusive a formação de uma associação, Associação das Escolas e Professores de Blumenau, que em 1904 transformou-se na Sociedade das Escolas Alemãs para Santa Catarina, fundando o *Mitteillugen*, órgão noticiador oficial da instituição, com tiragem mensal de quatro a seis páginas. Isto não significava, no entanto, que todos os colonos estivessem interessados na escolarização de suas crianças, pois havia relutância por parte de muitas famílias, em colocar seus filhos nas escolas, por vários motivos e circunstâncias.

As Manchetes

Em Santa Catarina, os jornais foram presença marcante na sociedade nos fins do século XIX e início do século XX. Empreendiam discursos, e como tal, a linguagem não aparece apenas como instrumento de comunicação ou transmissão de informação, ou suporte de pensamento, mas como lugar de conflito, de confronto ideológico, em que a significação se apresenta em toda a sua complexidade.²³

Os jornais são fontes riquíssimas de informações sobre o indígena ou, melhor dizendo, informações fornecidas pelo outro que aqui é o não-indígena. Portanto, não estamos lidando com a história indígena enquanto o que este pode documentar, escrever sobre si mesmo e até sobre o outro com quem entrava em contato. Mas sim, com um documento que historiciza este indígena, através do que o não-indígena escolheu escrever sobre ele. É o que se documentava num meio de comunicação de acesso exclusivo ao não-indígena naquele momento. São estes que, portanto, detém o poder do discurso. Assim, o que instiga neste

²³ ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu Funcionamento. As formas do discurso*. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1996:83.

trabalho é também a busca pela diversidade de concepções, reconstituindo não a condição do indígena, mas o modo como os não- indígenas falavam sobre ele.²⁴

A aparição textual dos indígenas nos jornais do Estado, não se deu somente a partir da República. Apesar da opção por este recorte histórico, podemos encontrar em período antecedente, nos jornais que circulavam em Desterro, na colônia Dona Francisca, na Colônia Blumenau e até mesmo no exterior, notícias referentes aos indígenas. Aliás, o sujeito indígena poderia ser assunto para os jornais locais, não só por sua presença em Santa Catarina, mas também por já ter sido notícia em outros Estados.

Eles já eram notícia no primeiro número do jornal *Kolonie Zeitung*, da colônia Dona Francisca, por exemplo. Mesmo sem nos trazer detalhes, Herkenhoff²⁵ registra que na primeira edição desse jornal consta uma notícia sobre um ataque indígena em Teresópolis²⁶. Encontra-se também, nesse primeiro número do *Kolonie Zeitung*, um longo artigo que expressava as propostas e intenções desse jornal como órgão noticiador da ainda jovem colônia:

*O jornal se propõe, por isso, a acostumar e familiarizar o colono, sobretudo com condições de vida que cercam e mais lhe dizem respeito, pois enquanto as contingências do ambiente lhe forem estranhas, enquanto não conseguir com elas se entrosar e delas não souber se beneficiar convenientemente, nunca se sentirá perfeitamente à vontade, por certo, e o meio estranho nunca lhe será familiar.*²⁷

²⁴ SCHWARCZ.. 1987. Op. cit.:16.

²⁵ HERKENHOF. Op.cit...: 32.

²⁶ Mesmo sem identificar Teresópolis como Colônia, é bastante provável que esta localidade referida fosse a então colônia de Teresópolis, fundada em 1860 no então município de São José. CABRAL. 1987.Op.cit...: 237.

²⁷ COLONIE ZEITUNG, 20 de dezembro de 1862. In. HERKENHOFF. Op. cit.:32.

O jornalismo teuto, apresentava-se empenhado em fazer-se parceiro e colaborador do colono, fornecendo-lhe a possibilidade de desvelar o desconhecido, oferecendo informações, descrevendo o novo, o estranho. Estranhas lhes eram as matas, a população já presente nas localidades ao seu redor, como os indígenas com quem pouco ou nenhum contato se tinha, não se sabendo nem mesmo sobre seus lugares de permanência.

A formatação dos títulos que tinham como tema o sujeito indígena, eram sempre apresentados com no máximo duas a três palavras, algumas vezes acompanhados de subtítulo, forma muito comum nos jornais. Grafado em letras maiores do que as do texto e até, em certos momentos maiores do que outros títulos nas mesmas páginas em que apareciam, bem como grifadas em negrito, dos quais são exemplos: **Carnificina de Bugres, Bugres, O Problema dos Índios, Ataque de Botocudos, Peios Selvículas, A Catechese dos Selvícolas**. O que aponta para a grandeza dos estranhamentos e enftamentos expressos na imprensa.

No aspecto tipográfico os jornais desse período apresentavam tamanhos variados (18 x 25cm, 20 x 35cm) e muitos títulos mudaram seu tamanho no decorrer de sua existência. O número de colunas também variava de jornal para jornal. O jornal **O Dia**, por exemplo, apresentava cinco colunas, mas também havia os com três, quatro e até seis colunas. Variável também era o número de páginas, sendo a maioria de quatro.

Dentro desse quadro mais estrutural do jornal, a temática indígena não apresentava uma aparição fixa. Por aparição fixa refiro-me a páginas específicas ou dentro de classificações temáticas dos jornais ²⁸, também específicas. Quando o assunto era uma descrição única de um ataque em determinada localidade, isto poderia ocupar um lugar na

²⁸ As classificações temáticas dos jornais eram bastante diversificadas entre uns e outros, sendo que num mesmo jornal os títulos temáticos variavam internamente e temporariamente. Algumas vezes o assunto abordado não estava incluído em nenhum título específico. Como exemplo destaco o jornal **Comércio de Joinville** que apresentou os seguintes temas: Expediente, Chronica, Prozando, Notícias, Folhetim, Anuncios, Litteratura,

primeira página do jornal, segunda ou terceira página, sendo que as últimas páginas eram reservadas geralmente para anúncios publicitários. Poderia se incluir na seção “Notícias”, “Diversos”, “Telegrammas”, ou mesmo solta na seqüência de uma coluna, em poucas linhas.

Como muitas vezes as notícias de ataque incluíam comentários de quem a noticiava, elas podiam ocupar não só a primeira página do jornal como ocupar uma, duas, ou até três colunas daquela página. Esta ocupação de espaço também se fazia quando alguém expressava sua opinião sobre temas relacionados ao indígena. Como exemplo, cito o *Novidades* de 23 de julho de 1905, que dedicou duas e meia das quatro colunas da primeira página do jornal para o título: “Ainda Mais um Ataque dos Bugres”. Nesse caso a notícia foi publicada anteriormente no *Der Urwaldsbote*, como citou o redator do *Novidades*, visto que os ataques aconteciam em Blumenau. No *Der Urwaldsbote*, por ser transcrição literal feita entre aspas pelo *Novidades*, a notícia teve provavelmente também o seu destaque na apresentação geral do jornal.

Quando o assunto era discutir a questão indígena como uma temática, o espaço ocupado também era relevante, muitas vezes ocupando colunas inteiras na primeira página, sendo que para alguns temas era comum um escrito se desdobrar em mais do que uma edição do jornal. É o caso registrado no *O Dia* de 25 e 26 de outubro de 1902, onde o título: “A Catecheze dos Bugres”, ocupou em cada edição duas das cinco colunas do jornal por página. No mesmo jornal, em 01,04, 05, 06 e 07 de junho de 1913, o título “A catequese : um serviço proveitoso”, ocupou o espaço de uma coluna em cada dia. O mesmo se deu ainda no *Kolonie Zeitung* de 17, 19, 24, 26 e 31 de março de 1908, com o título “Os Botocudos no Sul do Brasil”, uma re-publicação de um jornal chamado o *Globos*²⁹.

Declarações, Telegrammas e o jornal *O Dia* : Parte Oficial, A Semana, Pequenas Notícias, Seção Comercial, Telegrammas, Várias, Salão Azul, Anúncios, Necrologia, Hospedes e Viajantes, entre outros.

²⁹ Na tradução do texto, não há referência sobre a procedência deste jornal.

O indígena aparece como tema literário na forma de Soneto, como o “Contra os Caçadores de Selvícolas”, publicado no **Reforma**³⁰. Em forma de lenda publicada no **O Dia**³¹, com o título “Cicy: A lenda Botocuda”. Em forma de Folhetim, com o título “A civilização”, discorrendo sobre a visita de uma tribo indígena a São Paulo, inserido no **Commércio de Joinville**³².

NOTÍCIAS: temas e textos

Os temas relacionados com os indígenas, apresentados nos jornais, compreenderam as notícias de fatos acontecidos nas estradas e localidades distantes dos centros das colônias, relatando para a sociedade não indígena as mortes, os sustos, a formação de grupos para ir ao enalço dos mesmos, o número de crianças e mulheres indígenas capturadas e trazidas às sedes das colônias. Artigos feitos por encomenda em exposta reprovação à ação dos bugreiros³³, que nesse momento agiam com beneplácito, ou para situação contrária, defendendo a ação decisiva de “limpeza das matas / selva” dos tantas vezes nomeados “selvagens”.

A aparição das notícias evidenciava também a posição dos próprios redatores dos jornais, configurando-se constantemente sob as próprias divergências entre os mesmos. Movido por idéias ou interesses de tais redatores, essas divergências configuravam no

³⁰ REFORMA. Florianópolis, 05 de janeiro de 1907.

³¹ O DIA. Florianópolis, 18 de janeiro de 1905.

³² O COMMERCIO DE JOINVILLE. Joinville, 15 de fevereiro de 1913.

³³ Foram grupos formados na sua maioria por caboclos brasileiros, que vão agir contra os indígenas, financiados por colôtos, que consideravam a ação do governo em salvar os colonos como ineficiente.

discurso o seu indígena. Divergências que já foram percebidas anteriormente no campo político, manifestavam-se também quando o assunto dizia respeito ao sujeito indígena.

Em uma publicação do jornal **O Dia**, percebe-se o caminho que as notícias faziam entre os jornais e como isto relacionavam aliados. Em 06 de agosto de 1905 sob o título “Os Bugres em Blumenau”, ocupando a primeira página e dela três das cinco colunas e mais uma da página seguinte, **O Dia** recebe do **Novidades** o que foi escrito pelo *Der Urwaldsbote* sobre um ataque em Pouso Redondo, no município de Blumenau. Descrevendo resumidamente “o longo artigo do *Der Urwaldsbote*”, **O Dia** passa em seguida a fazer severas críticas ao **Novidades**:

[...] releve-nos o Novidades, de Itajahy, o consignar-mos nestas colunas a flagrante incoherencia do distincto collega,- transcrevendo o alludido artigo do Urwaldsbote, depois de ter-se não estamos equivocados - francamente emittido, pelas suas columnas edictoriaes, opinião diametralmente opposta á que endeuz a carnificina desfraldada aos quatros ventos da publicidade pelo collega de Blumenau.³⁴

O que importa observar é que havia uma dinâmica entre os jornais sobre o assunto indígena, que nas suas linhas identificavam posições a respeito do mesmo. Já contra o **Dia**, sendo acusado de ocultar informações, o **Reforma** escreve: *Foi por demais cinico o illustre collega nessa descripção, occultando a gravidade do que ali occoreu. Foi cruel, simplismente deshumano.*³⁵ As acusações entre os jornais, como pode ser lido nas declarações acima, sugerem contradições nos escritos jornalísticos sobre ser contra ou a favor de medidas agressivas em relação aos indígenas e identifica a omissão de informações sobre os resultados

³⁴ O DIA. Florianópolis, 06 de agosto de 1905.

³⁵ O DIA. Florianópolis, 28 de dezembro de 1906.

de ataques contra certo grupo indígena. As denúncias de um jornal contra o outro e mesmo as posturas de ocultação de informação ou posicionamento, teriam para aquele momento, sentidos variados no trato com a questão indígena e nos interesses da sociedade envolvente.

Movido pelo que seria a preocupação de uma propaganda desfavorável à imigração para o Estado, **O Dia**, em 16 de janeiro de 1901, contrapõe-se ao **República** que, trocando correspondência com a imprensa do Rio de Janeiro, estaria contribuindo para *afugentar a imigração*. Isto porque, o escritor do **O Dia** entendia que na troca de *recados telegráficos*, comunicando o ataque de índios na *estrada Blumenau a Curytibano*, as notícias ganhariam mundo. Sabia ele que *toda a Allemanha, toda Italia, o mundo todo* que manda os colonos, sabiam que *as selvas tem bugres e que os bugres matam*. No entanto, na opinião do redator do **O Dia**, era desnecessário o alardear dos fatos. Reforçava sua preocupação dizendo que: [...] *se os bugres matarem algum colono, isso não pode ser transmitido pelo telegrapho*. A postura jornalística a se tomar nas relações com o exterior, proposta neste texto, é manter silêncio sobre as vítimas dos ataques dos indígenas.

Ao apontar o perigo de certas notícias, ressaltava-se em várias posições de jornalistas, a primazia do projeto de imigração para Santa Catarina. Sendo este um dos motivos fortes para promover a construção de um indígena que, em seu “estado” arredo e inferindo-lhe o caráter violento, seria contrário ao projeto de imigração. Ele não poderia, tampouco, permanecer assim nos espaços tomados para os colonos que, constantemente, eram apontados como contribuintes e promotores de mudança do próprio espaço selvagem, através da derrubada das matas, dando lugar às propriedades e colônias, na demarcação e denominação de rios, identificando morros, abrindo estradas e picadas. A própria mata ai sendo destronada como espaço selvagem. Selvagem, que aqui pode ser entendido como o espaço incivilizado, atribuindo aos seus habitantes a adjetivação de selvagem, pertencente ao espaço selvagem, e que portanto, era o incivilizado.

Também em 1908 o Dr. Hugo Gensch,³⁶ nos seus escritos para o Congresso Americanista Internacional em Viena, ressaltava sua preocupação com base em publicações que estariam sendo veiculadas sobre o “perigo dos índios”, as quais *servem apenas para dificultar a imigração, e que espanta os interessados de estabelecerem-se nesta região, ainda a má fama de Blumenau no estrangeiro*³⁷, e que ele próprio estaria publicando no jornal *Blumenauer Zeitung* artigos ressaltando esta preocupação. Ali, diante de cientistas, não seria necessário silenciar sobre o indígena, ou sobre o que se via como ameaça dos mesmos, mas dar-lhe “nova roupagem”, garantindo compreensão para o andamento da imigração. Neste sentido, o trabalho que levou para o encontro, apresentava um pequeno dicionário de palavras, descortinando sucessos na comunicação, bem como sua experiência na relação e conhecimento da cultura que lhe passava a filha adotiva, que favoreceriam o entendimento na relação com os indígenas, podendo modificar o quadro de ameaças e animosidades de indígenas em relação aos colonos ou mesmo a colonização.

Portanto, estes jornais não estavam de forma alguma alheios ao sujeito indígena, nem tampouco o tratavam em suas páginas de uma forma que poderíamos entender como descomprometida ou corriqueira. Eles lançavam-se sobre esse sujeito traçando perfis e discutindo-o no seu campo profissional. Apresentaram-no nos embates, nas particularidades ou na abrangência da realidade jornalística daquele momento.

Este envolvimento dos jornais na questão indígena pode ser percebido também em outros Estados quando, através dos canais de comunicação estabelecidos entre jornais, vê-se o movimento pelo que seria a “sua causa indígena”. No Pará, por exemplo, formou-se uma Liga

³⁶ Dr. Hugo foi médico em Blumenau. Na “questão indígena”, destacou-se por escrever regularmente, principalmente em jornais, a favor da pacificação dos indígenas e por ter adotado uma menina indígena, da qual teve colaboração para produzir um dicionário de aproximadamente 800 palavras.

³⁷ GENSCHE, Hugo. *Die Erziehung eines Indianerkindes. Internationaler Amerikanisten-Kongress. Wien, 1908.* (Texto Traduzido. p. 06).

de Imprensa e esta promoveu campanha *pedindo o concurso de toda a imprensa do país, em favor da catequese e civilização dos aborígenes brasileiros.*³⁸

Nessa movimentação, as notícias que vinham de outros recantos, com os correspondentes, os telegramas de informações, falando de outros grupos indígenas, inseriam-se nas páginas dos jornais catarinenses como mediação nas discussões em níveis locais e nacional, promovendo reforços nos posicionamentos.

Estamos dialogando com os jornais. Jornais estes que estão inseridos num contexto histórico que envolvia valores, idéias, transformações e estrutura de funcionamento que eram pertinentes aquele momento e que, portanto, deflagravam a construção de sujeitos históricos permeados por esses enredos do seu tempo.

³⁸ O DIA. Florianópolis, 25 e 26 de outubro de 1902. Ocupando duas colunas em cada edição.

CAPÍTULO II

CIVILIZADO

*“Como as medalhas, o progresso tem duas faces, a que registra a avançada e o reverso que mostra o atraso. Todo o progresso representa uma luta entre o bem e o mal [...] avançadas parciais na constante evolução, ponte pela qual transitarão fatalmente os contingentes do passado para formarem as forças civilisadoras do futuro[...]”*¹

Neste texto de jornal, que tratava sobre a segurança policial e criminalidade, associa-se à falta de segurança o ideário do progresso na concretização da formação de uma sociedade civilizada. Estes dois ideários, progresso e civilização, estiveram imbricados, transpassando várias esferas da sociedade nos discursos jornalísticos, bem como, referendando constantemente inclusive, o desenrolar do processo econômico do Estado naquele momento. Pensar em avançar com progresso era travar uma luta contra o mal, visto que o progresso era o bem e a evolução em sua direção era a garantia das forças civilisadoras do futuro.

O texto estende-se expondo observações sobre o que levaria à paralisação e a não conquista para os *domínios do progresso e da civilidade*. Escapar disso era fugir de todo o convívio e estar alheio a toda e qualquer ambientação civilizada. Para tanto, o autor entendia

¹ COMMERCIO DE JOINVILLE. Joinville, 12 de outubro de 1907.

poder se valer do exemplo dos indígenas, que eram vistos como resistentes a transpor a *ponte* para a civilização, o que, segundo ele, seria *volver ao estado primitivo, tal como os selvagens*.

Fica estabelecida aqui a relação do “ser primitivo” com atraso, incivilidade, resistência à relação com a sociedade civilizada. Sociedade esta que não só estaria consciente do seu presente mas vislumbrava ainda o futuro. A menção ao indígena como selvagem num texto que tematiza a criminalidade em oposição ao progresso é condizente com as representações textualizadas nos jornais daquela sociedade. Ou seja, o indígena neste contexto discursivo, representava um lado da moeda, o do atraso para progresso. E seria num estado e espaço de isolamento tal como o dos *selvagens* que o ser inteligente seria equiparado ao ser bruto, pois este último estaria envolto na ignorância, na paralisia moral, sem virtudes, completa o escritor.

Textos como este, encontrados constantemente nos jornais da época, provocaram-me uma certa inquietação frente a este ideário civilizatório, que não só estaria referendando aquela sociedade como tratou de inseri-lo nas questões relacionadas aos indígenas. Assim, neste capítulo, o propósito é identificar esta apropriação que a sociedade que se inscreve nos jornais faz, identificando-se como civilizada, ficando suas balizas civilizatórias. Mas, imbuir-se de civilidade implica na construção de discurso voltado a outros grupos, como é o caso dos textos referentes aos indígenas. Neste mesmo caminho vale observar o comportamento da imprensa diante do implícito projeto civilizatório.

Na introdução ao capítulo primeiro de seu livro “O Processo Civilizador”, Norbert Elias expõe o conceito de civilização referindo-se a uma variedade de fatos que identificam níveis de tecnologia, conhecimentos científicos, costumes, entre outros. Mas afunila a observação sobre o que pode descrever o uso do conceito “civilização”, pensando a função geral de tal conceito e a qualidade comum que agrega atitudes e atividades humanas ao

mesmo. “Este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo”, podendo dizer, ainda, da “consciência nacional.”²

Neste recorte histórico para a pesquisa, a idéia de civilidade materializa-se nas inovações, em novas tecnologias que a sociedade observada vai implantando em sua vivência, bem como em conceitos, idéias, padrões morais, condutas, que vão sendo estabelecidos, seguidos, e que esta sociedade impõe sobre si mesma. Esta materialização evidencia-se através do crescimento da imprensa, na construção de estradas, na chegada de automóveis, no crescimento de colônias estabelecidas por imigrantes. Nestas, entre outras materialidades, vão se assentando os discursos de um Estado civilizado, de um povo civilizado.³

A República, recém estabelecida no Brasil, imprime num de seus símbolos nacionais o pensamento positivista de “Ordem e Progresso”. Essa sociedade, recentemente republicana, necessitava ordenar a civilidade nos seus mais longínquos recantos e com isso dar passagem ao progresso que se impunha pelo trabalho produtor de riqueza, de melhorias, de tecnologias.

Em especial, a imprensa dava conta de “presenciar” aos seus leitores os movimentos dessa materialidade, assim como as falas em favor da mesma, ou contrárias ao não cumprimento desse ideal. Ao perceber a constante recorrência a este enunciado por parte da imprensa, Siebert concebe o conceito de civilização enquanto um dispositivo que permitiria correlacionar, vincular, contrastar a trama das múltiplas facetas e elementos em que se insere o discurso jornalístico.⁴

² ELIAS, Norberto. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Vol. 1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994:23.

³ As discussões e estudos pertinentes a esse momento apresentavam, em escritos de vários estudiosos, a complexidade na construção de conceitos sobre raça, etnia e nação. Com muita frequência, nos jornais, a idéia de raça estava associada ao estabelecimento da nação. Associava-se uma realidade de ordem física e hierárquica, com características psicológicas: coragem, trabalho, determinação.

⁴ SIEBERT, Itamar. *Um Biênio de provações e entusiasmo nas origens do jornalismo catarinense (1855-1856): entre a polêmica política e processo civilizador*. (Dissertação de Mestrado em História). Florianópolis, UFSC, 1995: 09.

Os organizadores de um congresso de jornalismo na capital do Estado, tinham claro, ao fazerem convite para os interessados, sua relação com esta civilidade: [...] *uma data que representa um surto notável da antiga província no convívio da civilização* [...].⁵ Promover um congresso de imprensa era então atestar seu crescimento no Estado, reconhecendo nela uma ponte para este mesmo Estado apropriar-se da civilidade que suas páginas promoveriam. Dessa maneira a imprensa se alçava, também, como um projeto civilizador, participando, e por que não? promovendo o progresso material e moral daquela sociedade.

Portanto, isso significava para a própria imprensa, aprimorar sua tecnologia, pois está era um expoente civilização. Muitas tipografias traziam novas máquinas da Europa para dinamizar seu trabalho. Com isso, seu promissor processo de desenvolvimento confirmaria sua prosperidade. Assim exemplifica, exultantemente, o **Comércio de Joinville** ao instalar sua nova oficina tipográfica: *A nossa vida econômica distende-se, alarga-se o trabalho, a actividade manifesta-se crescente labutar, tudo augmenta e prospera e a instalação de mais uma typografia obedece as exigências da actualidade, cooperando para o geral bem estar e servindo ao público*⁶. Estavam diante de novas exigências e tudo caminhava para mais, o caminho era ir em frente, alargando-se, trabalhando, prosperando.

A imprensa e seus leitores, naquele momento, faziam parte da parcela da população que tinha acesso ao saber escrito, à ciência e à civilização, o que respaldava a importância dos jornais na própria hierarquização das classes sociais. Segmentos sociais estes que aburguesavam seus hábitos, produzindo modos de percepção e representação, estabelecendo certas categorias de pertencimento e exclusão. Portanto, nem era o bastante ser branco, católico ou proprietário, era preciso ser civilizado, ter gosto e ser higiênico⁷. Esse ideário de civilização incluía estabelecer controles, formular idéias, marcar diferenças.

⁵ COMMERCIO DE JOINVILLE. Joinville, 25 de julho de 1909.

⁶ COMMERCIO DE JOINVILLE. Joinville, 06 de março de 1909.

⁷ PEDRO. op. cit. 1995:30/34.

Para Schafaschek, o uso freqüente dos termos progresso e civilização são uma apropriação para referendar sentidos amplos. O termo civilização se relacionava tanto a comportamentos urbanos, polidez nas atitudes, como construir uma estrutura mental moderna, redefinindo uma concepção social de mundo. E mesmo como meta à qual se recorreu para justificar e sustentar ações do governo central e provincial.⁸

Essa imprensa que se apropriava dessa civilidade, configurava em suas páginas os discursos empreendidos por outras instituições ou por certos indivíduos membros dessa sociedade letrada, sobre esta civilidade. Siebert, ao tratar sobre este discurso civilizatório na imprensa, em meados do século XIX, percebe-o como sendo tão freqüente que denota uma necessidade irreduzível de afirmação e urgência.⁹

A capital do Estado, mesmo evidenciando o declínio econômico promoveu nas primeiras décadas deste século várias reformas urbanas. Muitas dessas reformas foram asseguradas pela elite local, possuidora de significativas representações em cargos políticos a nível estadual e federal, o que garantia aprovação de “projetos influentes”.¹⁰

Essa nova elite, formada por comerciantes e armadores que passaram a ocupar cargos administrativos, remodelou o centro da cidade e com isso produziu novos hábitos, delimitando novos espaços sociais. Hábitos que pretendiam equiparar-se aos praticados em grandes centros urbanos, como os do Rio de Janeiro. De lá, chegavam também alguns jornais ao porto da capital do Estado e, a partir daí, eram também transcritos para as páginas dos jornais locais. Tornavam-se, portanto, significativos instrumentos de proliferação desses novos hábitos que se desejava seguir.¹¹

⁸ SCHAFASCHEK, Rosicler. *Educar para Civilizar e Instruir para Progredir. Análise de artigos divulgados pelos jornais de Desterro na década de 1850.* (Dissertação de Mestrado em Educação). Florianópolis:UFSC, 1997:12.

⁹ SIEBERT. op. cit.:08.

¹⁰ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas.* Florianópolis: Ed. UFSC, 1994: 29/30.

¹¹ Idem.

Nesses espaços urbanos, os novos empreendimentos, o aparecimento de novas tecnologias, a reformulação de espaços de vivência referendavam espaços de demonstração de “civilidade”, bem como de “lugar-social”. Na capital, eram os bondes, as chácaras, o espaço urbano se remodelando com novos sobrados, que demonstravam riquezas acumuladas. Em 07 de outubro de 1911, o jornal *A Época* trouxe em primeira página, um artigo referente à “Questão de casas de habitação”, onde chamou a atenção para a falta de moradias e a condição precária de muitas casas entre a população pobre. O alerta vinha respaldado por palavras ditas no Parlamento Inglês: *A casa é a base da civilidade. Da casa brotam as influências que encaminham a sociedade para o bem ou para o mal [...] n’uma casa que é caverna de miséria e do vício, torna-se muitas vezes vítima inocente das anomalias sociaes.*¹² Portanto, a miséria, a sujeira, as doenças, colocariam em perigo não só o indivíduo, mas toda coletividade. Punha em risco a saúde mas também a moral e a família. Esta é uma questão que diz respeito “*a vida da nação*”, defende o editor.

Foi ainda na capital que novas medidas de saneamento urbano foram adotadas no final do século XIX, que fizeram desaparecer “moradinhas e cortiços”, dando lugar a novos casarios, alguns com manifestações de Art Nouveau. Manifestação usada, ainda que efêmera, na Europa, buscando tanto quanto possível mostrar na cidade uma feição européia.¹³

Fora da capital a ocupação de terras por imigrantes promove o surgimento de várias colônias, nem todas se desenvolvendo igualmente, mas algumas trarão para si olhares orgulhosos diante de uma prosperidade marcante. Essa ocupação de terras, somada ao crescimento dessas colônias, desencadeia um processo de remodelação econômica e social no Estado que se revestirá também de representações imbricadas por essas apropriações de civilidade.

¹² A ÉPOCA. Florianópolis, 07 de outubro de 1911.

¹³ VEIGA, Eliane Veras. *Florianópolis: Memória Urbana*. Florianópolis: Ed.UFSC/ Fundação Franklin Cascaes, 1993:233.

Mesmo antes da República, registrava-se o dinamismo comercial da região de Blumenau, onde o excedente destinado ao mercado externo começaria a aparecer após 13 anos de fundação da colônia. Em Brusque o mesmo se daria a partir dos 15 anos de sua fundação, com produtos como madeira, manteiga e café. Formava-se assim o contingente empresarial. No início do século XX, essa produção excedente alcançaria níveis importantes proporcionando a entrada dos mesmos no mercado nacional.¹⁴

O jornal **Gazeta de Joinville**, em sua edição de inauguração, apresentou sua posição sobre o papel da imprensa, em especial dirigindo-se a um jornal em língua alemã, o *Kolonie Zeitung*¹⁵, bem como, ratificando sua representação sobre esse imigrante :

*Quinze anos já passarão desde que pela primeira vez tentamos
 pornos em comunicação com nossos concidadãos por
 intermédio da folha redigida em língua allemã, a Kolonie
 Zeitung, cujo interesse principal era sustentar o espírito
 e a coragem dos desterrados voluntarios, obreiros da
 civilização chegados a esta terra hospitaleira [...].¹⁶*

É neste contexto que a imprensa se empenha em noticiar, inúmeras vezes, a respeito do lugar do imigrante nestes caminhos para o progresso, em alguns casos, certos jornais se põe como parceiros desse imigrante. Essa imprensa se vê comprometida em *sustentar o espírito e a coragem* desses colonos que são, no seu entender, os *obreiros da civilização*. Mas, não ficou só por conta dessa imprensa teuta se auto-afirmar em seus valores “progressistas”, pelo empreendimento colonizador frente ao sucesso de certas colônias.

¹⁴ VIDOR, Vilmar. *Industria e Urbanização no Nordeste de Santa Catarina*. Blumenau: Editora da FURB, 1995:55.

¹⁵ A tradutora deste artigo de jornal sugere, por procederem os dois jornais da mesma tipografia e pela colocação do artigo a seguir, que ambos os jornais pertencem ao mesmo proprietário. O *Gazeta de Joinville* não revelava no seu cabeçalho o nome do proprietário. HERKENHOF. op. cit.:60/61.

¹⁶ Idem.:60.

No final do século XIX exposições internacionais voltadas para a produção agrícola, eram noticiadas, lançando elogios aos EUA, como a feira de Chicago em 1893¹⁷. Em 1911 os jornais lamentavam a ausência de Santa Catarina quando o Brasil se faria presente na Exposição de Bruxelas, ganhando medalha. Ao noticiário, acrescentava o editor: [...] *que seja brilhante a representação de nosso país que pode muito bem mostrar suas forças econômicas ao velho mundo*¹⁸

Certas conquistas econômicas, nesses primeiros anos de República, eram para muitos um momento de deslumbramento, bem como os empreendimentos tecnológicos, formando-se assim um quadro homogêneo de desenvolvimento conjugado da construção civil e tecnológica, com as atividades produtivas do país.¹⁹ Do ponto de vista da produção, podemos salientar a importância do escoamento da mesma. As estradas, picadas, pontes, eram investimentos tecnológicos bastante importantes. No entanto, isso não significava a disponibilidade completa dessa estrutura aos colonos, dando conta de suas demandas. Mas, pelos jornais é possível conhecer os vários projetos em andamento. Um deles era a instalação de uma rede ferroviária que, em 1899, já movimentava, através de uma empresa em Berlin, 9 milhões de francos para implantação de uma rede com vagões movidos a vapor, com linha para ligar várias cidades do vale do Itajaí e, ainda, outras linhas mais ao norte, ligando Joinville às cidades vizinhas.

Esse incremento ferroviário, além de inaugurar um processo de modernização, na opinião de Montoyama, respeitava uma estratégia anterior da viação no Brasil, onde além de uma prevista rentabilidade deveria cumprir a missão de interligar várias regiões,

¹⁷ GAZETA DE JOINVILLE. Joinville, 25 de junho de 1893.

¹⁸ GAZETA DE JOINVILLE. Joinville, 19 de janeiro de 1911.

¹⁹ MONTUYAMA, Shozo. *Tecnologia e Industrialização no Brasil. Uma perspectiva histórica*. São Paulo: Ed. UNESP, 1994:29.

estabelecendo uma função política, bem como promover o povoamento e o incremento da riqueza nacional, estabelecendo uma função social.²⁰

No Estado, os trabalhos com estrada de ferro, voltados para região de imigração, não começam antes de 1907, em Blumenau, tendo como novos acionistas majoritários bancos alemães. Os jornais, atentos, notificam os procedimentos rumo a essa realização, não deixando passar a relação entre tecnologia e prosperidade, reconhecendo e elogiando o desenvolvimento da região em questão.

Em seu trabalho sobre os meios de transporte no início do século em Blumenau, Méri Frotscher aborda o processo modernizador ocorrido na cidade através dos novos meios de transportes introduzidos dentro de um contexto de desenvolvimento da pequena indústria. A chegada do primeiro automóvel em Blumenau motivou escrito otimista no jornal *Der Urwaldsbote*, destacado por Frotscher: “[...] tal fato era um indício de que a cidade estava dando passos significativos rumo à civilização [...] o automóvel aparecia mais como um emblema de um processo “civilizatório”²¹. O trem, que chegou ao Estado alguns anos após o automóvel trazendo para o Vale do Itajaí mais mobilidade e encurtando distância, sustentou para muitos, uma ruptura com o passado. Caracterizando-se como o símbolo de progresso e de afirmação de civilidade.²²

A imprensa da capital, além de noticiar as ainda freqüentes entradas de imigrantes nesse período, traçava o perfil dos responsáveis pelo crescimento desses empreendimentos, que eram os núcleos coloniais. Vejamos o que noticia *O Dia* em torno da visita do então governador do Estado a uma colônia alemã :

²⁰ Idem.: 09.

²¹ FROTSCHER, Meri. “Encantos e Desencantos: Novos meios de transporte no início do século”. In. *Blumenau em Cadernos*. Tomo XL / N. 07/ julho.1999:55.

²² Idem: 52/53

*[...] em cada um dos núcleos que teve ocasião de visitar pode observar a prática vigorosa de uma orientação calcada na ordem e no trabalho [...] núcleos de energia e de vitalidade das raças que nos vêm d'além atlântico, abrir novos mundos, mais largos horizontes [...] e a garantia no progresso.*²³

Nada mais notório do que noticiar a visita do governador e suas impressões sobre alguns núcleos coloniais. Neste texto o crescimento dos núcleos, o sucesso do empreendimento colonizador, está para o governo bem como para o jornal que noticia, atrelado à raça, ao trabalho, à ordem e ao progresso.

Na área política, representantes do contingente de descendentes de imigrantes alemães como Lauro Müller e Felipe Schmitd tornavam-se destaque na política estadual e federal. Uma nova elite urbana proveniente desse movimento crescente de comércio, indústria e agricultura se fazia em acessão.

A ocupação de terras pelos imigrantes dava-se em pequenos lotes e intensificava a busca pelas terras oficialmente denominadas devolutas, o que resultou na implantação de uma economia de minifúndio com base familiar. Pode-se pensar que essas demarcações minifundiárias tornavam mais próximos os proprietários e seus familiares, mas o indígena que tinha nessas matas seu território de vivência, passava a encontrar os espaços cada vez mais ocupados e com um número maior de donos e esses com suas famílias, com suas plantações e cercas.

²³ O DIA. Florianópolis, 27 de junho de 1906.

Incivilizado

Para Norbert Elias, a sociedade ocidental estabeleceu com o conceito de civilização, seu julgamento sobre sociedades contemporâneas “mais primitivas”, descrevendo com a palavra civilização o “que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha”.²⁴

Com a colonização eficiente e promissora, expondo seu progresso através dos automóveis, da iluminação elétrica, da Estrada de Ferro, de empreendimentos urbanísticos notórios, pelo sucesso na agricultura entre outros destaques, foi exposto uma variedade de pressupostos civilizatórios no discurso jornalístico. Nesses espaços geográficos onde os contatos entre o colono e o indígena eram freqüentes, tais pressupostos civilizatórios determinariam diretamente o contrário, ou seja, que era ser o incivilizado.

Esta idéia de incivilidade se insere nos escritos sobre os indígenas, balizando as atitudes desses como sendo contrárias à civilização. Em alguns casos, poderiam destacar-se exemplos de outros lugares onde algum grupo indígena dava exemplo de ter aceitado e incorporado parte do que a civilização “branca” estaria lhe oferecendo como tal, como se deu no **Reforma**, ao trazer para os leitores notícias dos Estados Unidos²⁵ onde se reconhecia “*cinco tribus civilizadas*”, que além de se governarem sozinhas, muitos desses indígenas já se tinham feito cidadãos americanos. Residiam em *casas à européia*, tendo com isso abandonado suas choças, possuindo escolas que se igualavam a dos brancos, arrecadavam impostos e até elegiam representantes políticos. Todos estes itens postos em destaque, intentam confirmar a possibilidade de inserção desses indígenas, na então, realidade social civilizada.

²⁴ ELIAS, N. op. cit.: 23.

O autor do artigo se vale de tal exemplo, por acreditar que observando tais fatos era possível travar relações com os índios sem impor-lhes a violência. Uma vez que as experiências mostravam que *todo o selvícola é acessível ao influxo da civilização*, era possível pensar em lhes promover oportunidades. O artigo revela-se motivador para aqueles que empreendiam os projetos de aproximação e conseqüente civilização dos indígenas no Estado, retratando toda a ordenação social que se esperava desses indivíduos. Ordenação que sugere uma identificação com a civilização, portanto, deixando para trás sua incivilidade, pois tudo o que se podia conhecer da realidade cultural destes indivíduos era contrário ao que se construía na sociedade como ideário de civilidade. Isso significava, naqueles primeiros momentos, diante das necessidades e intencionalidades dos não indígenas, trazer este indígena para perto, exercendo sobre ele o controle e desqualificando-o na sua realidade cultural.

Levando ainda em consideração toda a discussão sobre miscigenação, a notícia acima não deixa de salientar: *O orgulho da raça, não impediu fusão parcial dos brancos com os vermelhos, fusão que teve os mais benéficos resultados, por que a população índia aumentava em vez de diminuir.*²⁶ Para os americanos, fez entender o autor, não bastava somente garantir o acesso à civilização, mas também controlar a população indígena, a miscigenação garantia o não aumento dessa “raça vermelha”, mesmo que isso significasse o sacrifício de membros da “raça branca”, deixando implícito a hierarquia de valor racial.

Entre as notícias desastrosas, a civilidade se contrapunha à incivilidade mediante as ações violentas creditadas aos indígenas: assassinato, roubo, depredação. Tais notícias eram dadas porque eles invadiam um espaço que havia se tornado privado²⁷, do colono “X” ou do

²⁵ REFORMA. Florianópolis, 13 de dezembro de 1906.

²⁶ Ibidem.

²⁷ O espaço nômade seria contrário ao espaço sedentário. O sedentário estabelece sua relação com a terra por meio de regime de propriedade, através do aparelho do Estado, este por sua vez tem como tarefa fundamental marcar o espaço sobre o qual governa. O nômade tem seu território, onde se move de um ponto a outro por

colono “Y”, espaços com casa e utensílios, criações, plantações que eles invadiam, roubavam e matavam. Agindo assim desordenavam o processo de civilização – “possuir”, “produzir”, “progredir”, que recaio sobre eles como incivilidade, não só porque dizia respeito ao privado e ao mesmo tempo ao progresso geral, mas porque eles próprios não estavam fixados em terras e produzindo para o Estado, para o país. A civilização estava em movimento constante, movia-se incessantemente para frente.²⁸ Esse conceito de civilidade estava explícito e implícito nos muitos textos jornalísticos em que se construiu representações sobre esse sujeito histórico.

O jornal *O Dia* publicava o artigo de um membro da Academia de Letras, que mesmo alheio a crenças religiosas, garantia o editor, escreveu a respeito do trabalho de catequização de Anchieta e seus companheiros, num lembrar entusiasmado do passado: [...] *abriram caminhos para os sertões por entre as lianas e os cipós emmaranhados; cobriram os campos de pastos e gados, cereaes e flores, em poucas palavras, transformaram um Brasil selvagem, povoado de animaes bravios e de feras humanas, em um Brazil civilizado, venturoso, senhor do seu próprio destino.*²⁹ Era a idéia de civilização que, no tempo presente, encontrava expressão na cristalização do passado, corporificada nas palavras.³⁰

Esse progresso não se associava somente à materialidade de estradas, edifícios, fábricas, [...] *as emprezas de luz e energia electricas, telephone e finalmente a de bondes [...] onde se [...] mostra o querer o progresso e incentivar cada vez mais os empreendimentos novos [...]*³¹, mas também a idéia de desenvolvimento de raça: [...] o

conseqüência e necessidade de fato, enquanto que o caminho de sedentário tem a função de “distribuir aos homens um espaço fechado, atribuindo a cada um a sua parte, e regulando a comunicação entre as partes”. DELEUZE, Gilles e GUATTARI. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo:Editora 34,1997:18.

²⁸ ELIAS, N. Op. cit. 24.

²⁹ O DIA. Florianópolis, 28 de janeiro de 1908.

³⁰ ELIAS, N. Op.cit.: 27.

³¹ COMMERCIO DE JOINVILLE, 11 de fevereiro de 1911.

*progresso não tem sido igual em toda parte, mas em toda parte há progresso. O desenvolvimento de cada nação é uma parte do desenvolvimento da raça*³².

³² Idem. 18 de agosto de 1906.

CAPÍTULO III

RELAÇÕES PLANEJADAS

Ao privilegiar o jornal como fonte documental, analisando-o como portador de discurso próprio de uma época, parto, através da garimpagem dos textos referentes aos indígenas, em direção às ações institucionais empreendidas com o propósito de torná-los “aceitáveis” para aquela sociedade branca. Envolvidas em discussões de ordem política e científica, pertinentes às exigências e anseios, externos e internos, daquele momento, como o novo sistema político à República.

O encontro com tais ações, que se compreendem oficiais, surge da leitura dos jornais, ou seja, a importância dada a elas, advém da insistência empreendida pela própria imprensa da época em noticiá-las. Sobre as ações dessas instituições também não faltaram oposições, revelando não somente intrigas de oponentes de ofício mas, principalmente, as divergências de opiniões frente às várias discussões do período. Aqui levo em consideração a idéia de discurso como sendo menos a transmissão de informações do que o efeito de sentidos entre locutores, sendo assim considerado como ação social.¹

A passagem do Império para a República, promoveu um movimento acelerado de avanço fronteiriço em todo o lugar, uma marcha colonizadora que empreendeu a penetração

¹ ORLANDI, Eni Puccinelli. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. 4 Ed. Campinas/ SP: Pontes, 1996: p.83. (1996 b)

das comissões de limites, as comissões de linhas ferroviárias e telegráficas. Para os indígenas, se caracterizou num período de extenso e profundo contato com o não indígena.²

Ações institucionalizadas e de ordem oficial como as da Igreja, da Liga Patriótica para Catequização dos Selvícolas e do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), correspondiam a interesses e motivações, elaboravam representações próprias a cada uma, como também correspondiam a interesses de ordem social e política da Nação.

Cabe aqui buscar nos jornais os discursos proferidos em relação aos indígenas, por essas instituições oficiais, olhar além do que poderiam ser suas preocupações de ação em se aproximar pacificamente dos indígenas e entender como se revertem os valores próprios dessa sociedade dominante e de suas representações. Para Orlandi, a formação discursiva voltada ao indígena, se relacionará através dessas ações oficializadas com a formação ideológica dominante, pois o discurso não é fechado em si mesmo. Aquilo que se diz trará significados múltiplos como, por exemplo, em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz e mesmo em relação a outros discursos.³

Ações de violência contra os indígenas podiam ser efetuadas pelos colonos, a priori, em defesa própria, ou através do trabalho contratado dos bugreiros. Essas ações, proporcionalmente, aparentemente são as que mais geram notícias e desacordos. Se os jornais omitiram e poucas vezes simplificaram as descrições detalhadas sobre a morte de indígenas, promovidas pelas ações dos bugreiros, o mesmo não se dava quando esses bugreiros traziam seus despojos de "guerra" e seus cativos indígenas. Por outro lado, quando o ataque era feito pelo indígena, onde a morte de pessoas brancas incluía certas atrocidades cometidas por eles, alguns noticiários não poupavam descrições aterradoras, imprimindo a imagem do selvagem. Com a priorização de notícias voltadas para o não indígena e suas formas

² ORLANDI, Eni P. *Terra à Vista. Discurso do Confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas: Ed.UEC, 1990: 60.

³ *Ibidem*:83.

descritivas, tem-se clara uma inversão de importância para os ataques. Sendo assim, era ao indígena que ficava garantido ser visto como violento.

Martinho Bugreiro, um dos mais frequentes personagens noticiados pelos jornais, ganhava destaque por chegar nas colônias trazendo numerosas armas e cativos. Noticiava-se com mais frequência sobre a captura de mulheres e crianças, às vezes rapazes. A referência a homens adultos era rara, sendo provável a presença desses quando se referiam à captura de “bugres”, o que se confirma em certas fotos do período, onde se percebe a presença de homens adultos entre cativos de bugreiros. Da mesma forma, notícias sobre a chegada de mulheres e crianças nas cidades são, também, mais frequentes nas manchetes.

O recolhimento imediato dessas crianças e mulheres era feito pelas ordens religiosas, conventos ou orfanatos. As crianças que passavam pela cerimônia de batismo podiam em seguida ser recebidas por alguma família para serem adotadas. Em Blumenau, o Dr. Hugo Gensch representava uma dessas famílias. Sendo defensor dessa ação, cita num artigo de jornal alguns nomes de certos representantes dessas famílias de adoção em Blumenau: Leopold Zimmermann, Vicente Scheefer, Sra. Flesch, Benjamim Gallotti, entre outros.⁴

A adoção das crianças indígenas gerava polêmica. No caso da imprensa, os posicionamentos se davam entre o *Der Urwaldsbote* e seus opositores, principalmente porque para o redator desse jornal, as crianças deveriam ser recebidas para desempenhar um papel definido, [...] *só para uma posição de servente a qual corresponde ao caráter subalterno da raça a qual eles pertencem.*⁵ Sustentava a opinião de que as ordens religiosas faziam uso do procedimento de adoção, dos pequenos que a ela eram confiados com aquele propósito. *Excepcionalmente*, admitia, algum dos rapazes poderia seguir a carreira eclesiástica. Ainda assim, detalhava seu parecer sobre a vivência dessas crianças, entendendo

⁴ NOVIDADES. Itajaí, 29 de março de 1908. Reedita integralmente o artigo do *DER URWALDSBOTE*.

⁵ Idem.

que elas não poderiam usufruir meias e sapatos, freqüentar uma escola alemã e tampouco participar de festas infantis, pois [...] *em tronco selvagem não se pode assim, sem mais nem menos, enxertar uma civilização, pois as condições morais e intelectuais inatas de uma raça não se deixam assim despir como um vestido.*⁶ Percebe-se que a utilização do termo raça estava submetida à idéia de superioridade racial, proveniente da hierarquização racial, própria de certas posições defendida por alguns estudiosos naquele momento, conivente com a postura desse jornalista como germanista. A idéia de raça construída sobre hierarquias denotando desigualdade dominou o pensamento social em muitos lugares, inclusive no Brasil, afirma Giralda Seyfert.⁷

O Dr. Gensch, opositor do *Der Urwaldsbote*, em resposta num artigo publicado no *Blumenauer Zeitung*, apresentou um dos motivos pelo qual entendia ser a adoção um ato importante: *O Sr. Urwaldsbote, se revela raivosamente contra sapatos e meias que estas pobres crianças vestem; contra as famílias que as educam [...], maravilhosa idéia humanitária que estas pessoas tem [...] pois também de um índio nú em pouco tempo se pode fazer um ser humano descente [...].*⁸ Ainda neste texto, o Dr. Gensch se posiciona contra a afirmação de que as ordens religiosas usassem crianças indígenas como serviçais.

Se por um lado, essas concepções de raça, que estabelecia hierarquicamente também concepções de civilidade, onde alguns negavam a possibilidade dessas crianças chegarem a serem civilizadas por conta de sua raça, por outro lado, aqueles que defendiam o contrário, ou seja, que as crianças poderiam sim, alcançar o “ser” civilizado, o faziam sob a premissa dos ideais civilizatórios. Nos escritos do Dr. Gensch, relacionados ao convívio destas crianças,

⁶ Idem

⁷ As doutrinas que afirmaram a desigualdade das raças, partindo de pressupostos de que a cultura é biologicamente determinada, terá no termo racismo a sua designação. SEYFERT, Giralda. “Construindo a Nação: Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”. In. MAIO, Marcos C. (org.) *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996:42.

⁸ BLUMENAUER ZEITUNG. Blumenau, 28 de março de 1908.

elas são apresentadas como desprovidas mas potencialmente capazes de atingir o “ser” civilizado através do estímulo a inteligência, com o uso de uma língua entendida como civilizada, que não era a do indígena, e, ainda serem envolvidos numa relação de carinho. Nesse sentido, vale observar que esta busca para transformar o indígena em igual, sustentava-se na relação de dominação do branco. Torná-lo igual, significava apagar as diferenças desqualificando-o para, ao mesmo tempo, qualificá-lo e passar a ser visto pelas qualidades próprias do branco.⁹

Mas, qual seria o trato dispensado a essas mulheres e crianças na hora dos ataques? Como seriam tratadas até chegarem aos espaços urbanos coloniais? Essas foram perguntas que levaram o jornal *A Fé*, da capital, Florianópolis, a pedir que o governo do Estado investigasse sobre a notícia de que Martinho Bugreiro teria trazido 2 mulheres e 8 crianças em mais uma de suas ações frente ao “bugre”. Seria motivo de parabenizações à localidade atacada, Pouso Redondo, se *esses selvícolas, por instinto próprio, resolveram-se a procurar a nossa civilização*, presumindo a aproximação dos indígenas por desejo de desfrutar dessa civilização. Está novamente presente a idéia de se eliminar a diferença do “outro”. Conclui dizendo no entanto que [...] *duvidamos que assim fosse* [...].¹⁰ A suspeita de atitudes de imposição de vontade e violência a essas pessoas capturadas é lançada ao leitor, o que se confirmava através de outros relatos.

Essas mulheres e crianças poderiam vir amarradas ou *prisioneiros numa carroça*¹¹, como testemunhavam certas pessoas. Em certos casos, expostas ao público, juntando muitos curiosos para vê-las, porque se apresentavam como exóticas, com o misto de lendas que os cercavam e por serem tão constantemente noticiados por sua selvageria.

⁹ ORLANDI, 1990: 58

¹⁰ A FÉ. Florianópolis, 01 de janeiro de 1907.

¹¹ NOVIDADES. Itajai, 01 de dezembro de 1912.

As mulheres eram temas de notícia desde a sua chegada até sua colocação nos conventos. Fora isso, pouco noticiavam os jornais sobre o seu posterior paradeiro delas. Muitas fugiam, outras se negavam a comer, sendo algumas usadas para estabelecer laços de aproximação. Mas a outros intentos poderiam ser expostas estas mulheres. O Dr. Gensch fez, em seu trabalho para o Congresso Americanista em Viena, uma denúncia sobre ações em seguida das capturas: *em benefício monetário dos bugreiros [...], curiosos puderam olhar as mulheres e crianças nos pontos de parada, que, assustadas, estavam de cócoras dentro de uma carroça [...] até as genitais das mulheres, foram mostradas a dinheiro.*¹²

Festival de batismos

Para a igreja católica, a salvação da alma, passa a ser tarefa operante mediante o aprisionamento de crianças pelas mãos de bugreiros. O batismo era providenciado logo em seguida à chegada das crianças, conclamado como uma forma de “rito de passagem” para a civilização. Podemos pensar, neste caso, o batismo como uma das formas de domesticar as diferenças, onde a religião torna o indígena mais assimilável por meio da catequese¹³.

A catequese tinha o papel de transformar, de inculcar valores. Entendia-se a igreja como carro chefe da moralidade, da disciplina, da submissão. De alguma forma, mesmo como iniciativa leiga, catequizar significava converter para transformar. O indígena materializava-se como o objeto dessa ação.

Os batismos como notícia nos jornais, apresentavam atitudes e falas que buscavam mostrar um papel afirmador, de uma sociedade que acolhe, salva, cristianiza e civiliza

¹² GENSCH, p.16. (tradução)

¹³ ORLANDI, 1990:57.

indivíduos despojados de tais virtudes. É a indicação de como esta instituição religiosa está articulada com outras, onde um discurso remetendo a outro.

Nos jornais pesquisados somente as crianças aparecem para serem apresentadas para o batismo através de cerimonial. Cerimônias como a realizada em 01 de janeiro de 1905, onde cinco crianças passaram para o “*seio da cristandade*”. O jornal *O Dia*, divulgou até mesmo a trajetória das crianças antes da cerimônia do batismo em si. Acompanhou em seus escritos a trajetória das crianças até o Asilo São Vicente de Paula, dirigido pelas irmãs da Divina Providência, trazidas até a Prefeitura de Polícia onde foram alimentadas, seguiram com uma comitiva formada pelo Sr. Governador, Prefeito de Polícia, o padre Francisco Topp e um frei. A multidão, dizia o jornal, já estava presente nas portas e nas ruas em frente da Prefeitura e possivelmente acompanhava a comitiva. No Asilo foram tiradas fotos que, apesar de não serem ainda impressas no jornal, foram postas em exposição ao público em sua oficina.

Para a cerimônia, assumindo o lugar de padrinho de uma das crianças, foi convidado o presidente da República, o Sr. Rodrigues Alves, que não podendo comparecer pediu ao governador que o representasse. Não só ele mas todos os padrinhos das cinco crianças são representantes do governo, como o governador Pereira Oliveira, o senador Lauro Müller, o vice-governador Coronel Vidal Ramos e o prefeito de Polícia Gomes Ramagem. As crianças receberam o primeiro nome em português e um segundo indígena e o sobre-nome. Três receberam o sobrenome dos seus padrinhos religiosos, menos as afilhadas do Presidente e do Senador.

A cerimônia foi apresentada no jornal com um caráter popular, onde primeiramente a população católica foi convidada a juntar-se à igreja, [...] *para unirem suas preces as que a Deus vão ser dirigidas pela felicidade dos novos membros da Igreja* [...] e ao governo, que

se fazia representado pelos padrinhos oficiais. Ainda promovendo uma participação da população, ao término da cerimônia [...] *as cinco crianças amparadas pelas madrinhas e com acompanhamento de crescida multidão dirigiu-se ao Asylo [...], ficando-lhes assegurada à entrada no grêmio da sociedade e no grêmio da Igreja.*¹⁴

Muito oportuno para o governo promover uma aparição de crianças, onde estas, representantes desse grupo temido, fossem bondosamente recebidas por essa sociedade, através de ato cristão, enquanto os possíveis pais ou parentes dessas crianças, que estariam espalhando medo entre os colonos cidadãos desta sociedade civilizada. Portanto, só nessa sociedade que os recebia [...] *encontrarão o carinho que lhe falta e de meios de em breve se transformarem em affectuosas crianças*¹⁵, sendo assim arrancadas *à vida selvagem*. Isto me leva a concordar com Berger, para quem, a religião serve para manter a realidade daquele mundo construído, onde pelo ritual do batismo se estabelece uma das formas de legitimação de uma ordem social objetivada.¹⁶

Num relatório apresentado ao vice-governador no mesmo ano de 1905, uma informação se destaca sobre as crianças então "cristianizadas". Das cinco batizadas em janeiro, duas já haviam morrido em junho. No mesmo relatório dá-se conta de que mais quatro crianças, capturadas em Araranguá e batizadas também naquele ano, *são fallecidas*¹⁷. Há vários relatos de crianças trazidas pelos bugreiros, alguns citando também a morte dessas recolhidas em conventos.

Em 1908, no XVI Congresso Internacional de Americanistas em Viena, o assunto da morte de crianças gera desconforto e polêmica, diante da declaração do Alberto Vojtech Fric sobre a colônia Blumenau: [...] *na caça aos bugres [...] só se prendia crianças indígenas dos*

¹⁴ O DIA. Florianópolis, 03 de janeiro de 1905.

¹⁵ O DIA. Florianópolis, 27 de dezembro de 1904.

¹⁶ BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985:55.

quais mais de 100 tinham morrido no convento ¹⁸, noticia o *Blumenauer Zeitung*, com tom de indignação declarando ainda que outros jornais teriam, também, *espalhado e exagerado o tema*. O contrário dessa acusação, foi exemplificar, através da adoção de crianças, a atitude humanitária de muitos em Blumenau. O que também aconteceu no Congresso por um certo sr. Seller, que se referiu ao Dr. Gensch, por ter adotado, com sucesso, uma menina.

A construção de uma imagem para o indígena retrata-se também com o exemplo de uma outra criança que se tornou “notícia destaque” para certos jornais. Foi o caso do garoto que passou a se chamar Francisco Topp depois de batizado, tendo como padrinho o padre Francisco Topp que lhe concedeu o direito de usufruir seu nome. No período ainda infante ficou sob a guarda do padrinho, depois lhe segue a carreira religiosa indo estudar num seminário no Rio Grande do Sul. Cumprindo certo período de estudos, torna-se notícia nos jornais. O *Novidades* falou sobre a vida acadêmica do jovem e confessava estar aí o interesse em noticiá-lo, por ser este “*brasileiro-brasileiro*” e não o ítalo ou teuto-brasileiro, tendo em suas veias o sangue dos aborígenes. Ele era “verdadeiramente” um Botocudo, trazido a essa sociedade que ainda o reverenciaria, profetizava a notícia, pelas mãos de bugreiros [...] *preso em um emaranhado de lianas e cipós [...] apanhado nas selvas a laço*.¹⁹

Dois anos depois reaparece nos jornais, em passagem por Florianópolis, seguindo para Roma, onde frequentaria o Collegio Pio Latino Americano, para continuar seus estudos, confirmando assim sua carreira eclesiástica. O *Commercio de Joinville*, de 25 de maio de 1907, traz um roteiro da vida do rapaz. Chamava-se *Cogonh* e era filho de cacique. Coursou o primário em Tubarão passando para o Colégio dos franciscanos em Blumenau, seguindo depois para um colégio jesuíta no Rio Grande do Sul. Seu intuito era seguir o sacerdócio,

¹⁷ Relatório Apresentado ao Vice-Governador do estado de Santa Catarina, Coronel Vidal Ramos Jr. pelo Secretário Geral dos Negócios do Estado Doutor João Carlos Pereira Leite - junho de 1905.

¹⁸ BLUMENAUER ZEITUNG. Blumenau, 07 de novembro de 1908.

¹⁹ NOVIDADES, 15 de janeiro de 1905.

tornar-se catequizador de seu povo no seu Estado, proclamava o jornal. Tais notícias proporcionavam a esperança de que aqueles indígenas, ainda crianças, sendo educados na civilização, nos primórdios de sua vida, poderiam se tornar cidadãos adultos nessa sociedade e até mesmo serem respeitados e notórios. Nada mais animador e esperançoso no trato conflitante com os indígenas arredios e selvagens do que ter um seu representante cristianizado, civilizado e disposto a trazer os seus para a mesma realidade.

A mesma edição desse jornal, numa re-publicação de notícia do **O Paiz**, discorria sobre a capacidade acadêmica do jovem Botocudo no seminário: [...] *acaba de ser aprovado em português, francês, alemão, latim, grego, retórica, algebra, geometria e trigonometria* [...]. O que os textos dos jornais apresentavam sobre o rapaz, personificava a imagem de um indígena que, introduzido à civilização pela igreja e tendo à sua disposição a educação, pode perfeitamente se apropriar dos paradigmas da sociedade branca.

Uma Ação Patriótica

Um outro tema que suscitou várias manifestações nos jornais foi à criação, em Florianópolis, de uma instituição denominada Liga Patriótica para Catequização dos Selvícolas, empreendimento que promoveu artigos opiniosos sobre o indivíduo indígena e a visão de muitos sobre ele. Com atuação quase nula entre os indígenas propriamente em si, teve curta existência também como instituição. A Liga havia sido uma iniciativa leiga, agregando no seu quadro institucional vários representantes da elite local como intelectuais, políticos, militares e religiosos. Na composição do quadro administrativo da instituição encontravam-se nomes como o do padre Raulino Horn, no cargo de Presidente, Gustavo

Richard e Abdon Baptista, como presidentes de honra, o que evidencia a dobradinha Igreja e Estado numa oficialidade escrita, mas nada atuante nesse caso.

Seria de Pedro Maria Trompowsky Taulois, Major-Engenheiro, o empenho em promover a criação de tal entidade, assim reconhece a classe jornalística: *Esta idéia patriótica devemol-a ao Dr. Pedro Taulois que assim encarou e deu vulto ao magno assumpto*²⁰, como também a ele coube pronunciamento no ato de instalação da Liga, registra o **Reforma** em 06 de dezembro de 1906.

O jornal **A Fé** traz, em seu artigo sobre o ato de instalação da Liga, o discurso próprio do ideário católico: *É chegada a época de erguermos e altivamente conservarmos erecta a cruz redemptora sobre os aldeamentos dos neophytos da nossa civilização [...]*.²¹ Demonstrando a visão de que seria através da igreja, na sua tarefa de catequização, que os então neófitos, pessoas em estágio inicial da civilização poderiam ser salvos, espiritualmente e “humanamente”. Tal inclusão do termo catequização, parece referendar o uso da mesma como oriunda da tarefa católica em introduzir conhecimento, buscando mudanças e aceitação de seus preceitos. Este parâmetro católico suscitava em certos artigos jornalísticos, a lembrança do período colonial, onde religiosos católicos como Nóbrega e Vieira empreenderam a catequização, entendida por quem as mencionavam, como vitoriosos em sua tarefa. De alguma forma, mesmo como iniciativa leiga, catequizar significava converter para transformar.

A proposta de ação da Liga também ganhou as páginas dos jornais. Baseada nos pressupostos positivistas, acalentava o projeto de não mais intentar contra a vida dos indígenas mas trazê-los à civilização por iniciativas pacíficas atraentes e convincentes.

²⁰ A FÉ. Florianópolis, 15 de dezembro de 1906

²¹ Idem

Em março de 1907 chegou de navio a Itajaí o Sr. Alberto Fric. Conforme seu cartão de visita, como noticiou o **Novidades**, era representante do Museu Etnográfico de Berlin e assistente do Museu Etnográfico de “Freie und Haustadt” de Hamburgo e, ainda, pacificador dos índios de Santa Catarina²². Também positivista e livre pensador, foi contatado para essa tarefa por Pedro Taulois. Ambos se conheceram em Buenos Aires, num Congresso Maçônico, onde Fric teria ido para apresentar estudos sobre a violência contra os índios da América do Sul, incluindo o Brasil.²³

Além de críticas costumeiras à ação da Liga, a presença e, ainda mais, os discursos proferidos por Fric, tornaram-se motivo de constantes inquietações e discordâncias, resultando no próprio afastamento de Fric da Liga ainda naquele ano. Fric voltaria às manchetes de jornal no ano seguinte, 1908, pela sua participação no Congresso Americanista em Viena, onde provocou novamente polêmica sobre a questão indígena no Estado, o que não deixaram passar sem registro os jornais.

Mal havia pisado em solo catarinense, desembarcando em Itajaí, Fric dirigiu-se a Blumenau para lá tratar de sua tarefa conferida pela Liga, mas sem demora encontrou resistência, como o fato de já encontrar publicado na edição do dia do *Der Urwaldsbote* críticas à iniciativa do que se entendia por aproximação pacífica. O jornal **Reforma** é quem publica um depoimento de Fric após o insucesso de sua ida à Blumenau, centro onde o interesse por um sucesso nas relações com os indígenas deveria ser mais bem esperado. Em seu depoimento ao **Reforma**, Fric lançou opiniões pouco cordiais sobre as autoridades que já se encontravam envolvidas com a causa indígena. Teria protestado contra a inclusão da palavra catequizar no nome da Liga Patriótica e justificou: *Não reconheço o direito de*

²² NOVIDADE. Itajaí, março de 1907.

²³ SANTOS, Silvio Coelho dos. “Fric, a “Liga Patriótica” e os índios”. In. *Anais do Congresso de História e Geografia de Santa Catarina*. Fpolis: Capes/MEC, 1999:708.

obrigar os selvícolas a crer nesta ou n'aquella religião, uma vez que ninguém sabe a melhor ou qual a mais perniciosa.

Além de proferir palavras pouco amistosas em direção à ação da igreja, na sua intenção ainda inclusa nesta organização, Fric também fez certas acusações voltadas para o governo. Segundo ele, *o erro [...] se repete no momento presente em que são enviados pelo governo bugreiros [...] pra matar os pobres selvagens.*²⁴ Apesar de logo em seguida tecer elogios ao vice-governador, Sr. Abdon Batista, reconhecendo nele um espírito humanitário por enviar ao superintendente de Blumenau telegrama pedindo que se evitasse o assassinato dos índios, seguindo-se o reconhecimento do ato do governador Gustavo Richard que teria declarado que não mais se fariam batidas oficiais. Vale lembrar que ambos, governador e vice, faziam parte oficialmente da Liga

Até mesmo contra “alguns maçons” Fric proferia críticas. Partindo da base humanitária e positivista em que se sustentava a maçonaria afirmou: *Até alguns que se dizem maçons não tem o menor sentimento de humanidade, chegam a applaudir o extermínio do seu próximo, considerando-o como animaes.*²⁵ Ele chega a pedir a expulsão dos que assim se posicionavam- em relação aos índios.

A imprensa ocupava seu lugar movimentando os interesses em volta da questão da Liga. O posicionamento do *Der Urwaldsbote* é criticado por Fric como instigador e influenciador de posições antiindígena. Um representante da mesma, utilizando-se das páginas do *Reforma*, escrevendo em resposta ao *Der Urwaldsbote*, que teria feito circular em suas páginas um artigo demonstrando estarem em *campos oposto na questão dos selvícolas.*²⁶

²⁴ REFORMA. Florianópolis, 13 de abril de 1907.

²⁵ REFORMA. Florianópolis, 15 de abril de 1907.

²⁶ REFORMA. Florianópolis, 05 de janeiro de 1907.

O embate segue com o **Reforma** apresentando as afirmações do *Der Urwaldsbote*, seguidas de réplicas do representante da Liga com colocações como: a defesa de colonos em detrimento de indígenas, a base da proposta de ação em favor dos indígenas, a falta de interesse do Estado em resolver o problema, entre outros, dos quais destaco dois a seguir.

O *Der Urwaldsbote* questionava a razão de ter sido a Liga instituída na capital, uma vez que, no momento em que isto acontecia, era em Blumenau que vítimas dos índios choravam seus parentes mortos e suas perdas e era também daquele lado que se encontravam batedores “caçando bugres”. A resposta dada pelo representante da Liga, reconhecia a razão do estranhamento do local escolhido mas era ao mesmo tempo evasiva em justificá-la. No entanto, Fric, o representante mais ilustre do qual a Liga poderia se gabar de ter em seu quadro de trabalho, foi diretamente rejeitado em Blumenau sofrendo, como já salientei, as críticas do próprio *Der Urwaldsbote*.

O *Der Urwaldsbote* renegava qualquer sentimento de compaixão para com os indígenas, bem como o excesso de sensacionalismo contra os atos dos batedores de bugres. Chamou a atenção ainda para o fato de que, *esses bugres preferem a vida livre ao trabalho*, reforçando a idéia de que não podia esperar deles engajamento no trabalho e tão pouco, serem participantes de um projeto de progresso, reforçando ainda que, o cruzamento de índios com os portugueses já havia dado prova de que a raça daí surgida era *má raça*.²⁷

Introduzida ainda no Império e ganhando mais espaço para debates a partir da entrada significativa de imigrantes no Brasil, as teorias raciais iam se incorporando aos embates sobre a forma de estabelecimento e sociabilidade de imigrantes. A imprensa em Santa Catarina retratava isso através dos embates provenientes de artigos intitulados, como por exemplo, “Perigo Alemão”. Para quem salientava o tema, as acusações estariam pautadas, por exemplo,

²⁷ REFORMA . Florianópolis, 05 de janeiro de 1907.

no que se entendia como formas de homogeneização das colônias, pela pouca presença de outros grupos que não os colonos nelas estabelecidos. Para os que se viam ofendidos, a represália vinha através de críticas aos nativistas, conforme publica o **Reforma**: *Grupos alemães em Joinville dizem: a constante referência ao perigo allemão é injusta e até pouco generosa para quem coopera sinceramente para o progresso do Brasil. O Brasil tem vasto território e precisa de colonização. Elle será grande se o espírito nativista não exagerar em ver em tudo perigo estrangeiro.*²⁸

A discussão sobre a questão da raça reproduziu-se mesmo nas referências aos indígenas ou, como insinuou o artigo do **Der Urwaldsbote**, falando do resultado do cruzamento entre índios e portugueses como tendo dado origem a uma *má raça*, classificando mesmo os portugueses como um dos povos europeus com certo descrédito. Giralda Seyferth analisa as questões sobre imigração e raça, promovidas naquele momento por vários intelectuais. Para alguns, o progresso do Brasil ficou prejudicado por ter ficado por muito tempo sem o elemento capaz de promover a real civilização. O português, apesar de europeu, nessa classificação, não era apto para a tarefa por ser avesso à lavoura e ao capitalismo.²⁹

SPI: Serviço de Proteção ao Índio

Está aprovado o regulamento a que se refere o decreto n° 8. 072, de junho de 1910, que criou no ministério da agricultura o Serviço de Proteção ao Índio e Localização de Trabalhadores Nacionais. A

²⁸ REFORMA. Florianópolis, 25 de agosto de 1906

assistência que vae ser prestada aos selvícolas abrange aos que vivem aldeados, reunidos em tribus, em estado nomade e aos que vivem em commum com os civilizados.

Assim noticia *O Dia*, em 02 de julho de 1910, a fundação do primeiro órgão governamentalizado, criado para administrar as relações entre indígenas, distintos grupos sociais e demais aparelhos de poder. Sua regência inicial ficou a cargo do Marechal Cândido Rondon e ligado ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, criado em 1906. Envoltos em encaminhamentos políticos pertinentes à expansão de um Estado Nacional, o SPI³⁰ teria como propósito, através de novas bases de ação indigenista, racionalizar o processo de incorporação dos territórios e das populações indígenas à sociedade brasileira.³¹

Cândido Rondon, militar de carreira ascendente, estava ligado ao empreendimento de instalação das linhas telegráficas, tornando-se chefe da Comissão de Linhas Telegráficas do Estado do Mato Grosso em 1900. O projeto em questão compreendia, por parte do governo, não só a “diminuição de distâncias” mas também estratégias para viabilizar a ocupação de outras regiões, promovendo a migração e, ainda, “nacionalizar” os povos indígenas.³² Vejamos declaração de Rondon em 1903, diante do desafio de traçar mais uma linha de telégrafo em certa região do Amazonas: *Só assim pudera eu, na exploração anterior, entregar à Pátria não só um território até ai desconhecido, como também as populações desse*

²⁹ SEYFERTH. 1996. Op.cit.:54.

³⁰ O SPI, tinha como pressuposto básico civilizar o índio e educar o trabalhador nacional, conferindo-lhe lugares precisos no espaço social e geográfico. Os índios no entanto, eram concebidos como num estado social transitório, futuramente incorporáveis a categoria de trabalhadores nacionais. LIMA, Antônio Carlos de Souza. *Um Grande Cerco de Paz: Poder tutelar, indianidade e formação do estado no Brasil*. Petrópolis/RJ:Vozes,1995:120/134.

³¹ BIGIO, Elias dos Santos. *Cândido Rondon. A integração nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto; Petrobrás,2000:26.

³² Idem.:06.

*território já mansamente afeiçoadas à nossa gente, aptas para prosseguir espontaneamente na sua evolução.*³³

A pátria republicana busca consolidar o território, bem como descortiná-lo. Dos povos indígenas no território nacional, sabia-se serem vários os grupos, e que estes poderiam garantir a defesa das fronteiras. O governo dos povos indígenas unificados numa instituição, salienta Lima, se faz sobre um largo número de povos indígenas diferenciados, dispersos em um amplo espaço geográfico ainda não totalmente territorializado, e acaba por criar a necessidade de homogeneização de concepções quanto ao modo de exercitar as práticas de poder sobre esses povos.³⁴

Através de várias notícias publicadas nos jornais em Santa Catarina sobre esse momento, tem-se também o movimento de instalação de uma Inspeção³⁵ em Florianópolis e os envolvidos nas mesmas. É a partir daí que podemos perceber o significado das posições dos porta-vozes do SPI e suas construções oficiais sobre os indígenas. O *Dia*, de 30 de setembro de 1910, revela o nome de dois catarinenses que assumiriam cargos nas Inspeções: o 1º Tenente Vieira da Rosa, designado como “Inspector de Catechese neste Estado”, e o Capitão Pedro Maria Trompowski, fundador e membro da extinta Liga Patriótica para Catequização dos Selvículas, para igual cargo no Estado da Bahia. Publicou-se nos jornais as discussões em relação ao trabalho e às ações diante dos indígenas vinculadas ao SPI, incluindo trabalhos realizados em outros Estados.

Encontramos nos jornais, por exemplo, carta enviada pelo Major Gomes de Castro, indicado para o posto de chefe da turma do Norte - Comissão de Telégrafo, para o Ministro da

³³ Idem: 10.

³⁴ LIMA, Antônio Carlos de Souza. “O Governo dos Índios sob a gestão do SPI”. In. CUNHA, Manuela C. *História dos Índios do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992:155.

³⁵ As Inspeções seriam unidades de atuação de escala média dentro da organização do SPI. A localização e a quantidade das unidades de atuação no território brasileiro dependia do grau de interesse pela expansão de fronteiras e das verbas e elas destinadas. LIMA, 1992:164.

Ribeiro

Agricultura, onde destacamos: [...] *eu farei todo o empenho em que as tribus com que eu vou entrar em contacto, no desempenho de minha missão, fiquem bem compenetradas de que a situação republicana já fez surgir na alma brasileira, affectuosas disposições moraes de real fraternidade para com ellas [...].*³⁶

Através dessa comunicação oficial, pode se perceber certas convicções que relacionavam o contato com os indígenas e os novos parâmetros políticos da recém instalada República. Essa República asseguraria uma relação civilizada, bem como, o próprio “evoluir civilizatório”. A referência que o major Gomes faz ao indígena como *nossos infelizes selvagens*³⁷, é comumente usada entre os envolvidos com o SPI ou mesmo com as idéias de Rondon.

Ainda nessa matéria, ele ressalta a importância de ter sido o positivismo que *organicamente emancipou dos odientos preconceitos de raça*, tornando-se essa, a base desse empreendimento. A religião católica, separada do Estado, não mais integraria esse novo momento de *tão sympathica e empolgante missão pacificadora*, e tampouco o que ele chama de cientificismo, que estaria mais preocupado em divagações imorais e irracionais, próprias do cientificismo acadêmico.

O Inspetor José Viera da Rosa também fez uso dos jornais para expor sua concepção oficial, como ele mesmo faz questão de se referendar: *Não poucos artigos tivemos ocasião de escrever sobre os nossos pobres índios [...].*³⁸ No início do texto citado que trazia como título “Os nossos Índios”, observa-se a referência aos indígenas como *pobres índios*, ressaltando que por lei eles eram órfãos e que, portanto, estariam diretamente sob a proteção das autoridades. Além disso o artigo chamava a atenção das autoridades municipais, e do

³⁶ O DIA. Florianópolis, 21 de julho de 1910.

³⁷ Idem

³⁸ O DIA. Florianópolis 18 de outubro de 1910.

povo em geral, para que participassem da ação de proteção aos indígenas, [...] *em nome da nossa civilização, em nome de nossos fôros de povo culto* [...].

Permeava, portanto, no discurso desse órgão, o censo do ideal civilizatório. No entanto, era também, a ponte para se contraporem aos atos de agressão contra o indígena. Para isso expõe: *Ao povo diremos: o índio é um homem como outro qualquer e não a besta fera a que os Martinhos e outros organizam montarias*.³⁹

Para Orlandi, o momento de criação do SPI era onde a presença do índio estava mais consciente, ele ficava mais visível. Portanto, era preciso apagar essa visibilidade. E uma das formas era não tematizando a invasão mas colocando o foco no extermínio.⁴⁰

Repetem-se também, nessa fala de Rosa, as contradições sobre o tema “raça inferior” dos indígenas. Do que está se falando quando se mencionam a superioridade de raça, do aspecto físico, moral ou intelectual? pergunta ele. A partir daí, ele mesmo quebra a lógica de tratar cada um desses traços como intrínsecos ao Ocidente, dando diferentes exemplos de que estes aspectos não se sustentam. Mas, deixa escapar no texto, referindo-se à notabilidade de Cruz e Souza, como representante da raça negra: *Vê-se pois que se o negro tivesse, desde os tempos mais remotos, recebido à influência civilizadora do ocidente, teria dado ao mundo muitos Cruz e Souza, muitos Dumas, Tobias Barreto e outros, genuínos negros ou mestiços*.⁴¹ Como destaca Seyferth, os pressupostos de inferioridade e a hierarquização baseada em elementos de natureza racial (como determinante de “capacidades”) são mais do que óbvios quando está em jogo a idéia de “progresso”.⁴²

A atuação de Vieira da Rosa como Inspetor foi difícil, pois era complicado orientar-se diante da movimentação geográfica do indígena. Com as ordens centradas na sede do órgão no Rio de Janeiro, as ações na “linha de frente” ficavam muitas vezes por conta de

³⁹ Ibidem.

⁴⁰ ORLANDI. Op.cit.: 1990:61.

⁴¹ Ibidem.

mandos e desmandos provenientes de tal distância. Sem falar no desconhecimento do indígena, a quem procurava-se “aplicar as ações pacificadoras”.

No jornal **O Dia**, no mês novembro de 1910, vemos publicada alguns artigos sobre o aparecimento de um grupo de 42 indígenas conduzidos por um certo José Rodrigues, que provocou tumulto entre autoridades e população. Naquele momento o enfoque sobre essa notícia recaía sobre a atuação do oficial.

O fato de 42 indígenas, com “adorno” de Botocudo, saírem do mato, movimentou a população local de Pouso Redondo e imediatamente levou o governo a enviar telegrama ao Tenente-coronel Rondon, dele esperando providências, ou melhor, ordens. O que imediatamente se faz por meio de outro telegrama, permeado de deleite triunfalista : [...] *congratulo-me comvosco por este fato início relações fraternas com estes índios [...] Nesta data expresso ordens inspector ir urgentemente Pouso Redondo adoptar medidas convenientes a proveitamento tão valioso contingente missão d'essa diretoria.*⁴³

O que Rondon chamou de *relações fraternas*, resultou na ação do Juiz de Direito de Blumenau em transferir o grupo indígena de lugar, garantindo sua segurança com uma escolta de policias, [...] *em virtude de hostilidades feitas pelos colonos de Timbó que armados queriam fazel-os voltar ao matto.*⁴⁴

O ocorrido estende-se. O jornal **O Dia** publica que o governo já estaria seriamente preocupado com a vinda “dos bugres para o meio civilizado”. Afinal, teriam dito estes indígenas que o resto da tribo gostaria de vir também . Com a aproximação de mais alguns, eles já eram em número de 68 e o resto da tribo seria ainda de 243 pessoas. Até então, não se sabia nada da procedência de tal grupo. Aliás, o governador mandava perguntar aos indígenas sobre os costumes da tribo e onde realizavam suas expedições.

⁴² SEYFERTH. Op. cit:1996: 48.

⁴³ O DIA. Florianópolis 15 de novembro de 1910.

⁴⁴ Idem.

Mas o “comando” do SPI estava esperançoso no Rio de Janeiro, por entender que se poderia ver [...] *brevemente resolvido ahi o problema dos selvicolas desse Estado*. E continua o telegrama: *Felicito a v. exa. por tão auspicioso acontecimento que muito influirá crear prosperas colonias vosso futuro Estado - Pedro Toledo*⁴⁵, então Ministro da Agricultura.

Como nos esclarece Lima, a estratégia para a relação pacífica com os indígenas, adotada por Rondon, era uma aproximação sem atitude hostil, sustentada pela coragem física e moral de seus agentes. Com atitudes somente defensivas, buscava-se convencer o indígena de que a relação era amistosa. Ao atrair e pacificar, ter-se-ia também a conquista das terras, sem com isso precisar destruir e ainda poder dispor de mão de obra para o desenvolvimento nacional. Nisso consistia a missão civilizadora.⁴⁶

A Vieira da Rosa restariam ainda os deslocamentos apressados em várias direções, tentando se por a par das inúmeras ocorrências de “ataques”. Dificuldade que ele próprio já havia sentido nos primeiros momentos do seu trabalho. Relatando dificuldades com os caminhos, com o cansaço e morte de animais de carga, e por conta de duas chamadas que recebeu indo a caminho de resolver uma outra, percebe a dificuldade nas distâncias entre as localidades onde os indígenas apareciam. Tomados pela urgência em atender os casos, pelo desconforto, o pouco dormir que ele e os seus soldados vivenciavam, via prejudicado seus primeiros serviços de inspetoria.⁴⁷

Além disso, Vieira da Rosa, enfrentou a opinião pública, expondo e sendo exposto pelos jornais. Posiciona-se, em relação a certos acontecimentos, em favor dos indígenas, como foi pelo acontecido onde pessoas brancas passando-se por índios atacavam colonos vestidos “a caráter”. Provocaram não só o medo entre os colonos, como o abandono de certas propriedades, levando certos colonos a contratarem “limpadores de florestas” para atacarem

⁴⁵ O DIA. Florianópolis, 22 de novembro de 1910

⁴⁶ LIMA, 1992:160

⁴⁷ SANTOS. 1987.Op. cit.:127/128.

os indígenas, por serem eles os primeiros suspeitos em promover tais ataques. Vieira da Rosa utilizou-se dos jornais e, com artigo intitulado “Bugres Loiros”⁴⁸, defendeu suas posições frente ao trato com os indígenas.

Num outro caso acontecido anteriormente, o assassinato de um colono de nome Pletz, leva o *Der Urwaldsbote* a publicar o descaso do governo, questionando a ação de Vieira da Rosa, insinuando o descompromisso do inspetor por não se saber de seu paradeiro nessa ocasião, vitimando os colonos por se verem desprotegidos. Já *O Dia*, lançando-se em favor do governo, defendia as ações promovidas em busca de resolver o caso, defendendo o indígena com falas como: *Custa crer que ainda hoje se negue aos nossos desgraçados indígenas o direito natural à vida.*⁴⁹ *O Novidades*, ao mesmo tempo, registra que o fato levou a abertura de inquérito para apurar quem seriam realmente os culpados pela morte do colono. A desconfiança nasceu do fato de que alguém teria enviado ofício à autoridade alemã no Rio de Janeiro, pedindo indenização para a viúva do homem vítima dos *bugres*⁵⁰. O jornal, colocava em dúvida a responsabilidade dos indígenas pelo crime.

No caso dos “Bugres Loiros”, Vieira da Rosa mostra que vários ataques foram desencadeados meses depois, onde até os colonos mais antigos desconfiavam do número de indígenas atacando em vários lugares ao mesmo tempo. O que resultou não no episódio do colono Pletz, mas do assassinato de uma outra família, também atribuída aos *bugres*.

Um dos casos é resolvido pelo próprio Vieira da Rosa e teve como desfecho a prisão de um colono de nome Cristovan Knecht. Ao promover barulhos com apitos, propagava o medo fazendo os colonos proprietários fugirem para em seguida realizar a “limpeza” na propriedade. Não seria esse um caso isolado pela conclusão de Vieira da Rosa, pois

⁴⁸ O DIA. Florianópolis. 29 e 31 de março de 1911.

⁴⁹ O DIA. Florianópolis, 04 de janeiro de 1911. Vale ressaltar que nesse mesmo artigo encontra-se re-publicado o artigo do *Der Urwaldsbote*, onde o DIA procurou desarticular o conteúdo do opositor, mostrando o texto, seguido da contra resposta.

comunicou no mesmo texto: *Depois tive a notícia que no Beneditto Novo e Liberdade outros factos foram esclarecidos.*⁵¹ Vieira da Rosa se via em dificuldades não só no cumprimento do seu trabalho, no aspecto prático e nos posicionamentos, mas também pelos disparates de fatos que se enquadravam como sendo culpa dos índios, com roubos e assassinatos, serem praticados por colonos mal intencionados, e não menos violentos na defesa de seus interesses escusos, agindo contra seus patrícios.

A implantação e mesmo a atuação do SPI sob o encargo inicial de Vieira da Rosa, mostra-se através dos jornais como um projeto ineficiente, pois seu trabalho ficava por conta de se deslocar de um lado para o outro, sem indícios de que com isso se conseguisse montar uma acertada política de atração dos indígenas para o Estado, demonstrando que o desconhecimento dos mesmos agravava ainda mais a situação. E as referências a eles, ficavam por conta de garantir-lhes o tão citado estado de *infelizes indígenas*, numa confissão indireta da própria ineficiência em atender a tão “desbaratinada” situação, a impossibilidade de travar um simples contato com eles.

Contradições sobre a importância desse trabalho, entre o Ministro da Agricultura responsável pelo SPI e o da Guerra, que reclamava os oficiais empregados no serviço de catequese, se apresentavam. O Ministro da Agricultura desabafou em entrevista a um jornalista: *Vou mandar telegrama aos officiaes que estão no sertão, communicando a decisão. Não insistirei mais, apesar de saber que está condemnado à desorganização certa o serviço de proteção aos índios.*⁵²

No entanto, notícias sobre as empreitadas de Rondon em outras localidades eram divulgadas por jornais que a priori buscavam defender a atuação do SPI em Santa Catarina. O **Gazeta de Joinville** noticia o sucesso de Rondon com um grupo indígena no Mato Grosso.

⁵⁰ NOVIDADES. Itajaí, 15 de janeiro de 1911.

⁵¹ O DIA. Florianópolis, 29 de março de 1911

⁵² A ÉPOCA. Florianópolis, 02 de dezembro de 1911.

Com palavras escritas pelo próprio Rondon, tem-se não uma identificação das especificidades do grupo, mas o que a proximidade do branco já estaria representando para eles: *Essa nova tribo é admirável em tudo. Estou verdadeiramente entusiasmado com o progresso que tem no meio de tanta dificuldade. Admiram os phosphoros, aos quais fizeram grande festa. Procuram assimilar e utilizar tal como o fazemos, o emprego da faca, do garfo e da colher.*⁵³

O entusiasmo parece recair não no contato propriamente em si, mas por tudo que comprovava um estado de “progresso”, pelo uso que faziam de certos objetos e mesmo por modos que seriam identificados como de brancos. Aceitaram as miçangas e os machados com *contentamento inexcidível*, possuíam cerâmica, comida boa (bolos, mingau, mel, farinha) tudo feito com muito *asseio*, eram agricultores e até possuíam um sistema de iluminação com uso de resina. Sem falar que, espontaneamente, já se interessaram por garfo, faca e colher.

Notícias como esta, do ponto de vista de quem a publicava, interessavam ao leitor por conta de um quadro tão difícil na relação com os indígenas no Estado. O caso no Mato Grosso, interessava ao processo de contato com os indígenas “catarinenses”, de uma forma geral, por apresentar, numa região que também buscava seu desenvolvimento⁵⁴, um grupo que julgava Rondon *ser a primeira vez que vêm civilizado*, mas que tão “infantilmente” se interessavam pelas coisas e modos dos civilizados.

Um ano antes o A *Época* também publicou outra comunicação de Rondon, reconhecendo o trabalho da ordem católica dos Salesianos, também no Mato Grosso, entre os Bororo. A importância do contato com esse grupo recai também sobre as observações de “progressos”: *Observei nas colônias [...] dirigidas pelos missionários salesianos relativo progresso nos seus civilizados, alguns conhecendo já os officios de carpinteiro e oleiro,*

⁵³ GAZETA DE JOINVILLE. Joinville, 28 de Dezembro de 1912.

⁵⁴ No Mato Grosso, naquele momento, já se expandiam as fazendas de criação de gado e café.

*muitos se empregando em trabalho de gado [...] algumas jovens índias estão iniciadas nos trabalhos de teares, de agulhas e crochet; os meninos principalmente a ler e escrever [...].*⁵⁵

Rondon, ressalta também aqui, a importância de ver o grupo em progresso, em estágio tal que já podiam ser apresentados como civilizados. Especialmente, percebemos o contorno de padrões no destaque das atividades desenvolvidas entre mulheres e homens, enquanto mulheres bordam e usam agulhas, próprio do papel das mulheres brancas e civilizadas naquela sociedade, bem como dos homens, trabalhando nos ofícios e os meninos aprendendo a ler. Percebe-se um mecanismo de apagamento, onde o indígena passa a ser visto por características culturais que não são propriamente as suas.

A partir de 1913 os jornais trarão outros nomes como responsáveis pelo trabalho do SPI em Santa Catarina, mas as complicações e dificuldades se mantinham, as tentativas de aproximação eram de pouquíssimo resultado, apesar de muitas vezes aparecerem nos jornais envoltas em entusiasmos.

Manoel Miranda é um desses nomes que passa a circular nos jornais, ocupando cargo de Chefe de Secção do SPI. Circulou por Santa Catarina, sendo que em junho de 1913, em telegrama ao então governador Coronel Celso Ramos, comprometeu-se em vir até a colônia Hamonia, onde pretendia organizar uma expedição para tomar conhecimento *do problema indígena catarinense* e, a partir daí, implantar seu projeto de pacificação, como declarou: *Fundarei uma fazenda de criação e plantação com certo desenvolvimento na zona afastada dos colonos, encontrando seguros elementos de subsistência; não mais irão às terras já colonizadas.*⁵⁶

⁵⁵ A ÉPOCA. Florianópolis, 07 de outubro de 1911.

⁵⁶ O DIA. Florianópolis, 11 de junho de 1913.

Posto de Atração

Em setembro do mesmo ano o mesmo Sr. Miranda, ainda no Estado, encontrava-se na região da colônia Hansa, onde se instalara um posto de atração no Plate. O Inspetor em exercício no Estado era o major Abbot, que neste momento acompanhava o sr. Miranda. Em torno desses movimentos oficiais, o jornal *O Dia* publicou seu discurso otimista, respaldando-se no “sucesso” de Miranda entre os Kaingang de São Paulo sobre o qual escreveu: [...] *agindo com heroísmo exemplar, que lembra a acção nobre dos inolvidáveis Anchieta e seus auxiliares. A excursão do Sr. Dr. Miranda, impulsionado das melhores intenções e dispendo de uma comprovada capacidade no assumpto, desperta-nos as mais fundadas esperanças.*⁵⁷

Nos escritos de Deeke ficava o registro de que a imprensa contrária às ações catequizadoras também se havia lançado sobre esta nova tentativa de ação para com os indígenas. Lembrava Deeke, que o pessoal a serviço do SPI, sob direção de Manoel de Miranda, viram-se até provocados por proposta de Martinho Bugreiro em fazer-se membro do Serviço de Proteção, o que rejeitaram com indignação. O próprio Martinho havia sido contratado naquele momento para dar proteção aos trabalhadores que realizavam estudos para a construção de uma estrada de ferro.⁵⁸

Todo um aparato simbólico havia sido implantado no posto para criar o ambiente de trabalho que envolvia o esforço de atração dos indígenas: gramofones foram instalados para tocar o hino nacional, a bandeira nacional era hasteada diariamente, sendo que ao anoitecer um cerimonial se dava em torno do recolhimento da bandeira, onde todos entoavam o Hino Nacional em forma e em posição de sentido. Conforme registra Deeke, Miranda via nesse cerimonial a oportunidade de impressionar os indígenas. Junto a essa apropriação dos

⁵⁷ O DIA. Florianópolis, 17 de setembro de 1913.

⁵⁸ DEEKE, Op. cit. p. 246.

símbolos da nação, estava também em pauta a preocupação em garantir, com o sucesso da atração, a condição de cidadão ao indígena e isso dizia respeito ao que Deeke identificou como o amalgamar da futura raça brasileira. Neste sentido, instalou-se também próximo ao posto de atração, uma família negra, com um alguns filhos, e ainda alguns caboclos. Com isso, os indígenas quando ai chegasse, cairiam nesse “caldeirão” para a miscigenação.⁵⁹

Em outubro do mesmo ano, em nova correspondência ao governador, Miranda sustentava esperanças de sucesso, por ter a seu serviço 29 índios Coroados/Kaiangang como intérpretes distribuídos pelos postos de atração. Além disso, dispunha de um grupo de homens que considerava um *excellente apoio de contingente militar*⁶⁰, num total de 11 homens, que dariam conta de qualquer emergência.

Nas discordâncias jornalísticas sempre efervescentes sobre o assunto, o **Der Urwaldsbote** publicou um artigo no mesmo mês de outubro,⁶¹ lançando-se contra o **Der Hansabote**, que naquele momento fazia circular o seu último número. Publicado na colônia Hansa. **Der Hansabote** trouxera um artigo do Dr. Aldiger⁶², que teria escrito sobre catequese dos indígenas e principalmente sobre a estratégia de oferecer-lhes presentes.

No que diz respeito ao **Der Urwaldsbote**, as críticas contendo palavras como: *assassinos vermelhos, bandidos ousados*, traziam ainda sua solução ideal para resolver o problema, contrária à idéia de dar presentes aos indígenas: *Nós achamos que o melhor presente para os bugres é Martim*. Considerava no artigo que, se os recursos que até ali haviam sido liberados para a catequese dos indígenas tivessem sido destinados ao bugreiro, o *governo teria salvo muitos dos seus contribuintes de imposto*.

⁵⁹ Ibidem, p. 248.

⁶⁰ Idem. 01 de outubro de 1913.

⁶¹ DER URWALDSBOTE. Blumenau, 25 de outubro de 1913. Tradução de João Klug.

⁶² O Dr. Aldiger, veio para o Brasil a serviço da Sociedade Colonizadora hanseática, em 1901, na função de pastor Luterano para a colônia Hamônia, fundada em 1897. Foi o fundador do jornal *Der Hansabote*, onde escrevia sobre a questão dos indígenas na região. Sua atuação frente à “questão indígena” é considerada

A lógica que fundamentava esse raciocínio era que crianças que cometem malcriações deviam receber punição, o que resultaria no final em educação. Para os indígenas, o processo não deveria ser diferente. Com sentimentalismo, afirmava, nada se conseguiria. E ainda atestava que em outros países como a África ou América os nativos não eram apresentados como se fazia aqui, os resultados eram obtidos por “outros” métodos.. Esse artigo, na verdade, pode ser caracterizado como um abaixo assinado, pois ao final dessas exposições havia uma lista com 19 assinaturas de representantes da sociedade blumenauense.

Ainda o *Der Urwaldsbote*, no mês seguinte,⁶³ publicou, em forma de folheto, um artigo em que inseria novamente alguns dos pontos acima. Atacava diretamente as ações do SPI e enumerava *vários assaltos realizados pelos bugres*, com o intuito claro de provar a ineficiência desse órgão. Indicando, ainda, que persistiam as discussões sobre a que grupo indígena pertenciam os que promoviam os referidos assaltos. O que ele apontava como *coroados meio civilizados*, os seus opositores apontavam como *botocudos selvagens*, com o propósito de desmoralizar ainda mais a ação do SPI, visto dever ser mais fácil lidar com índios “meio civilizados”, ou que, mesmo meio civilizados, a “raça” indígena não merecia mesmo crédito para a convivência com os civilizados e tampouco pareciam entender o que já era ser “meio civilizado”.

Mas na capital, *O Dia* continuava investindo no otimismo. Publicava, para orgulho local, um comentário sobre artigo publicado no *Time*⁶⁴, o qual elogiava os métodos de *proteção e civilização dos aborígenes* aplicados no Brasil, destacando que os resultados muito *honram o espírito humanitário e civilizador do governo brasileiro*.⁶⁵

polêmica. Participou de expedições para contato com os indígenas e era favorável a implantação de postos para atrair e catequizar os indígenas.

⁶³ DER URWALDSBOTE. Blumenau, 09 de novembro de 1913. Tradução de José Ferreira da Silva, publicado na Revista Blumenau em Cadernos. Tomo IX (10)- outubro de 1968, p.192 a 196

⁶⁴ Jornal americano.

⁶⁵ Idem. 28 de novembro de 1913.

No **O Dia**, novamente um documento oficial seria publicado. Com entusiasmo característico, apresentava-se o referido documento, onde: *vê iniciada a solução de um grande problema – pacificação dos gentios*. O telegrama, enviado pelo Inspetor José de Paula, noticia [...] *as primeiras relações pacíficas e amistosas com os índios bravios, que com toda a confiança já pernoitaram em nosso acampamento, confraternizam com os nossos na maior alegria*.⁶⁶ Estava se referindo ao momento onde o primeiro grupo de indígenas resolveu se aproximar “pacificamente” do Posto de Atração no Plate.

No entanto, uma das aproximações significou a morte de um funcionário, o que motivou o afastamento de funcionários de outros postos, sendo que no posto do Rio Plate os indígenas colocaram fogo destruindo as poucas construções. Como consequência o sr. Miranda afastou-se do serviço, voltando ao Rio de Janeiro, e o Inspetor Abbot e seus auxiliares pediram demissão. A Inspetoria de Santa Catarina foi incorporada a do Paraná, revelando um quadro de insucessos e desmotivação pelo projeto inicial tão prestigiado por certos grupos.

Um novo nome entraria em cena para consolidar o processo de atração e “pacificação” dos indígenas. O jovem Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, na ocasião guarda do posto no Rio Plate, ali permaneceu após a saída dos seus superiores. Um grupo de indígenas identificados como Botocudo/Xokleng resolveu se estabelecer no posto do Plate. Com poucas alternativas de subsistência diante de sua realidade nômade, desprovidos que estavam de seus espaços de vivência, seus caminhos de andança, resolveram se aproximar e se estabelecer no espaço determinado pelo não-índio. Eduardo adotou como estratégia inicial não esperar no posto mas ir ao encontro desses na mata, estabelecer contatos diretos valendo-se para a comunicação com estes, de frases construídas na língua do grupo então nomeado Botocudo/ Xokleng,

⁶⁶ O DIA. Florianópolis, 04 de outubro de 1914.

mediante a utilização do vocabulário elaborado pelo Dr. Hugo Gensch, bem como de intérpretes Coroado/Kaingang.

Nos jornais pesquisados no ano de 1914 foram pouquíssimos os relatos sobre esse acontecimento, o destaque dado encontra-se em relatos publicados nos anos posteriores. Fora publicações em jornal, um relatório foi publicado em 1915.⁶⁷ O responsável pelo relatório, o inspetor do Telégrafo Nacional, lembra que as descrições dos indígenas que se encontravam no posto foram feitas com o propósito de observar o seu estado selvagem e com isso convencer os poderes públicos de que aqueles índios necessitavam de uma ação mais direta de catequização.

As descrições encaminhavam-se para um convencimento de que os índios aldeados eram bravios. Detalhes da aparência física eram cuidadosamente relatados: *A cabeleira, que lhes cobre as orelhas, é mal tratada, estando inçada de nojentos parasitas. Segundo informou-nos o sr. Eduardo, eles trincam toda a espécie de sevandinjas que apanham.* Manifestações de saudações ou de festejos foram descritas como expressas por *sons inarticulados, mais parecidos com vozes de animais* ou como alaridos que parecia *o latido de muitos cães enrrouquecidos (sic)*⁶⁸. O ponto de destaque para ressaltar a tese de estado selvagem, foi os visitantes terem presenciado o abatimento de um porco, promovido pelos indígenas. Tal relato iniciava com a observação: *presenciamos uma cousa horrenda, tal que pela sua simples narração se poderá imaginar que espécie de gente lidávamos.* O porco torna-se uma vítima quase humana pelos seus berros de dor, e pela crueldade das pauladas e cortes.

Portanto, para o relator, ficaram as indagações sobre o futuro daquela gente. As opções que ainda lhe passaram pela mente eram próprias daquele momento. Quanto ao

⁶⁷ Indígenas do Itajá. In. Blumenau em Cadernos. Tomo II, nº 2, Julho de 1959:128 a 133.

⁶⁸ Idem. p.132.

governo: ele os eliminaria? Permitiria que outros o fizessem? Deixaria que ficassem assim isolados no estado selvagem? Ou, com a catequese, os levaria a ocupar seu lugar na sociedade, tornando-se, então, elementos de utilidade e progresso? ⁶⁹

Outra publicação, de cunho mais popular, foi a do Dr. Aldiger, em 1918, num calendário em língua alemã. Dr. Aldiger participou ativamente de ações em favor do contato com os indígenas. Sob o título “A Pacificação dos Indígenas em Santa Catarina” promoveu o relato do processo de atração e “pacificação”, fazendo também descrições de certos costumes observados entre os indígenas, descritos num momento ou outro no texto como grupo em grande atraso e de cultura em grau muito baixo. Como pastor luterano destacava também que o trabalho de catequização ficaria por conta dos católicos pois para ele: *Os protestantes de língua alemã, residentes no país, não têm mais razão alguma de se envolverem no assunto, depois da maneira como este foi resolvido, visto que, os evangélicos de Santa Catarina e as suas comunidades religiosas, não acharam o exercício dessa catequese como um dos seus deveres cristãos.* ⁷⁰

Através dos jornais, a conquista de Eduardo viria publicada ainda, em 1921, pelo *A Verdade*⁷¹ de Florianópolis, em cinco capítulos sob o título “A Pacificação dos Índios Botocudos: a perseverante obra de Eduardo de Lima e Silva Hoerhnan.” O *Der Urwaldsbote* também publicou posteriormente um texto de Eugen Fouquet sob o título “A Decadência da Prestação do Serviço ao Índio em Blumenau”. Teria o autor ido até as margens do rio Plate alguns meses depois da data registrada da “pacificação”, constatando que mesmo tendo sido considerada obra impossível, a pacificação era uma realidade. Mas no momento em que escrevia o artigo via-se incumbido de criticar o governo por não repassar as verbas para

⁶⁹ Idem. p. 133.

⁷⁰ Blumenau em Cadernos. Tomo X, nº 2, fevereiro de 1969, pp. 36 a 39. Sobre esta posição do Dr. Aldiger e sua atuação junto aos indígenas ver WIRTH, Lauri Emílio. “Memória de conflitos :imigrantes e povos indígenas em Santa Catarina. In.KOCH, Ingelore S (org.). *Brasil: outros 500. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular.* São Leopoldo: Sinodal, COMIN, IEPG,1999.

manter o posto, onde constatava também que as terras disponíveis para os indígenas eram poucas, pois necessitavam de espaço para a caça.⁷²

⁷¹ Blumenau em Cadernos. Tomo XXX, nº 5, maio de 1989:133 a143.

⁷² DER URWALDSBOTE, Blumenau 28 de julho de 1923. In. Blumenau em Cadernos. Tomo XL, nº4, abril de 1999: 07 a 15.

CAPITULO IV

O INDÍGENA: CONSTRUÇÃO DO SUJEITO

O movimento do trabalho neste momento, segue em direção a busca por perceber o modo como brancos falaram sobre os indígenas, a partir do espaço em que as notícias sobre eles ocuparam nos textos dos jornais. Quais representações lhes foram impostas nos meandros da linguagem jornalística, seja no trato das relações com esses indivíduos nas cidades, quando os faziam cativos, ou enquanto sujeitos que se mostravam nas fronteiras estabelecidas entre selva e propriedade, selva e caminhos, selva e lavoura, levando em conta o que podemos perceber na construção da idéia de civilidade que permeava a sociedade da época, onde o sujeito indígena era tomado como exemplo de não-civilidade.

Bugres, silvícolas, selvagens, índio, estes são alguns dos adjetivos que foram sendo usados nos noticiários e em outros escritos durante o período abordado. As adjetivações aqui ressaltadas como pertinentes àquele momento, imprimem-se repletas de sentidos produzidos por uma sociedade branca que deles se valia mediante a elucubração e contemplação de seus valores. As atribuições que advinham dessas adjetivações, ora parecem querer mostrar qual era a condição humana desse “outro”, ora pareceu negar uma condição humana propondo uma diferenciação entre gente e bugre. O uso da identificação “bugre” é possivelmente o mais característico dessa negação.

Como indivíduos ou como grupo, esses personagens não eram de todo desconhecidos. Há muito faziam parte da história e “estórias” do Brasil. Tratando-se de Santa Catarina, o

conhecimento desses indivíduos ou grupos se restringia a momentos em que eram vistos muitas vezes de longe, em estradas, próximo às propriedades, na mata em forma de “vultos” ou por algum som “estranho” que alardeava sua presença. Também se tornaram conhecidos de forma mais aproximada por serem aprisionados e até “adotados” por essa sociedade, que assim os envolvia.

Os indígenas que circulavam por esse “território escrito” eram os Xokleng /Botocudo. Presumi que todos os achados de jornal confirmariam isto. Tratava a princípio com o que já estava dito. Mas as trilhas e os vestígios deixados nas matas, ou os encontros tantas vezes cercados de tensão, registrados pelos brancos naqueles momentos, indicavam a presença de outros grupos circulando naquele território. Mesmo que o discurso apresentado nos jornais seja preponderante numa certa homogeneização, no sentido pejorativo predominante, principalmente pelo uso geral da categoria “bugre”, podem ser percebidos indícios da presença de outros grupos.

Em 1911, noticiava **O Commercio de Joinville** o aparecimento de Bugres no então distrito de Jaraguá e explicava : [...] *pelo facto de serem as guarnecidas de couro, os selvículas não pertençam as tribus de Coroados nem de Botocudos e talvez alguma de Matto Grosso [...]*.¹ Essa notícia tinha como título “Bugres”. Percebe-se, então, que a identificação se apresentava como forma genérica de se referir aos “tais” indígenas, pois ali os “tais” não eram nem Coroado nem Botocudo, pertenciam a um outro grupo. Para o jornalista, no entanto, não havia problema em nomeá-los, também, como Bugres.

Ainda assim, o grupo que foi visto apresentava um detalhe exterior, possivelmente o uso de um adereço em couro, que não era “familiar” entre os que se costumava ver. Movidos por detalhes desconhecidos, não identificaram esse grupo como sendo do “seu território”, a

¹ COMMERCIO DE JOINVILLE. Joinville, 20 de maio de 1911.

identificação ficou sendo que eram de *alguma do Mato Grosso*. No entanto, diferenciados ou não, tinham o mesmo tratamento pejorativo e generalizado, eram Bugres.

Os Guarani, também estão presentes nesse “território escrito” mas apareceram com menos frequência do que os Botocudo e Coroados. Impulsionados por movimentos próprios de sua realidade cultural, talvez na busca da Terra sem Males². De qualquer forma, em certos momentos eles também eram identificados pelo olhar duvidoso do não indígena que, ao entrar em contato com o Guarani, se valia de alguma informação pré-estabelecida sobre certas características que poderiam diferenciar esse grupo. Vejamos o que noticiou o *Commercio de Joinville* em 17 de novembro de 1906: *Há duas semanas [...] apareceu um índio [...] que declarou chamar-se Sebagy [...] afirma que no seu aldeamento existem 243 indivíduos [...] estes índios são Guaranys como está a indicar o nome Sebagy e nada tem em commum com os Botocudos [...].* Nesse caso o elemento utilizado para identificar a procedência desse indígena foi o seu “nome próprio”.

O artigo diz que foi possível conversar com ele, mas que não conseguiram obter informações de onde estaria localizado o seu aldeamento e, com alívio por estarem diante de um índio supostamente conhecido, relatou-se que ele não estava disposto a atacar, mas só procurava comida. Esta fala, desassociava a idéia de que busca de comida não teria relação com ataques promovidos pelos indígenas. Este suposto Guarani se aproximou para buscar comida e o fazia em “paz”. Os ataques em outros momentos eram do caráter “selvagem”.

Nas muitas notícias sobre ataques, que incluíam morte de animais e aparecimento nas roças, não se cogitava a possibilidade dos ataques acontecerem por necessidade, tendo em vista que a ocupação das terras, desde o planalto, região de araucárias que possibilitava a

² Sobre o mito da Terra sem Males, ver DALCIN, Ignácio. *Em Busca de uma Terra Sem Males*. Porto Alegre:Edições Est/Palmarinca, 1993. Ver também CLASTRES, Hélène. *Terra sem Mal e profetismo Tupi-Guarani*. São Paulo: brasiliense, 1978. SHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: EPU/EDUSP.

coleta de pinhões, alimento importante, por exemplo, na dieta dos Xokleng, limitava progressivamente as áreas de alimentação, coleta e caça.

Um outro acontecimento, noticiado em primeira página, que incluía uma identificação de indivíduos como pertencentes ao grupo Guarani, deu-se em dezembro de 1910.³ Segundo o jornal, um *bando de 68 pessoas* saiu do mato por conta própria, não sendo nem Coroado nem Botocudo, *mais sim Guaranis*. Com um detalhe a mais: percebiam que nesse grupo *evidentemente se agregavam indivíduos de outras tribos*, o que levava o observador a concluir que se tratava de *uma companhia mista*. A conclusão da identificação está relacionada ao fato de que todos no grupo falavam português, inclusive as mulheres. Estabeleceu então o jornalista que o fato de falar o português seria característica de grupo semi-civilizado, categoria que também se enquadrava os Coroado, ou como um grupo “tratável”, como estavam se apresentando os Guarani naquele momento. Já os Botocudo, que viviam *em completo estado de selvageria*, não falavam português.

Falar o português caracterizava o fato do grupo indígena ter mantido contato mais próximo com o branco. O que podia representar também uma condição menos ou mais selvagem do grupo. O uso do português colocava aqueles indivíduos em contato com a civilidade. Sendo assim, parecia se estar fazendo uma associação entre o uso do português, com a não prática de atos selvagens. A aproximação com os brancos, devido principalmente às ações de catequização e aldeamentos, já era comum em relação aos Guarani e até mesmo em relação aos Coroado.

Nomeavam-se, portanto, certos grupos vistos, mas, no geral, eram todos tomados por bugres. Ainda hoje, no âmbito do censo comum, é prática corrente, as pessoas referirem-se aos Xokleng, Guarani ou Kaingang como bugres, principalmente as pessoas que tiveram contato com esses indivíduos sem, no entanto, procurarem conhecê-los.

Identificado o indígena

Nos jornais pesquisados o termo Xokleng não é usado para identificá-los. O uso de um termo identificador para esse grupo, diferenciado-o do “Coroado” ou Guarani, é o de “Botocudo”. Gustav von Königswald, contemporâneo ao momento pesquisado, cujo trabalho ocupou várias edições do jornal *Kolonie-Zeitung*, em forma de artigo, sob o título “Os Botocudos do Brasil”⁴, referia-se à denominação Botocudo como englobando diversas tribos desde o Brasil colônia, tribos que atacaram as primeiras colônias do sul da Bahia, sendo o termo usado pelos portugueses com cunho *injurioso*, porque esses indígenas usavam enormes discos de madeira, e que *mais tarde também passou a ser utilizado para denominar outras tribos inimigas que exibiam semelhante adorno*. Ele próprio, através de pesquisa, concluía que: *Os chamados Botocudos foram, sem dúvida alguma, as últimas sobras dos Carijó, poderosa tribo que nos tempos da descoberta da América dominavam a costa brasileira entre Cananéia e Santa Catarina*.⁵

O uso de botoque, como adorno labial, por parte desse grupo de Santa Catarina, então designado de Botocudo, é confirmado em um escrito enviado para o Congresso de Americanistas de 1908, elaborado pelo Dr. Hugo Gensch, onde relatava, nas observações que fez sobre um grupo de índios capturados pelos bugreiros que, *as mulheres haviam sido despojadas de seus saíotes e dos seus cordões, com que amarravam os pés, e os meninos de seus botoques*.⁶

³ GAZETA DE JOINVILLE. Joinville, 18 de dezembro de 1910.

⁴ KOLONIE -ZEITUNG. Joinville, 26 de março de 1908. Texto Traduzido.

⁵ KOLONIE -ZEITUNG. Joinville, 26 de março de 1908.

⁶ GENSCHE, Hugo. *Die Erziehung eines Indianerkindes*. Internationaler Amerikanisten-Kongress. Berlin, 1908:17. Texto traduzido.

Em setembro de 1911, o I° Tenente Lucas Alexandre Boiteux apresenta ao “III Congresso Brasileiro de Geographia”, em Curitiba, seu trabalho intitulado “Notas para História Catharinense”. Nesse trabalho, Boiteux insere um capítulo com o título “Os aborígenes catharinenses - Sua ethnologia e ethnographia.” Ao identificar geograficamente os grupos “pertencentes” ao Estado naquele momento, destaca os *Coroados* também chamados de *Caigangs*, os *Botocudos* e ainda os *Xocrens*.

Boiteux, ao usar os escritos do engenheiro Jacques Ouriques sobre os Botocudo, distingue-os dos *Xocrens*, dos quais faz brevíssimas observações. Mas sobre os Botocudo inclui a seguinte descrição detalhada do engenheiro: *Esta criança, bonita e bem constituída, tinha cabelo completamente rapado, não usava tanga e simplesmente trazia como adorno um “T” de madeira bem polida, suspenso de um furo no meio do lábio inferior, com a perna vertical pendente para o exterior, e cordas de embira enroladas aos tornozellos.*⁷

Os escritos do Dr. Hugo Gensch e de Boiteux são contemporâneos e revelam a mesma característica do uso do botoque. Nesses dois escritos os botoques eram usados por crianças. No texto de Boiteux não há identificação do sexo, mas o texto de Gensch afirma ser o botoque usado por um menino. Já Gustav Königswald afirmava que quem usava os botoques eram só os homens: *um fino floco labial (tabotá), de certo modo, como símbolo de sua dignidade.*⁸

Pela descrição do formato do botoque, e de certa forma sem ser muito destacado pelo Dr. Hugo Gensch, era simples e diferente daquele descrito por Paraiso em relação ao adereço usado pelo grupo por ela identificado: *feitos de madeira [...] cortados em dimensões*

⁷ BOITEUX, Lucas Alexandre. *Notas para a História Catharinense*. Florianópolis: Typ. a vapor da Livraria Moderna, 191: 70.

⁸ KOLINIER- ZEITUNG. Joinville, 24 de março de 1908.

*desejadas, desidratados no fogo para ficarem leves [...] com base pintada com urucum e jenipapo com desenhos geométricos [...].*⁹

Ainda sobre o uso dos botoques, vale trazer o registro já feito no capítulo anterior¹⁰, acerca de uma situação de certa forma hilária, mas também elucidativa, descrita por Frederico Deecke e também circulada nos jornais da época.¹¹ Numa localidade perto de Benedito Novo surgiu do interior da mata um certo José Rodrigues, integrante do grupo de bugreiros do famoso Martinho Bugreiro, acompanhado de cerca de 42 índios ditos Botocudo. Como usavam botoque, nada a questionar sobre a procedência do grupo. O fato ganhou notoriedade por serem eles Botocudo saindo da mata de forma pacífica, uma vez que o contato com eles sempre havia sido marcado por insucessos. Era mesmo digno de destaque jornalístico tal acontecimento. A surpresa, denotava um modo de olhar o Botocudo que conferia-lhe um caráter não pacífico.

O **Novidades**, de novembro de 1910, deu conhecimento de que o fato ganhou, também, destaque oficial, ao noticiar que José Rodrigues ia à capital do Estado, [...] *fazer presente ao governador das lanças, flechas e mais objetos pertencentes aos Bugres*¹², ou seja, dos ditos Botocudo. Mas, já em 04 de dezembro o mesmo jornal¹³ noticiava que tudo não havia passado de um *conto do vigário*. Deecke identificaria os índios como sendo indivíduos Guarani do Paraná, descobertos então pelo uso dos *botoques falsos*. Esses índios não possuíam orifícios nos lábios e os tais botoques eram colados com cera. Ele ainda lembrava outro fato, ocorrido em outra localidade, onde também houvera dificuldade em identificar um grupo que se aproximou “espontaneamente”.

⁹ PARAISO, Maria Hilda B. Os Botocudos e sua trajetória histórica. In. CUNHA, Manuela Carneiro. História dos Índios do Brasil. 2 Ed. São Paulo; Companhia das Letras/Fapesp/SMC, 1998:424.

¹⁰ Na página 72 me utilizei do fato para tratar da relação “oficial” com o fato.

¹¹ DEEKE, José. *O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento*. Blumenau: Nova Letra, 1995. p. 240/241.

¹² NOVIDADES. Itajaí, 27 de novembro de 1910.

¹³ NOVIDADES. Itajaí, 04 de dezembro de 1910.

O fato de o golpe ter dado certo por determinado tempo, chama a atenção para o conformismo diante da fraude e revela a visão estereotipada em relação às diversas culturas indígenas do ponto de vista dos observadores da época. Não buscavam perceber diferenças significativas entre esses indígenas a não ser aquelas marcadas de maneira óbvia pelo uso de adereços, ou pelo “caráter” que lhes era atribuído: mansos, semicivilizados, selvagens.

A idéia de indistinção entre os indígenas é apontada por Lisboa nos escritos de Spix e Martius, naturalistas que estiveram em viagem de estudos pelo Brasil entre 1817 a 1820. Esses cientistas defendiam a idéia de “*traços gerais da raça*”, apontando que tais características não eram observadas em outras raças, sendo um indicativo da *primitividade dos índios na história da evolução humana*. Nos escritos desses estudiosos da época, misturavam-se traços físicos com traços de comportamento tendo como base os valores da sociedade cristã Ocidental. A autora ainda chama a atenção para o fato de que o conceito de cultura na antropologia define-se apenas no final do século XIX.¹⁴

No final do século XIX e início do século XX houve uma movimentação de idéias, que abriu um leque de novas pesquisas, promovendo na ciência, o nascimento de novas disciplinas e delimitando o espaço de outras. São estudos antropológicos ligados à física e à biologia, as análises etnológicas, o aparecimento de teorias como a frenologia e a antropometria, que pela medição do tamanho e proporção do cérebro humano permitiria interpretar a capacidade humana, promovendo em vários espaços a efervescência sobre conceituações de raça, de humanidade, de evolução humana, fustigadas ainda mais pelos estudos e publicações de Darwin, cuja teoria sobre a origem das espécies, em meados do século XIX, tornou-se um paradigma de época.

¹⁴ LISBOA, Karen M. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: HUCITEC, 1997: 149). No Brasil o curso de antropologia é ministrado pela primeira vez em 1887, sendo que, tal disciplina era entendida naquele momento como um ramo da biologia.

Um exemplo é o livro de Boiteux, representante da elite intelectual do Estado, bacharel, desembargador, sendo inclusive o responsável pela direção do jornal **A República**, seria referência na produção de conhecimento sobre o Estado e sua população. Ao incluir em seu trabalho os escritos de J.B. Lacerda indica sua relação intelectual com determinadas teorias e estudos. Lacerda era naturalista e ocupava posição de destaque no Museu Nacional, onde produziu vários escritos na “Revista Archivos do Museu Nacional”, entre os anos de 1876 a 1909. Escritos esses relacionados à antropologia das raças indígenas no Brasil, tendo como objeto de seus primeiros estudos os Botocudo, utilizando-se de crâneos pertencentes ao museu. Utilizava os recursos frenológicos de escolas européias bem como do norte americana. Era poligenista e sustentava a posição de que a evolução era o único caminho para a civilização¹⁵. A respeito de crânios encontrados em sambaquis de Santa Catarina e Paraná, J.B. Lacerda, expôs que este, ocupava um nível muito baixo na escala humana, e que poderia ser equiparado aos povos mais selvagens que conheciam. ¹⁶Portanto, é significativo considerar estas referências científicas circulando no Estado através de publicações como a de Boiteux, bem como suas referências diretas aos Botocudo.

Referindo-se aos ataques indígenas que lhe são contemporâneos, Boiteux identificava os Botocudo como sendo os causadores de tais atos: *Não devemos, portanto, nos admirar dos ataques que ainda hoje experimentamos da parte dos silvícolas. É o ódio de raça e de tradição armando o braço do Botocudo feroz, para vingar os morticídios horríveis praticados nas gerações passadas*¹⁷. Tinham esses então, como característica da raça, o ódio, a vingança e a ferocidade, o que poderia até se explicar diante do que teriam sofrido no passado. No entanto, não foi identificado nos supostos agressores, os não índios, os mesmos sentimentos de ódio, vingança e ferocidade.

¹⁵ SCHWARCZ. 1993: 74/75.

¹⁶ BOITEUX. Op.cit.: 57.

¹⁷ BOITEUX. op. cit. p. 52.

O já citado Dr. Gensch, que mantinha relações com intelectuais e indigenistas do período, como Curt Nimuendaju, ao tratar no trabalho enviado para o Congresso de Americanistas sobre a língua do Botocudo, a qual estudava, observou que este idioma, completamente desconhecido na época, poderia *ser a chave da idéia de descendência indígena do macaco*.¹⁸

Outras referências a estudos feitos sobre os indígenas vão aparecendo também nos jornais, refletindo apreciações de certas posições intelectuais frente à questão indígena discutida em âmbito nacional, como é o caso do artigo de primeira página do jornal **A Reforma**, de 19 de janeiro de 1907, intitulado: “Pelos Selvícolas”. O jornal, ao manifestar-se participante da Comissão de Propaganda da recém criada “Liga para Catechese dos Selvícolas”, em Florianópolis, transcreve nesse artigo um discurso proferido na Câmara dos Deputados em favor da Liga.

Fez o orador referência ao trabalho do general Couto de Magalhães intitulado “O Selvagem”¹⁹. O enfoque principal do discurso, baseado nos objetivos exposto no trabalho do general,²⁰ é a ocupação *de duas terças partes do nosso território que ainda não pode ser pacificamente povoadas, e ainda a possibilidade de adquirir mais de um milhão de homens aptos para as indústrias pastoris e extrativistas e de transportes internos [...] os únicos capazes de desbravar o interior e preparar o caminho as raças brancas [...]*²¹.

A ênfase em teorias como essa, em que o indígena deveria ser percebido como futuro promissor, enquanto força de trabalho e de certa forma, de mão de obra capacitada por ser conhecedor de interiores desconhecidos, era uma tese propícia a um Estado empenhado em

¹⁸ *BLUMENAUER-ZEITUNG*. Blumenau, 28 de março de 1908.

¹⁹ MAGALHÃES, Couto de. *O Selvagem*. Edição comemorativa do Centenário da 1a. edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

²⁰ No prefácio da 2a. edição encontra-se a seguinte explicação: “O Selvagem” foi efetivamente, composta por ordem de S. M. Imperial o Sr. D. Pedro II para aquele certame (...) figurar na biblioteca americana da exposição universal realizada em Filadélfia, em 1876. O título do livro apareceu subordinado à seguinte epígrafe: Trabalho preparatório para o aproveitamento do selvagem e do solo por ele ocupado no Brasil.

fazer seu caminho de progresso e com um território ainda a ser desbravado, como já estavam fazendo os colonos imigrantes.

Bandido, ladrão e assassino

Dentre as inúmeras aparições de indígenas nos jornais, nas diversas formatações dos escritos, os informes sobre os ataques são os que mais freqüentemente aparecem. Em muitos casos acompanhados de descrições detalhadas sobre o estado físico da vítima, principalmente quando as investidas resultavam na morte de colonos.

Pertinente ao fato já tratado sobre a identificação “precisa” dos Botocudo naquele momento, diante dos ataques promovidos, a identificação por parte do branco, a respeito dos responsáveis por determinado ataque, em várias ocasiões era duvidosa.

O grupo identificado como Coroado tinha aparição recorrente nos noticiários, muitas vezes apresentados como semicivilizados por já serem catequizados ou viverem em aldeamentos no Paraná. No entanto, a afirmação de que em dados momentos os ataques eram promovidos pelos Coroado, nem sempre era tão precisa entre os noticiadores. Indícios, que recaiam no fato de alguém do grupo que atacava falar português, eram tomados como prova contra os Coroado. Assim pronunciou-se o *Novidades* diante de um ataque: *Os índios eram Coroados mansos pois falavam o português [...]*.²² Os Botocudo, nesta relação não tendo sido ainda catequizados, não poderiam falar o português, e o conhecimento de sua língua, ao que se indica, era ainda mínimo.

Aparecia freqüentemente associado aos Coroados o termo “manso”. Provavelmente não se referia ao fato de ter este no seu caráter a virtude da mansidão, mas de ter sido

²¹ REFORMA. Florianópolis, 19 de janeiro de 1907.

amansado, tornado maleável. O contrário disso era ser selvagem, intratável, arredo como os Botocudo.

Era recorrente em certas ocasiões, onde um grupo que atacava, sendo identificado como Coroado, suscitar um tom de revolta por se presumir que estes “amansados”, não deveriam praticar atos tidos como selvagens, afinal sua condição de “amansado” o tornava tratável na relação com o não indígena.

O mesmo jornal **Novidade**, ao relatar um ataque ocorrido nos arredores de Timbó, numa propriedade afastada, contabilizava a façanha dos *bugres* com mortes e a casa *completamente saqueada*. Para olhar o caso, apresenta-se o inspetor do recém criado SPI, Viera da Rosa que, *dirigindo-se para o teatro do crime*, empenhara-se em *verificar se os acelerados eram bugres, e a que tribu eventualmente pertencem*. Sendo que o jornal, não hesitou em dar sua própria opinião: *Consta-nos com bons fundamentos que estes bugres são semi-civilados e pertecem as tribus aldeadas de Palma.*²³

Aos oficiais, a palavra oficial, mas aos leigos também a pretensa possibilidade de diferenciar para identificar os grupos, que no caso dos Coroado ganha importância “de Estado”, por conta de outras especificidades em torno desse grupo. O grupo era acusado de ser mandado pelo governo do Paraná, *numa ingloria campanha que sustentam contra o nosso Estado*, chamava a atenção **O Dia** alguns anos antes, sendo que naquele momento os índios também eram identificados, durante os ataques, como pertencentes ao grupo Coroado vindo daquele Estado, pois demonstravam características da *vida em aldeamento*²⁴. Eles estariam inseridos nos conflitos e divergências territoriais entre Paraná e Santa Catarina.

Sabia-se da existência de aldeamentos para os chamados “Coroados” no Paraná, e tê-los em terras catarinenses era, para alguns, descaso de autoridades paranaenses ao permitir que

²² NOVIDADES. Itajaí, 06 de setembro de 1908.

²³ NOVIDADES. Itajaí, 18 de fevereiro de 1911.

saíssem dos aldeamentos. Mas em muitos momentos, com tons de acusação direta, isto dizia respeito à missão, supostamente conferida a eles, de atacar lugares estratégicos, espantando os colonos catarinenses que nesses lugares de conflito também cumpriam o papel de garantir fronteiras. Isto informou o *Novidades*, em tom de denúncia, quando tratou do assassinato de um colono em região conflituosa²⁵: *Ninguém afirma que os assassinos sejam os verdadeiros silvícolas, mas sim os Coroados mansos, agentes do Paraná para impedir a colonização no Hercílio, da parte de Santa Catarina [...] a mando do governo do Parana*²⁶. Percebe-se aqui novamente a diferenciação entre o “verdadeiro silvícola” e os Coroados “mansos”.

Por tais atitudes os Coroados além de serem “mansos” eram também tratados por bandidos: *“De novo temos a registrar uma cruel façanha dos coroados mansos, os temíveis bandidos que, de quando em quando caem sobre a propriedade dos colonos.”*²⁷ Numa indicação de que, por serem mansos suas atitudes não se enquadravam mais como selvagens, mas como bandidos, numa classificação feita aos pária da própria sociedade não indígena. Este tratamento de bandido, não era usado costumeiramente para os Botocudo nos jornais.

Havia o extremo de condenar os Coroados mansos por certos ataques, inocentando os Botocudos que não os havia praticado, mesmo sendo estes identificados como selvagem: *“Todos sabem que os verdadeiros selvagens, os botocudos, evitam os lugares habitados por brancos e que os ataques verificados de quando em quando são praticados pelos coroados mansos. E, no entanto, as represálias são exercidas contra o botocudo! Pagam os inocentes pelos pecadores”*.²⁸

²⁴ O DIA. Florianópolis, 18 de fevereiro de 1906.

²⁵ Os conflitos por demarcação de território entre Santa Catarina e Paraná foram constantes desde a criação da Província do Paraná em 1853. A região de Palmas, tantas vezes citada como lugar de aldeamento dos Coroado foi também lugar de litígio entre indígenas e brancos.

²⁶ NOVIDADES. Itajaí, 29 de janeiro de 1911.

²⁷ NOVIDADE, Itajaí, 15 de Janeiro de 1911.

²⁸ NOVIDADE, Itajaí, 12 de Dezembro de 1911.

Estas supostas identificações feitas naquele momento, bem como as animosidades entre Botocudo e Coroados eram relevantes para as tidas “autoridades” no conhecimento dos indígenas. Foi o que se passou entre Deecke e Martinho Bugreiro quando este trouxe a Blumenau alguns cativos de um mesmo acampamento e entre eles se reconheciam pessoas dos dois grupos. As diferenças ficaram por conta do corte de cabelo, onde se reconhecia os Coroados e em outros eram os lábios perfurados, reconhecendo-se os Botocudos. Em relação ao conflito entre ambos os grupos a explicação de Martinho, segundo Deecke foi : *os coroados como inimigos mortais dos botocudos provavelmente, num entrevo, os capturaram e retiveram-nos em sua companhia.*²⁹

“O Theatro do Crime”

O que se pode perceber sobre a presença de índios Coroados e Botocudos nos noticiários, é que os registros sobre ataques eram constantemente marcados por descrições “sensacionalistas” sobre o estado físico das vítimas atacadas e a depredação de propriedades. Onde o assassinato é o fato por excelência e, se estabelece assim, na memória popular, tal qual ela se tece nas folhas de notícia. Ela se torna oficial e verdadeira. Neste caso em específico da memória do crime, as atrocidades promoviam para com o indígena a construção do cruel, do bárbaro.

Nem mesmo os jornais que teriam uma postura mais protecionista em relação aos indígenas naquele momento, restringia-se a fazer tais relatos. Em 1903, o **República** noticiava um ataque nas cercanias da então colônia Lucena. Referia-se assim ao dono da propriedade ausente no momento do ataque: *Qual não foi sua dor ao chegar ao local e*

²⁹ DEEKE, op. cit.: 235.

*encontrar sua habitação em cinzas e sua mulher e filha, ambas nuas, com os crâneos partidos, os olhos fora de órbita e os corpos arroxeados dos golpes.*³⁰ Com o desaparecimento de mais dois filhos do colono, o jornal ressaltava que era possível terem sido levados pelos “Botocudo”, sendo tal ato reconhecido como hábito dos mesmos.

Quê resultado poderia produzir tal notícia, com forte apelo à imagem da cena do crime? Não se tratava somente do assalto a uma casa com roubo de utensílios, ou invasão de propriedade, com perdas de animais ou assalto à lavoura. Falava-se de mulheres e crianças, da família e de um tipo de morte pouco testemunhada naquele momento.

Os Coroado também são acusados de praticar tais intentos, tendo como título de notícias frases como: “Os bandidos vermelhos do Contestado”.³¹ A espera pela ausência de homens na propriedade era tomada como estratégia dos indígenas para intentar contra mulheres e crianças. A família era exaltada não só pela morte de esposa e filhos, mas pelo desespero do marido que, ao se deparar com um quadro horrendo assim descrito, se desespera a ponto de tentar o suicídio no local, como teria sido o caso de Adão Pannoch, *infeliz colono* que, *chegando ao lar*, ao ver a esposa mutilada com o crânio esmagado, *cujo ventre trespassaram depois com dois facões [...] teve tal impressão, recebeu tamanho choque, que tentou suicidar-se, no que foi obstado pelas pessoas que presenciavam aquela cena.*³² O mesmo já não se deu com um outro colono que, ao passar pelo mesmo drama onde a perda foi de 11 pessoas da família, mulheres e crianças, tentou cometer suicídio a tiros sendo que os ferimentos que provocou em si mesmo não foram *perigosos, de modo que se esperava salvar-o.*³³

³⁰ REPÚBLICA. Florianópolis, 15 de fevereiro de 1903.

³¹ NOVIDADES. Itajaí, 12 de fevereiro de 1911.

³² Ibidem.

³³ GAZETA DE JOINVILLE. Joinville, 15 de janeiro de 1910.

O indígena aqui é criminoso, atentou contra a vida e, nestes casos em especial, contra a família. A leitura de tais acontecimentos empreende no discurso, o direito de se levantar contra ele, pois tais atos, efetivamente, lançavam este indivíduo contra todo o corpo social. Essa sociedade, que estabeleceu as leis, o poder, deve pensá-lo como inimigo comum frente às suas ações. O Estado é muitas vezes acusado de não tomar providências que lhe cumpririam pela lei. Mas o direito à punição se expressa de forma direta: *dez cães vermelhos tivessem de deixar a vida, ainda não seria satisfatória a desforra*³⁴. Ou ainda, movido por reflexões frente a tantos fatos que diziam respeito a ataques dos indígenas: *Deve-se chegar ao menos a compreensão de que não é possível continuar este estado de coisas; porque não se pode levar o mal aos moradores do campo [...] que elles percam a paciência e se defendam vingando o sangue dos seus [...]*³⁵.

O mérito da questão, que colocava o indígena nessa posição, não era “por que ele fez?”, mas “o que ele fez” e “como fez”. Nesse caso, em especial, como ele fez, é ainda mais importante no discurso jornalístico. Não sendo encontradas, no entanto, em todos os jornais pesquisados, notícias com essa característica, era comum a todos adotarem a mesma linha discursiva. No entanto, o *Novidades*, com a notícia citada acima, reescrevendo a notícia publicada no *Der Urwaldsbote*, preserva o estilo coerente com a posição anti-indigenista adotada pelo *Der Urwaldsbote* e, com tal descrição, mobiliza uma visão bandida desse indivíduo que é meticuloso, cruel e sangüinário.

A presença de tais notícias nos jornais apontava para essa intencionalidade jornalística, ou seja, centrar o fato naquele que assim o fez. Nesse discurso, o que assim o fez é o “bugre”, o “selvagem”, o indivíduo que não é ser social, não faz parte da civilidade. Seus atos ganhavam então um caráter atroz, como se pudesse se falar de uma violência própria,

³⁴ Idem.

³⁵ NOVIDADES. Itajaí, 19 de novembro de 1905..

exclusiva desse indivíduo. Ele é o selvagem, sua humanidade é de estágio inferior, portanto sua violência também se enquadraria assim.

Para os que defendiam o indígena, era necessário minimizar ou transferir sua violência, relativizando-a, em função da violência cometida contra ele, valendo-se muitas vezes, esses defensores da idéia de um instinto de vingança, de quem há muito sofria com a investida dos brancos. No entanto, a violência destacada aqui contra o corpo físico, que o adjetivava como selvagem e assassino, não era o único fato que pesava sobre ele, ou mesmo o que determinava aquilo que ele representava. O ataque à propriedade, com roubo de bens materiais, mesmo que não resultasse em mortes, era registrado constantemente pelos noticiários, em poucas linhas ou engendrando discursos mais substanciais. A atenção tinha que ser mantida sobre suas ações.

A propriedade da terra era absoluta e era também regida por estatutos de propriedade. São, portanto, ilegais os atos contra a propriedade. Os indígenas estariam destituídos dos valores de propriedade, de trabalho, de progresso, de civilidade. Não era por menos que um construtor de estrada de ferro e também respeitável dono de terras lançasse ao público leitor sua indignação em defesa do colono, chamando-lhe atenção para o fato:

[...] gente que passa uma vida do mais duro trabalho, que são verdadeiros pioneiros da cultura, que paga imposto sobre imposto, tem ainda o desgosto de ver o governo, ao em vez de protegê-los, quase considera-os criminosos, pelo fato de, na defesa de sua vida, de sua propriedade, matarem um ou mais selvagens que saem das matas para

*matar e devastar os campos que tão pacificamente e honradamente trabalha para sustentar sua família.*³⁶

Não importava para alguns naquele momento, serem os índios Botocudo ou Coroado os que atentassem contra a propriedade, roubando o que bem quisessem. Mesmo os Coroado tantas vezes apontados como semi-civilizado, sendo residentes em aldeamentos, desencadeavam observações: *não devemos reconhecer estes índios como civilizados, pois não se dedicam ao cultivo da terra, criação de gado ou uma vida ordenada. Levam uma vida inconstante de nômade e fogem visivelmente de qualquer trabalho. Vivem principalmente de assalto e roubos*³⁷. A civilidade aqui se impõe pelo trabalho, pela propriedade, por uma vida ordenada através das normas fluidas dessa civilidade. Dessa forma, ele tampouco contribuiria para o desenvolvimento do progresso, da economia do Estado. As proposições como *foge do trabalho, é nômade e vive de roubos e assaltos*, eram conhecidas dos participantes do discurso e iriam contribuir para reforçar nos leitores a ideologia proposta então pelos responsáveis pela notícia.

³⁶ NOVIDADES. Itajaí, 10 de março de 1907.

³⁷ BLUMENAUER ZEITUNG. Blumenau, 08 de junho de 1907.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos garimpados e separados para este trabalho, comprovaram a importância do jornal enquanto fonte documental para produção da história indígena em Santa Catarina, uma vez que, está entranhado de historicidade. Neste trabalho o indígena tornou-se objeto de pesquisa por aquilo que foi dito sobre ele e, ainda, como este dizer sobre ele fazia parte de todo um contexto de época onde o indígena era objeto do olhar científico. Envolto em paradigmas evolucionistas, o olhar científico sobre estes povos previa, um futuro nada promissor diante do rolo compressor da civilização.¹ Mas não só o olhar científico, como também olhares governamentais, de intelectuais e de pessoas comuns. Olhares transformados em discursos, entre eles o jornalístico, que empreendiam e justificavam conceitos, idéias e ações discriminatórias sobre o indígena.

Movimenta o funcionamento do imaginário de uma época, onde o indígena mesmo tão presente em suas páginas era envolto em discursos que promoviam seu apagamento enquanto pertencente a grupos distintos com cultura própria, sendo-lhe negado a relação pela diferença, justificando, por exemplo, o ideal colonizador que empreendia discursos voltados prioritariamente para modos de tomar posse.

Ter buscado alguns dos donos de jornais, seus escritores e mesmo os locais de edição, possibilitou perceber que seus escritos estavam direcionados a interesses próprios de membros de elites comprometidas com o projeto de imigração, onde imbricavam-se

¹ MONTEIRO, John M. *O desafio da história indígena no Brasil*. In. SILVA, Aracy L. (org). *A Temática Indígena na Escola*. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

discursos governamentais, de cunho científico, religioso, de cidadãos comuns e jornalístico. Enquanto prática social o discurso capta, transforma e divulga acontecimentos e idéias.

Sobre o que estava envolto nos textos jornalísticos no trato com a questão indígena e que dizia respeito a conceitos, discussões e interesses próprios daquele momento e para aquela sociedade que se fazia dominante, o uso constante do termo raça é evidência à inteiração dos membros dessa sociedade catarinense letrada e com acesso à produção de textos em jornais, com as discussões sobre o assunto em âmbito nacional e, porque não dizer, europeu, evidência não só por tratar tantas vezes do indígena como pertencente à raça inferior, especialmente o Botocudo. Para através de crânios recolhidos em Museus, promovia-se através da antropologia física, conclusões como a de raça mais violenta e numa escala mais inferior no processo evolutivo. Mas também nas abordagens e discordâncias diante da homogeneidade alemã no Estado, configurado por artigos como o “Perigo Alemão”, promovido por aqueles que sustentavam o ideal nativista. Orlandi chama a atenção para a presença de cientistas alemães trabalhando com os indígenas, o que incomodava muitos cientistas brasileiros, daí os argumentos e disputas ganharem matizes nacionalistas muito favoráveis à construção do espírito republicano.²

A idéia de raça se valia dos pressupostos biológicos, levando em consideração a herança física permanente em vários tipos humanos. Era o momento áureo de várias instituições de cunho científico: Museus, do Instituto Histórico e Geográfico, das Faculdades de Medicina e Direito. Todos inteirados, envolvidos ou comprometidos com as produções científicas do exterior. Produções que, traziam para a realidade miscigenada do Brasil inquietações sobre seu futuro que aliás, na expectativa de muitos desses estrangeiros, não seria nada promissor. Estava em jogo a inferioridade dos povos

² ORLANDI, Eni P. Op. cit 1990:62.

mestiços contrários à superioridade da raça branca. Essas teorias de superioridade racial, suscitaram muitas críticas severas por provocar ultrage. Para muitas famílias influentes isto poderia mesmo causar desconforto, pois sua ascendência carecia de uma pureza branca.³

Isto provocou a busca por alternativas onde se via surgir, para solucionar o problema de status inferior do Brasil como nação em possível processo de degeneração racial, a teoria do branqueamento, onde se esperava, para alguns a partir da terceira geração, a supremacia racial brasileira, ou seja a maioria da raça branca. Emilia Viotti da Costa entende que: “os intelectuais brasileiros não estavam apenas respondendo a idéias de fora. Eles escolheram aquelas que lhes permitiram sintonizar-se melhor com a realidade brasileira.” Essa elite branca, afirma ainda a autora, já tinha em sua sociedade os elementos necessários para forjar sua ideologia racial.⁴

Para o sucesso do empreendimento, a imigração européia era condição defendida por muitos. Mas essa proposta esbarrava na própria premissa racista que via com preocupação a hegemonia de colônias com elementos de um só grupo, como no caso dos alemães, na formação das colônias.

Atrelado às teorias raciais estariam o ideal de civilização e os empreendimentos para o progresso. Pode-se perceber em muitos textos jornalísticos que o sucesso de certas colônias alemãs dizia respeito ao empreendimento da raça branca, pessoas de origem reconhecidamente civilizada que, empenhadas pelo trabalho, promoveriam o progresso do Estado. Como considera Morant, toda doutrina que responde àquilo em que as pessoas desejariam acreditar tem forte probabilidade de encontrar uma larga audiência.⁵

³ GARFIELD, Seth. “A raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas”. In. *Revista Brasileira de História*. v.20, n° 39, São Paulo, p.15-42, 2000: 21.

⁴ COSTA, Emilia Viotti. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 3 Ed. São Paulo: brasiliense, 1985: 55.

⁵ MORANT, G.M. “As Diferenças Raciais e seu Significado”. In. DUNN, L.C. & MORANT, G.M. (outros) *Raça e Ciência II*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 57-106.

Não esquecendo de ressaltar, como nos lembra Giralda Seyferth, que o respaldo científico dado às doutrinas raciais vigentes na passagem para o século XX, remete à sua importância como ideologia para fins políticos⁶.

Nesse movimento os grupos indígenas eram ignorados como integrantes de um espaço geográfico e de uma identidade cultural a serem reconhecidos. Eles passam a fazer parte das discussões, no sentido de determinar seu lugar nessa esfera de discussões científicas e políticas. Levando em consideração a produção de um trabalho que se prestava a dar conta da história de Santa Catarina, Boiteux inclui nas suas “Notas para a História de Santa Catarina”, ao tratar sobre os indígenas do Estado, conclusões empreendidas por Lacerda, em referência principal aos Botocudos. Lacerda é o reconhecido mentor da teoria de branqueamento e tinha como premissa de seus estudos os tratados de frenologia. Toma parte como citação dos trabalhos de Lacerda, o fato de crânios Botocudos encontrados em Sambaquis do Paraná e Santa Catarina, estudados por ele no Museu Nacional, pertencerem ao nível mais baixo na escala humana. O que leva Boiteux, em seqüência a essa citação, concluir que estes poderiam ser comparados aos Botocudos, com os quais naquele momento eles se deparavam.⁷

No empreendimento oficial de estabelecer relações com os indígenas, a criação do SPI, serviu para empreender o controle sobre as populações indígenas. Criou-se assim o território delimitado. No caso dos Coroados, percebe-se nos jornais que ao deixarem os espaços de aldeamento no Paraná, tornavam-se novamente infratores porque deixavam o espaço do controle, o espaço de sujeição. A palavra de ordem era pacificar, o que empreende a idéia de “fazer pacífico” aquele que promovia a “guerra”, que se rebelava, que não se amoldavam, e, anular assim, qualquer forma de resistência.

⁶ SEYFERTH, Giralda. “Construindo a Nação: Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização.” In. MAIO, Marcos C. (org.) *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz:43.

⁷ BOITEUX, op.cit.; 59.

FONTES

1. Revistas/Documents:

1959. "Indígenas do Itajai". Relatório sr. Augusto Zittlow (1915). *Blumenau em Cadernos* Tomo II, nº 2, julho, p. 129-133.
1960. "Benedita Inglat" (1888). *Blumenau em Cadernos*. Tomo III, nº12, p. 229-231.
1969. "A Pacificação dos Indígenas de Santa de Catarina." Dr. Aldiger (1918). *Blumenau em Cadernos*. Tomo X, nº 2, Fevereiro, p.36-39.
1970. "O Primeiro Assalto dos Indígenas em Blumenau" (publicado no *Colonie-Zeitung/Joinville* em 1908). *Blumenau em Cadernos*. Tomo XI, no 9, setembro, p. 161-168.
1989. "A Pacificação dos Índios Botocudos." *Jornal A Verdade* (1921). *Blumenau em Cadernos*. Tomo XXX, nº 5, maio, p.133-143
1999. "A Decadência da Prestação do Serviço ao Índio em Blumenau". Eugênio Fouquet-
Jornal Der Urwaldsbote (1923). *Blumenau em Cadernos*. Tomo XL, nº 4, abril, p.07-15.

2. Documentos

- 1899. Relatório ao Conselho Municipal de Blumenau: *Despesas*.
- 1902. Mensagem do Governador Fellipe Schmidt: *Catechese/Terras e colonização*. (01 de setembro).
- 1903. Relatório do Secretário Geral dos Negócios do Estado: *Terras e Colonização/Silvicolas*. (Junho).

- 1904. Relatório do Secretário Geral dos Negócios do Estado: *Silvícolas/Terras e Colonização*.
- 1905. Relatório do Presidente do Congresso Representativo: *Selvícolas*. (Março)
- 1905. Relatório do Governador Antônio P. da S. Oliveira: "Presença de Índios / Batedores do Mato" 06/03).
- 1905. Relatório do Secretário Geral dos Negócios do Estado: *Selvícolas/Terras Publicas*. (Junho).
- 1906. Mensagem do Presidente do Congresso Representativo: *Catechese/Terras e Colonização*-(setembro).
- 1907. Relatório do Secretário Geral dos Negócios do Estado: *Selvícolas/Povoamento do Solo*.
- 1907. Mensagem do Governador Gustavo Richard: *Catechese/Terras e Colonização*. (05/08).
- 1908. Relatório do Secretário Geral dos Negócios do Estado: *Povoamento do Solo/Imigração/Colonização e Estrada de Ferro*.
- 1910. Relatório Secretário Geral: *Instrução de Indígena/Colonização*:junho.
- 1911. Relatório do Secretário Geral do Negócios do Estado: *Terras e Colonização/Imigração*.
- 1911. Mensagem do Governador: *Civilização de Índios/Imigração e Colonização*. (Julho).
- 1911. Mensagem do Governador José de Oliveira Ramos: *Catequese Leiga e Proteção aos Índios*. (23/07).
- 1912. Carta de Curt Nimuedaju para Dr. Hugo Gensch.
- 1912. Carta Pastoral de D. João Becker: "Catequese".
- 1912. Carta de Curt Nimuedaju para Dr. Hugo Gensch.
- 1913. Mensagem do Governador: Povoamento do Solo/Serviço de Proteção aos Índios. (Julho).
- 1915. Relatório do Inspetor do Telegrafo Nacional: "Visita ao aldeamento no Plate". (Junho).

3. Jornais:

Florianópolis:

- O Dia : 1901 a 1914
- República : 1851/ 1902 e 1903
- O Estado: 1901 e 1902
- A Fé: 1903 a 1908
- Reforma: 1905 a 1907
- Gazeta Catharinense : 1908 e 1909
- A Época : 1910 a 1915
- Verdade : 1914

Itajaí:

- Novidade: 1904 a 1913
- O Pharol: 1905 a 1909

Blumenau:

- *Blumenauer Zeitung*: 1906 a 1908
- *Der Urwaldesbor*: 1908, 1913 e 1914

Joinville:

- *Colonie Zeitung*: 1908
- Gazeta de Joinville: 1893, 1900, 1905 a 1913
- Commercio de Joinville: 1909 a 1913

Laguna:

- O Pharol: 1901 e 1902

FLORIANÓPOLIS :



Data	Artigo/ Início de Texto	Coluna/Autor
07/04/ 1901	Questão de Raça	
16/04/	Propagandas que comprometem a vinda de imigrantes...	
17/04/	Propaganda do Partido Alemão...	
04/06/ 1902	Blumenau: os Bugres	
02/09/	Mensagem do governador : catequese / colonização	
25/10/	Catecheze dos Bugres	Várias/ Dr. Cunha Superintendente
26/10/	Catecheze dos Bugres	Felipe Sschmidt
07/11/	Catecheze dos Bugres	Liga de Imprensa do Pará
17/03/ 1904	Assalto de Bugres	Dr. Ennes de Souza
15/04/	Os Selvicolas	
16/04/	Os Selvicolas	Notícia
03/05/	Catechese	
27/12/	Os Selvicolas	
31/12/	Selvicolas	
01/01/1905	Baptizado	
03/01/	Baptismo: dos cinco selvicolas	O Dia
11/01/	Selvicolas	
14/01/	Selvicolas	
18/01/	Cicy	
16/07	Ataque a tropa	<i>Morgado (L.D.J.)</i>
27/07/	Os Bugres	Telegraphmas
06/08/	Bugres em Blumenau	Jornal Fluminense
08/08/	Tropa para Pouso Redondo	O Dia
18/02/1906	Indios Coroados:Assaltos	
22/02/	Indios Coroados	
23/05/	Selvicolas :Novo Ataque	
27/06/	Excursão a Blumenau	
02/07/1907	Alberto Fric	
13/07/	10º Aniversário da colônia Hansa...	

25/09/	Ataque de Índios	
28/01/ 1908	Catechese	
01/02/	Índios em Debandada(Guarani)	Artur Armando-Jurista/escritor/Academia de Letras
03/06/	Imigração	
27/07/	Os Índios do Sul	Correio da Noite –Capital Federal
04/11/	Incursoão de Bugres: Mortes e Saques	Zittlow: Inspetor de Linha Blumenau/Lages-Telegrama
11/12/	Exposição Nacional....	Lebon Regis- Delegado do Estado na Exposição
02/07/1910	Proteção ao Índio	Major A. R. Gomes de Castro-Engenheiro Militar
21/07/	Catechese	Chefe Comissão de Linhas Telegráficas de MT ao AM
21/09/	Cathechese Leiga	
30/09/	Cathechese Leiga	
18/10/	Os nossos Índios	1.º Tenente Vieira da Rosa
13/10	Os Selvicolas	Martiniano (telegrama)
15/11/	Bugres	
19/11/	Bugres	Juiz Pedro Silva
22/11/	Os Bugres	Pedro Toledo- Tenente Rondon (telegrama)
04/01/1911	Selvicolas	
18/02/	Selvicolas	
29/03/	Bugres Loiros	Vieira da Rosa
31/03/	Bugres Loiros	Vieira da Rosa
04/10/	O Problema dos Selvicolas	Augusto Lyra
05/10/	O Problema dos Selvicolas	Augusto Lyra
06/10/	O Problema dos Selvicolas	Augusto Lyra
17/10/	Os Índios	Augusto Lyra
18/10/	Os Índios	Augusto Lyra
19/06/1912	Ainda os Bugres	Capitão Vieira da Rosa
01/06/1913	A catechese: Um serviço proveitoso	P.L.
04/06/	A catechese: Um serviço proveitoso	P.L.
05/06/	Serviço dos Índios	
05/06/	A catechese: Um serviço proveitoso	P.L.
06/06/	A catechese: Um serviço proveitoso	P.L.
07/06/	A catechese: Um serviço proveitoso	P.L.
11/06/	O Problema Indígena	Manoel de Miranda -- Chefe de Secção(telegrama)
16/07/	Os Bugres	
17/09/	O Problema Selvicula	

27/09/ Os Selviculas
 01/10/ A Catechese
 28/11/ A Questão dos Índios
 06/09/1914 A Alemanha e a Civilização
 04/11/ Catechese

Manoel de Miranda-Chefe de Secção
 O Time
 José Paulo – Inspector de Índios

A REPUBLICA

Data Artigo/ Início de Texto
 18/12/1891 Colonia Militar
 05/07/1902 Incurso de Bugres
 04/10/ O Urwaldsbote
 06/11/ Incurso de Bugres
 15/02/1903 Ataque de Índio
 08/07/ Pela Catechese: Liga de São Pedro

Coluna/Autor
 Eugenio Fouquet

O ESTADO

Data Artigo/ Início de Texto
 21/06/1901 Imigrantes do Transwaal
 11/01/1902 Bugres
 19/02/ Novo Assalto i
 17/06/ Nossa Nacionalidade

Coluna/Autor

A FLE

Data Artigo/ Assunto do Texto
 25/12/1906 Liga patriótica de Catechese dos Selvicolas

Coluna/Autor

01/01/1907 Selvicolas
31/01/ Sr. José Berrardino da Silva pela Liga promover catequese...

Occorencias

REFORMA

Data	Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
03/03/1906	Blumenau -Estrada de Ferro	
25/08/	Perigo Allemão	
30/08/	Índios e Negros	
06/12/	Catechese dos Selvicolas	
13/12/	Os Bugres	
15/12/	Pelos Selvicolas	
29/12/	Pelos Selvicolas	
03/01/1907	Pelos Selvicolas	
05/01/	Pelos Selvicolas	
05/01/	Contra os Caçadores de Selvicolas – Soneto	
19/01/	Pelos Selvicolas	
19/02/	Catechese dos Selvicolas	
05/03/	Alberto Fric	
14/03/	Alberto Fric	
16/03/	Pelos Selvicolas	
09/04/	Catechese em Blumenau	
13/04/	Catechese em Blumenau	
15/04/	Catechese em Blumenau	

Do Diário da Tarde, Paraná
Circular-Liga
Carta Aberta –Liga
Expediente - Jornal do Commercio
Discurso Elpido Mesquita -Deputado
Expediente – Francisco F. de Albuquerque

GAZETA CATHARINENSE

Data	Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
09/06/1908	Batidas de Índios	
03/11/	Blumenau/Índios	

Correio da Manhã

A ÉPOCA

Data	Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
07/10/1911	Dr. Cândido Rondon	Tenente-Coronel Rondon
02/12/	Catechese Leiga	Entrevista Dr. Pedro Toledo
09/12/	Glossas- Acatechese dos Índios	Glossateur
04/07/1914	Blumenau	
27/11/1915	Assalto de Bugres	

ITAJAI

NOVIDADES

Data	Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
05/06/1904	Carnificina nos Bugres	Echos
25/11/	Notícia de Brusque- grupo para afugentar Bugres...	Noticias
01/01/1905	Volta de Batedores do Mato...	
15/01/	Batismo de 5 cinco pequenos indigenas...	
15/01/	Noticias de Francisco Topp (Botocudo)...	
22/01/	Ataque em Angelina...	
09/07/	Bugres parecem em Pouso Redondo...	<i>Der Urwaldsbote</i>
23/07/	Ainda Mais Um Ataque de Bugres	
27/08/	Ataque acima de Pouso Redondo...	<i>Der Urwaldsbote</i>
17/09/	Regresso de 10 praças que asseguravam passagem de tropeiros...	
29/10/	Bugres atacam tropeiros...	<i>Der Urwaldsbote</i>
19/11/	O problema dos Indigenas	
19/11/	Telegrama de Blumenau- ataque a colono...	<i>Blumenauer Zeitung</i>
03/12/	Crianças e mulheres aprisionadas por Marcelino Martins...	<i>Der Urwaldsbote</i>
18/02/1906	Ataque de selvícolas na estrada de Blumenau para Curitiba...	
05/01/1907	Martinho Bugreiro e silvícolas recolhidos em Convento...	<i>Blumenauer Zeitung</i>
13/01/	Bugres aparecem em Brusque	

10/03/	Catechese dos Selvicolas	Noticias/Gottlieb Reif
10/03	Criação da Liga ...	
17/03/	Chegada de Alberto Fric...	
24/03/	Catechese em Blumenau	Secção Livre/ Alberto Fric
28/04/	Francisco Topp viagem à Roma...	
05/05/	Governo envia p/ Blumenau dinheiro para manter "bugres" capturados...	
05/06/	Ataque em Trombudo...	
08/06/	Defesa pessoal contra Gottlieb Reif...	Secção Livre/ Alberto Fric
23/06/	Resposta de Gottlieb...	Gottlieb Reif
09/07/	Albert Firc volta de excursão a Palmas...	
22/09/	Pedro Trompowski defende Fric...	
20/10/	Busca de vestígios de silvicolas para estudos etnográficos...	Max José Schumann
05/03/1908	Superintendente Alvin Schrader: não a gente de cor em Blumenau...	
05/03/	Dr. Hugo Gensch organiza vocabulário de palavras Botocudas....	
29/03/	Índios e Agozes	Der Urwaldsbote
12/04/	Dr. Hugo Gensch :denúncias e depoimento...	
06/09/	Assalto dos Bugres na linha Moema...	
11/10/	Bugres aparecem em Pouso Redondo...	
08/11/	Assalto de Bugres em Pinhazinho ...	
22/11/	Bugres aparecem em Rio Oeste ...	
06/12/	Detalhes do Assalto em Rio do Oeste...	
10/01/ 1909	Missionários vão surpreender os Índios...	
31/01/	Educação de uma criança indígena	
21/03/	Ataque de Bugres	
05/09/	Ataque...	
26/12 /	Assalto de Bugres na estrada Blumenau a Lages...	
02/01/1910	Terrível assalto de selvagens em Curitibaos...	
30/10/	Lembrança de ataque de Bugres em Camborítú, em 1835...	
20/11/	José Rodrigues trás 40 Bugres...	
27/11/	José Rodrigues faz r presente de flechas ao Presidente da Provincia...	
04/12	José Rodrigues promove o conto do vigário...	
25/12/	Ataque de silvicolas à colônia Hansa...	
15/01/ 1911	O Perigo Vermelho	
15/jan/	Inquérito sobre morte de colono e duvidas sobre autoria de Bugres...	
20/01/	Os Bugres no Ribeirão do Ouro...	
29/01/	O Caso Plerz	

12/02/	Os Bandidos Vermelhos do Contestado	
12/02/	Ainda os Coroados	
12/02/	Transferencia da sede da Inspeçtoria de Catequese dos Índios para Blumenau...	
28/05/	Ataque no lugar Santa Maria...	
05/06/	Tenente Vieira da Rosa- construção de posto de vigília em Hansa...	
25/08/1912	Chegada do sr. Abbot chefe do serviço de catequese...	
25/08	Sr. Abbot passa por Blumenau acompanhado de Índios...	
25/09/	Índios ao redor de Pouso Redondo...	
25/09/	Pouso Redondo	
01/12/	Catequese dos Silvícolas	Do O Dia

O PHAROL

Data	Título Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
13/01/1905	Selviculas	
04/02/	Ataque em Ribeirão do Ouro...	Do O Dia
04/ 02/	Batismo de crianças...	
07/04/	Catequização...	M.F. Miranda
10/08/1906	Guarany – tribo e teatro...	
08/02/1907	A Catechese dos Índios	
21/08/1908	Exposição Nacional...	
22/07/1910	Exposição brasileira em Berlin...	

BLUMENAU:

Blumenauer Zeitung

Data	Título Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
07/02/1906	Ataques em Pouso Redondo...	
24/02/	Homens feridos morrem...	

31/03/	Caçadores de Bugre	
14/04/	Assalto de Bugres	
18/08/	Bugres	
03/11/	Ataque de Bugres	
29/12/	Chegada de Martinho Bugreiro	
05/01/1907	Bugres	
10/02/	Bugres	
26/01/	Ataque de Bugres	
02/02/	Liberdade que eu prezo	
02/03/	Ataque em Pombas	
08/06/	O Primeiro Passo	
27/07/	Novamente Fric	
03/08/	Domador de Bugres	
28/03/1908	Dando resposta ao redator do <i>Der Urwaldeboste</i>	Dr. Hugo Gensch
18./03/	Os Índios e seus Carrascos	
07/11/	Albert Fric	

Der Urwaldebost

Data	Título Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
29/ 03/ 1908	Como efetuar a catequização dos Indígenas	
09/11/ 1913	O resultado da catequese em Santa Catarina	
28/07/ 1923	A pacificação de 1914 até 1923	

JOINVILLE:



Data	Título Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
14/ 01/ 1908	Ataque em Blumenau: relato de experiência	

17/03/ Os Botocudos no Sul do Brasil
 19/03/ Os Botocudos no Sul do Brasil
 24/03/ Os Botocudos no Sul do Brasil
 26/03/ Os Botocudos no Sul do Brasil
 31/03/ Os Botocudos no Sul do Brasil

CATIMÁ DE JOINVILLE

Data	Título Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
15/01/1893	Jornais	
12/02/	Imprensa	
25/06/	Exposição de Chicago	
15/01/1910	Assalto de Bugres	
17/09/	Perigo alemão	
08/10/	Catechese dos Índios	
08/10/	Imigrantes	
18/12/	Catechese de Índios	
31/12/	Reunião de naturalistas e médicos alemães- Alemanha	
07/01/1911	Situação Política: Herclito processo contra fechamento do Gazeta Catharinense	
21/01/	Exposição de Bruxelas: participação do Brasil	Noticias Locaes
18/02/	Um Povo Singular - Indígenas das Ilhas Melanésia	Noticias Diversas
25/02/	Coroados atacam e matam - Blumenau	
11/03/	Fundação de Joinville	
06/04/	O sul do Brasil- A remodelação nacional opera-se do sul para o norte	
08/07/	Batida dos Bugres	
28/07/	Congresso de Jornalistas	Convite
06/04/1912	O Sul do Brasil: a remodelação opera-se	
28/09/	Inquérito Policial de Pouso Redondo	
21/12/	Perigo Alemão	
28/12/	Entre os Índios	
18/02/1913	Muda o corpo redator do Novidades	

COMMERÇO DE JOINVILLE

Data	Título Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
28/10/1900	Os Interesses Allemaes no Brasil	Noticiário
17/06/1905	Imprensa local oferece almoço a Imprensa de Florianópolis	
10/01/1906	Sevicolos	
29/01/	Colonia Hansa	
18/08/	Congresso Pan-Americano	
01/09/	Bugres	
17/11/	Índios	
22/12/	Liga Patriótica	
16/03/1907	Capitão do Matto	
25/05	Um Sacerdote Indígena	
15/06/	Problema Social	
07/09/	Independência ou Morte	
12/10/	Falta de Segurança	
08/08/	Imigração Allemã	
06/03/ 1909	Nova officina typographica Jordan	
11/09/ 1910	Protecção aos Índios	
11/02/1911	O progresso de Joinville	
13/05/	Bugres	
20/05/	Bugres	
16/11/1912	Não há mais Negros	
15/02/ 1913	A Civilisação	Folhetim

LAGUNA

PHAROL

Data	Título Artigo/ Assunto do Texto	Coluna/Autor
19/06/1891	Os Bugres	

BIBLIOGRAFIA

Livros

BAHIA, Juarez

1990. **Jornal, História e Técnica. História da Imprensa Brasileira. Vol.1.**
4.ª Ed. São Paulo: Ática.

BERGER, Peter L.

1985. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.**
São Paulo: Paulinas.

BIGIO, Elias dos Santos.

2000. **Cândido Rondon: A integração nacional.** Rio de Janeiro:
Contraponto: Petrobrás.

BINDER, Frei João Capistrano.

1950. "Imprensa e Publicidade". In. **Centenário de Blumenau-
1850, 2 de setembro, 1950.** Blumenau: Comissão de Festejos.

BOITEUX, Lucas Alexandre.

1911. **Notas para a Historia Catharinense.** Florianópolis:
Typ. A vapor da Livraria Moderna.

BURKE, Peter.(org.)

1992. **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da
Universidade Estadual Paulista.

CABRAL, Oswaldo R.

1987. **História de Santa Catarina.** 3ª.ed. Florianópolis.

CATHARINO, José Martins.

1995. **Trabalho Índio em Terras de Vera Cruz ou Santa Cruz. Tentativas de
Resgate ergonológico.** Rio de Janeiro: Salamandra.

→ CHARTIER. Roger.

1990. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro:
Bertrand /Difel.

CLASTRES, H elene.

1978. **Terra Sem Mal e Profetismo Tupi: Guarani.** S ao Paulo: brasiliense.

COSTA, Emília Viotti da .

1985. **Da Monarquia   República. Momentos decisivos.** 3^a Ed. S ao Paulo: brasiliense.

DALCIN, Ignácio.

1993. **Em Busca da Terra sem Males.** Porto Alegre:Edi es EST/Palmarica.

DEEKE, José.

1995. **O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento.** Blumenau: Nova Letra.

DELEUZE, Gille e GUATTARI, Félix.

1997. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 5 S ao Paulo: Editora 34.

ELIAS, Norbert.

1994. **O Processo Civilizador. Volume 1: Uma História dos Costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zaar,

FICKER, Carlos.

1965. **História de Joinville:subsídios para a cr nica da Colônia Dona Francisca.** Joinville.

FOUCAULT, Michel.

1996. **A Ordem do Discurso.** S ao Paulo: Loyola.

FREITAS, Patrícia.

1997. **Margem da Palavra, Silêncio do Número. O negro na historiografia de Santa Catarina.** (Disserta o de Mestrado em História) UFSC.

GRAF, Márcia E.G.

1981. **Imprensa Periódica e Escravidão no Paraná.** Curitiba: Grafipar.

HERKENHOFF, Elly.

1998. **História da Imprensa Joinville.** Florianópolis:Ed.UFSC/Joinville: Funda o Cultural de Joinville.

HUNT, Lynn.

1992. **A Nova História Cultural.** S ao Paulo: Martins Fontes.

KIESER. Daércio.

1992. **Um Discurso para Justificar a A o Bugreira.**(Trabalho de Conclusão de Curso) Florianópolis: UFSC.

KLUG, João.

1994. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina. A Comunidade Alemã de Desterro-Florianópolis.** Florianópolis:Papa Livro.

KOCH, Ingelore Starke.(org).

1999. **Brasil: outros 500. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular.** São Leopoldo:Sinodal, COMIN, IEPG.

LEVI-STRAUSS. Claude.

1970. "Raça e História". In. COMAS, Juan e outros. **Raça e Ciência I.** São Paulo:Perspectiva.

LIMA, Antônio Carlos de Souza.

1995. **Um Grande Cerco da Paz: Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil.** Petrópolis/RJ: Vozes.

LISBOA, Karen Macknow.

1997. **A Nova Atlântica de Spix e Martuis.natureza e civilização na Viagem pelo Brasil(1817-1912).** São Paulo:Ed. HUCITEC.

MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira (orgs).

1994. **Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, etnicidade, história.** Canoas:Ed. ULBRA.

MAGALHÃES, Couto de. (general).

1976. **O Selvagem.** Edição Comemorativa do Centenário da 1ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

MARTINS, Pedro.

1995. **Anjos de Cara Suja.** Petrópolis, RJ: Vozes.

MEIRINHO, Jali.

1997. **República e Oligarquia. Subsídios para história catarinense.1889-1930.** Florianópolis: Insular.

MATOS, Jacinto Antonio.

1917. **Colonização: Dados Históricos e Estatísticos (1640-1916).** Florianópolis: Typ. "O DIA"/ Secretária Geral dos Negócios do Estado,

MONTEIRO, Jonh M.

1995. "O desafio da história indígena no Brasil". In: SILVA, AracyL. (org.) **A Temática Indígena na Escola.** Brasileira: MEC/MARI/UNESCO.

MONTOYAMA, Shozo.

1994. **Tecnologia e Industrialização no Brasil. Uma perspectiva histórica.** São Paulo. Ed. Da Universidade Estadual Paulista.

MORAES, Laura do Nascimento R.

1985. **Catálogo Analítico Descritivo dos Jornais de**

Florianópolis (1854-1914):o jornal como fonte histórica. (Dissertação de Mestrado em História) UFSC.

ORLANDI, Eni P.

1990. **Terra a Vista. Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo.** São Paulo: Cortez ; Campinas,SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas.

1996. **Discurso e Leitura.** 3 ed. São Paulo: Cortez ; Campinas, SP : Editora da Universidade Estadual de Campinas.

1996. **A Linguagem e seu Funcionamento. As formas do Discurso.** 4 ed. Campinas,SP : Pontes.

1999. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas, SP: Pontes.

PARAISO, Maria Hilda.

1992. "Os Botocudos e sua Trajetória Histórica". In. CUNHA, Manuela Carneiro. **História dos índios do Brasil.** São Paulo: companhia das Letras.

PEDRO, Joana Maria.

1994. **Mulheres Honestas, Mulheres Faladas.** Florianópolis:Ed. UFSC,

1995. **Nas Tramas Entre Público e Privado. A Imprensa de Desterro no século XIX.** Florianópolis; Ed. UFSC.

RIBEIRO, Darcy.

1986. **Os Índios e a Civilização. A integração das populações indígenas no Brasil.** 5ª Ed. Petrópolis:Vozes.

RICHTER, Klaus.

1986. **A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1887 e a Colonização do Interior de Joinville e Blumenau.** Florianópolis:Ed. UFSC/Blumenau:Ed. FURB.

RIEDL, Titus.

1997. **Um olhar romântico-selvagem": índios do Brasil através da lente fotográfica-séculos XIX e XX.** Texto mimeografado. Comunicação ANPUH Nacional/ Belo Horizonte.

RIZZINI, Carlos.

1997. **O Jornalismo antes da Tipografia.** São Paulo: Companhia Editora Nacional.

SANTOS, Silvio Coelho dos Santos.

1975. **Nova História de Santa Catarina.** Florianópolis.

1987. **Índios e Brancos no Sul do Brasil: A dramática experiência dos Xokleng.** Porto Alegre:Movimento; Minc./Pró-Memória/INL.

SCHAFASCHEK, Rosicler.

1997. **Educar para Civilizar e Instruir para Progredir. Análise de artigos divulgados pelos jornais de Desterro na década de 1850.** (Dissertação de Mestrado em Educação). Florianópolis: UFSC.

SCHLICHTING, Aida Melo.

1989. **Catálogo Analítico Descritivo dos Jornais de Florianópolis (1914- 1930):o jornal como fonte histórica.** (Dissertação de Mestrado em História). Florianópolis. UFSC.

SCHWARCZ, Lilia Moritz.

1987. **Retrato em Branco e Negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras.

1993. **O Espetáculo das Raças. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras.

SCHWARCZ, Lilia Moritz & QUEIROZ, Renato da Silva (orgs).

1996. **Raça e Diversidade.** São Paulo: Edusp.

SEYFERTH, Giralda.

1981. **Nacionalismo e Identidade Étnica.** Florianópolis: FCC.

SCHEIBE, Fernando.

Sem data. **Ofícios dos Delegados e Sub-Delegados de Polícia ao Presidente da Província de Santa Catarina(1842-1892).** Série Filológica do Núcleo de Estudos Portugueses. Florianópolis:UFSC. Mimiografado.

SHANDEN, Ego.

Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. São Paulo: EPU/EDUSP.

SIEBERT, Itamar.

1995. **Um biênio de provações e entusiasmos nas origens do jornalismo Catarinense (1855-1856):entre a polêmica política e o processo civilizador** (Dissertação de Mestrado em História) Florianópolis, UFSC.

SILVA, José Ferreira da.

1977. **História da Imprensa em Blumenau.** Florianópolis:IOESC/Edição do Governo do Estado de Santa Catarina.

SODRÉ, Nelson Werneck.

1983. **História da Imprensa no Brasil.** 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.

VEIGA, Eliane Veras.

1993. **Florianópolis: Memória Urbana.** Florianópolis: Ed. UFSC/ Fundação Franklin Cascaes.

VIDOR, Vilmar.

1995. **Indústria e Urbanização no Nordeste de Santa Catarina**. Blumenau: Editora da FURB.

Periódicos, Textos e Artigos

1998. *Pastor Hermann Faulhaber*. In. **Blumenau em Cadernos** Tomo XXXIX, n.06, junho.

1999. *A Colônia Hansa*. In. **Blumenau em Cadernos** Tomo XL, no. 3, abril.

ALENCASTRO, Luis Felipe de & RENAUX, Luiza.

1997. "Caras e Modos dos Migrantes e Imigrantes". In. ALENCASTRO, Luis Felipe de (org). **História da Vida Privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional**. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras.

CABRAL, Oswaldo R.

1980. "Imprensa e Partidos Políticos". In. PEREIRA, Moacir. **A Imprensa em Debate**. Fpolis: Lunardelli/ assembleia Legislativa.

FALCÃO, Luis Felipe.

1999. "A Guerra Interna (Integralismo, nazismo e nacionalismo)". In. BRANCHER, Ana. **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas.

FROTSCHER, Meri .

1999. "Encantos e Desencantos: novos meios de transporte no início do século em Blumenau." In. **Blumenau em Cadernos**. Tomo XI - N. 7 – julho.

GARFIELD, Seth.

2000. "As Raízes de uma planta que é hoje o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas". In. **Revista Brasileira de História. Brasil,Brasis**. São Paulo: ANPUH/Humanistas Publicações, vol.20, nº 39.

KILIAN, Frederico.

1978. "Eugen Fouquet, o jornalista batalhador e político". In. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XIX, n. 9, setembro.

LIMA, Antônio Carlos de Souza.

1992. "O Governo dos Índios sob a gestão do SPI". In. Cunha, Manuela Carneiro da. **História dos Índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.

MARIANI, Bethania S.C.

1993. "Os Primórdios da Imprensa no Brasil.(ou: de como o discurso jornalístico constrói memória)". In. Orlandi, Eni. (org) **Discurso Fundador. A formação do País e a construção da Identidade Nacional**. Campinas, SP: Pontes.

MORANT, G.M.

1972 "As Diferenças Raciais e seu Significado". In. DUNN, L.C e outros. **Raça e Ciência II**. São Paulo: Perspectiva.

SANTOS, Silvio Coelho dos Santos.

1997. "*Fric, a "Liga Patriótica" e os Índios*". In. **Anais do congresso de História e Geografia de SC**. 04 a 07 de setembro de 1996. Fpolis: CAPES/MEC.

SEYFERTH, Giralda.

1996. "Construindo a Nação: Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização." In. MAIO, Marcos C. (org.) **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz.

SILVA, Telma Domingues.

1998. "Referências de leitura para o leitor brasileiro na imprensa Escrita". In: Orlandi, Eni Puccinelli (org.) **A Leitura e os Leitores**. Campinas/SP: Pontes.

WEIMER, Günter.

1974. "A Imigração alemã vista através de algumas teorias racistas brasileiras". In. **Anais do I Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**, 1973. São Leopoldo: IHSL, pp. 69 – 83.

WOLFF, Cristina S.

1994. "Historiografia catarinense: uma introdução ao debate". In. **Revista Catarinense de História**. n.02. Florianópolis; Terceiro Milênio.

SERPA, Élio Cantalício.

1996. "A Identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina". In. **Revista de Ciências Humanas**. v. 14, n. 20.

VIGNA, Dalva del.

1993. "Discurso de Resistência Indígena" In. **Universa, Brasília**. VI. 1, n. 1 Outubro. Brasília.

O Índio no Discurso da Imprensa Escrita. mimeografado, Brasília, s/d